

TELEX/DL

O DRAMA DA MINORIA BIHARI

Aos sete anos, Saida Banu tem fome, está emocionalmente marcada e é extremamente infeliz. E isto por ser uma Bihari.

Os Biharis são uma minoria odiada no Bangla Desh, o novo país sul-asiático surgido da guerra que em Dezembro opôs a Índia ao Paquistão.

Há razões para o ódio aos Biharis, mas a situação da pequena Saida é mais importante.

Há alguns dias o seu irmão morreu, mas ela não

Por
LEON DANIEL
UPI/ANI/DL

sabe porque. Mesmo o maltratado médico Bihari do campo onde Saida vive como um animal ignora a razão da morte do rapaziño.

«Provavelmente por nutrição deficiente» — declara ele.

Saida recebe da Cruz Vermelha do Bangla Desh uma ração diária de 170 gramas de trigo. Uns dias são melhores do que outros, mas não muito.

«A minha avó deu-me hoje arroz» — afirma a rapariguinha. «E é bom, porque gosto mais de arroz do que de trigo».

Os Biharis do Bangla Desh, cujo número excede o meio milhão, não têm pátria. Nem os vencedores nem os vencidos os querem. Por isso, juntam-se para se protegerem em alguns dos «ghettos» mais miseráveis do Mundo.

Saida e mais 48 mil Biharis vivem num complexo de oito campos em Mohmmadpur, um subúrbio de Dacca. Embora sejam vigiados por policiais bengalis armados de espingarda, alguns Biharis falam livremente das suas condições de vida.

«Aqui, uma pessoa em cada cinco sofre de icterícia» — afirma Anwar Egbal, um Bihari que era engenheiro civil antes de começar em Março do ano passado, a luta dos Bengalis pela independência.

Como não-bengalis, apoiaram o Paquistão durante a luta pela independência e por isso não têm agora acesso a nenhum emprego.

«Os adultos recebem 340 gramas de trigo por dia. As crianças, metade» — afirma Egbal.

«Precisamos de arroz, de legumes, de lenha e de vestuário» — segundo Egbal, a desinteria grassa na região, mas a cólera foi evitada pelas vacinações em massa.

«As pessoas nos campos não têm empregos e

Continua na p. 2

A Líbia encomendou a França 110 caças "Mirage" e já recebeu 45. Israel tenta impedir que receba os restantes.

FUSÃO COM A LÍBIA AUMENTA PODERIO EGÍPCIO

«A decisão anunciada de uma união do Egipto e da Líbia tem foros de histórica e contribuirá para reforçar a determinação e o poder da nação árabe contra o ini-

migo sionista» — declarou hoje Sayyed Nofal, secretário-geral adjunto da Liga Árabe. A fusão poderá aumentar significativamente o poderio aéreo dos árabes e de-

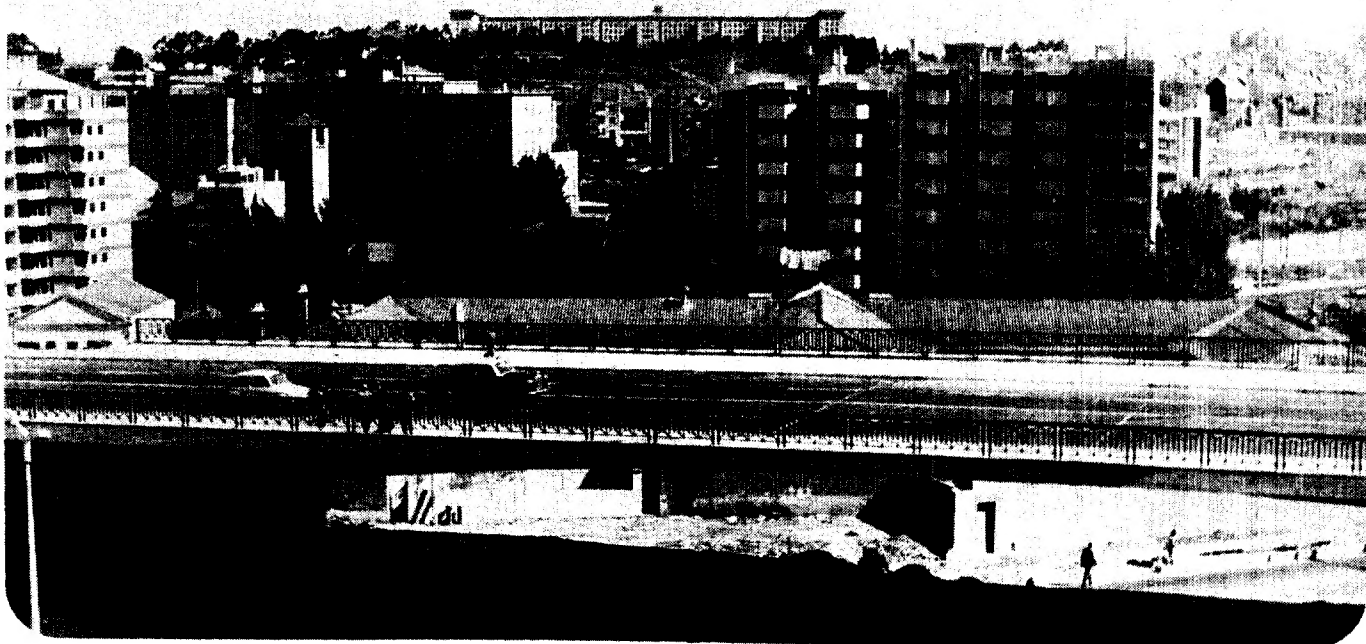
sencadear novas exigências israelitas aos Estados Unidos para o fornecimento de mais bombardeiros que garantam um equilíbrio militar na área. Os 45 caças «Mira-

ge» de que a Líbia dispõe já o poderio aéreo árabe, no momento em que Moscovo se recusa a fornecer ao Egipto armas mais aperfeiçoadas. (ANI / DL).



Sadat e Gaddafi anunciam a fusão (UPI / Telimprensa / DL)

LISBOA TEM NOVO VIADUTO



O novo viaduto sobre a Avenida Calouste Gulbenkian, que vem colmatar grave lacuna na circulação da cidade, descongestionando o trânsito na zona da Praça de Espanha, foi esta manhã inaugurado pelo presidente do Município, eng. Santos e Castro. A abertura ao tráfego da nova ponte, estabelecendo ligação directa entre Sete Rios e a Rua Marquês da Fronteira

e o estabelecimento de sentidos únicos no Bairro Azul, permite dispensar em muitos percursos a utilização daquela Praça. Logo após o acto inaugural começaram a circular numerosos veículos em ambos os sentidos, a atestar o interesse do público pelo importante melhoramento. (NA PÁGINA OITO).

RESUMO

- A política do presidente Nixon para o Vietname foi alvo da censura mais áspera, por parte dos congressistas, com uma votação sem precedentes no Senado para suspender fundos destinados a futuro envolvimento militar americano na Indochina. A medida é no entanto condicionada pela libertação dos prisioneiros americanos.
- Desenvolvem-se gestões para que os terrenos ocupados pelo actual aeroporto de Lisboa sejam aproveitados para a construção civil quando entrar em funcionamento o novo aeroporto de Rio Frio.
- Perto de dois terços dos ingleses estão descontentes com a atitude do governo de Edward Heath nos recentes conflitos sociais — revela uma sondagem de opinião publicada pelo «Daily Mail». Se houvesse agora eleições gerais, os trabalhistas bateriam os conservadores por larga margem. A sua vantagem é de 9,5 por cento.

HOJE: 32 PÁGINAS

DL/GERAL

O DRAMA DA MINORIA BIHARI

Continuação da Pág. 1

«... não têm, assim, nenhum rendimento» — declara o antigo engenheiro.

Para obter dinheiro para várias necessidades básicas, como sal e alguns legumes, os Biharis fixados nos campos começaram já a vender metade da sua ração de trigo aos bangalis. Quanto aos seus bens, foram já quase todos vendidos.

Poucos Biharis se aventuraram a sair dos campos para procurar empregos, a grande maioria tem medo de abandonar a protecção, por muito diminuta que ela seja, que encontram nos «ghettos».

Embora reconheçam que as condições são agora melhores do que o eram há alguns meses, os Biharis afirmam que os Bangalis atacam ainda de vez em quando os campos, para os raptar, assassinar e espancar.

«Veem à noite em grupos de cinco a oito» — afirma Xaood Alam, de 29 anos, que antes da luta era jornalista num jornal de Dacca, publicado em URDU, a língua do Paquistão.

Alam desmente as afirmações do governo, de que os Biharis já não morrem nos campos por deficiência alimentar ou por doença.

«Ainda morrem todos os

meses entre oitenta a cem pessoas» — afirma ele.

Não há dúvida de que os Bangalis, desde o homem da rua até aos funcionários do governo e do partido governante, a Liga Awami, pretendem vingar-se daqueles que eles consideram «os colaboradores cionistas».

«Alguns certamente serão julgados como colaboradores» — declara Zillur Rahman, secretário geral da Liga, que desmente haver uma campanha preconcebida com o fim de aniquilar os Biharis.

Quando lhe perguntaram se Bangalis ávidos de vingança ainda atacavam os campos de Biharis, Rahman reconheceu que ainda se estavam «a dar alguns incidentes, embora poucos».

MORTO EM CIRCUNSTÂNCIAS ESTRANHAS

No lugar de Quelba do Peneiro, próximo de Santa Luzia, do concelho de Viana do Castelo, foi encontrado morto e com ferimentos profundos na nuca, o agricultor António Sampaio, de 45 anos, natural de Anha e residente na freguesia de Carreço.

Junto do cadáver foi encontrado um saco muito pesado, com rações para gado e, em virtude de o local ser muito íngreme, tudo leva a crer tratar-se de um acidente. Não obstante, a P. S. P. local procede a investigações no sentido de esclarecer as circunstâncias da ocorrência.

O corpo foi depositado na casa mortuária do hospital de Viana do Castelo, onde aguarda autópsia.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por União Desportiva e Recreativa Sambrazense. Largo de S. Sebastião, 12-16 — S. BRÁS DE ALPORTEL

ENCERROU O II COLÓQUIO DE ARQUEOLOGIA

O II Colóquio Nacional Juvenil de Arqueologia encerra-se esta tarde com a presença do subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, depois de uma última sessão de trabalhos que esta manhã decorreu, como habitualmente no Liceu D. João de Castro.

Durante a sessão da manhã, foram apresentadas comunicações sobre «Oleiros e Pintores na Cerâmica Grega», «paleontologia da África Oriental», «Arqueologia de Beja» e «Lixus, Empório do Magrebe». Depois do almoço reuniram-se as comissões para a elaboração das conclusões posteriormente apresentadas na sessão de encerramento.

Amanhã, os participantes do Colóquio, que foi promovido pelo Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado para a Juventude, partem para uma visita a Miróbriga, templo de Diana, Évora e Teatro Romano de Mérida.

CASA DO POVO PARA ALTE

O subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência inaugurará amanhã a Casa do Povo de Alte, no distrito de Faro, onde se reunirá com dirigentes corporativos e funcionários do Ministério das Corporações. Visitará em Faro a Caixa de Previdência e Abono da Família, e, na Casa do Povo de Conceição (Tavira) reunirá-se com os dirigentes das Casas do Povo do distrito. Durante a tarde presidirá a uma reunião de trabalho com delegados do INTP dos distritos da Região Plano Sul.



PARA REPRESENTAR PORTUGAL

NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA



FOI A ENTERRAR O JORNALISTA JOSÉ SALSA



Foi a enterrar esta tarde, o jornalista do nosso colega «O Século», José Salsa, que ontem faleceu no Hospital de Santa Maria, onde fora, há dias internado de urgência, acometido por grave acidente cardíaco.

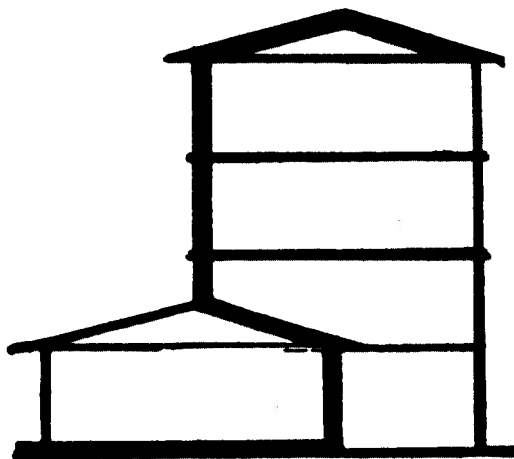
Nascido em Lisboa em 15 de Julho de 1909, José Joaquim Moreira Salsa viria a ingressar nos quadros do pessoal de «O Século» aos 24 anos como escrivão da secretaria-geral e auxiliar do arquivo. Em Fevereiro de 1943 ingressa no quadro redactorial, continuando a profissão de seu pai, que se notabilizara como repórter do mesmo jor-

nal. Em Março de 1966 ascendeu à categoria de redactor tendo sempre consagrado especial interesse às actividades relacionadas com a vida marítima, pleiteando causas de interesse para a valorização da marinha mercante e as instalações e serviços portuários, além dos problemas do pessoal do mar.

Tal como seu pai, que fora colaborador do industrial Alfredo Silva, José Salsa manteve-se de algum modo ligado ao grupo de empresas C.U.F., no campo das relações públicas. Fez parte dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Jornalistas, da Casa da Imprensa e da Caixa de Reformas.

José Salsa deixa viúva a sr.ª D. Idalina Vicente Martins Salsa. Era pai da sr.ª D. Ana Maria Martins Salsa.

COMUNICADO



SOCASPRE

tem o grato prazer de informar que lhe foram confiados os trabalhos de terraplenagem e execução da

NOVA UNIDADE INDUSTRIAL para a

TRIA CO — TRANSFORMADORA DE AÇOS, SARL —

a ser edificada em FOLGOSA — MAIA

SOCASPRE — sede — Rua Luciano Cordeiro, n.º 18, 4.º — LISBOA

delegação — Rua Formosa n.º 82, 2.º — PORTO

filiais — LUANDA — ANGOLA — RIO DE JANEIRO — BRASIL

EDUCAÇÃO DO ULTRAMAR

A IX reunião anual extensiva do Gabinete de Estudos da direcção-geral de Educação do Ultramar prosseguiu hoje, no salão nobre do Ministério do Ultramar, sendo relator o director provincial dos serviços de educação de Moçambique. O tema hoje posto à discussão versou sobre «Revisão da orgânica dos Serviços Provinciais de Educação em face da acelerada escolarização no Ultramar».

Nas sessões de ontem participaram o chefe do departamento do ensino particular de Angola, o inspector adjunto do ensino particular da inspecção-geral do ensino particular do MEN e o director de serviços da direcção-geral da Administração Escolar. Os debates, orientados pelo director-geral de Educação, tiveram a intervenção dos secretários provinciais de Educação de Angola e Moçambique e da representante do ensino particular.

A sessão de encerramento realizou-se à depois de amanhã, pelas 11 e 30 horas, com a presença do ministro do Ultramar.

A indústria da música

A indústria dos discos reveste-se de uma especial importância em Itália, que, até há alguns anos, contava com cerca de 300 casas editoras de discos. Actualmente, apesar de numerosas fusões, contam-se mais de 60 casas com uma actividade notável, tendo uma dezena delas renomes e uma divulgação mundial dos seus produtos.

A Itália possui os requisitos necessários a tal actividade, dispondo de cerca de 2000 cantores, de 500 autores notoriamente conhecidos e de cerca de 6000 orquestras, além de pequenas orquestras de música ligeira, totalizando 40 mil executantes. Querendo juntar outros elementos que, de um modo ou de outro, trabalham ou encontram ocupação nas fábricas de disco e nas discotecas, pode-se calcular um total de quase cem mil pessoas que vivem à volta desta indústria em Itália, onde são editados anualmente mais de 15 mil discos, exportados para todo o mundo.

Este especial género de produção beneficia, aliás, duma extraordinária corrente de exportação invisível, devido aos 30 milhões de turistas que visitam a Itália, e que são os maiores clientes de discos da música e da canção italianas.

Sete por cento

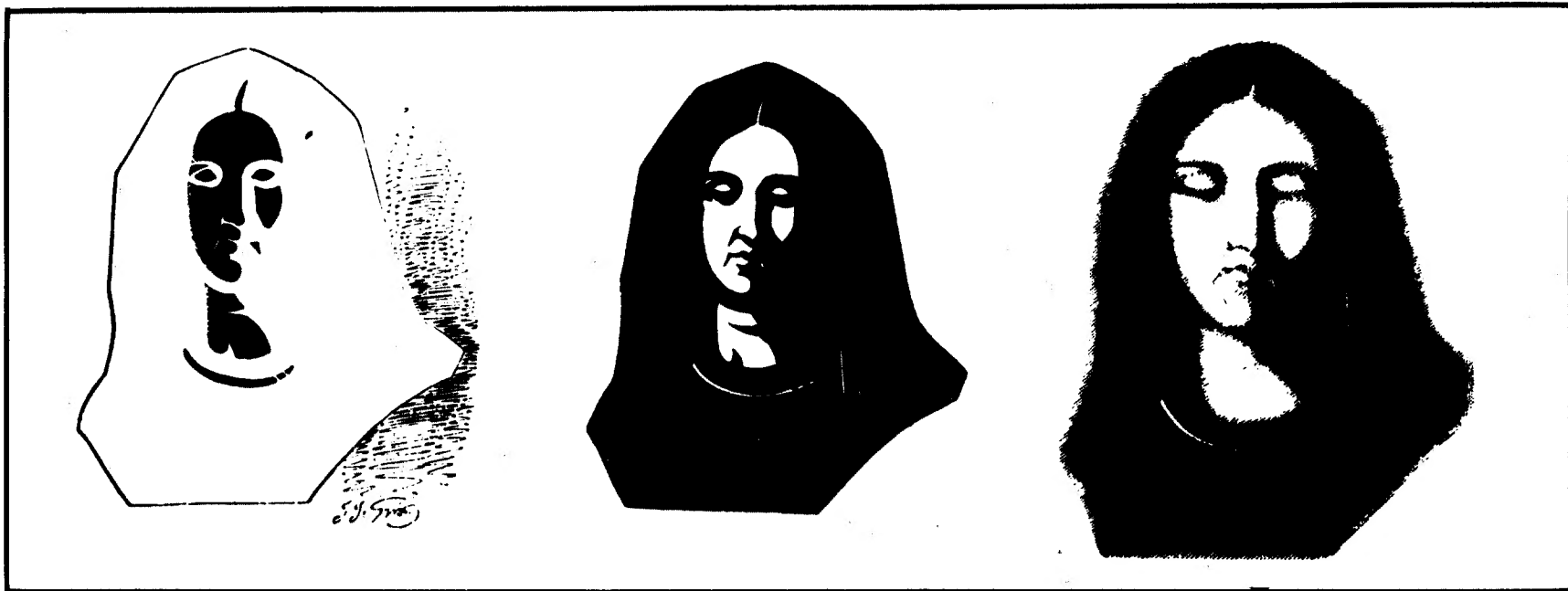
Em meados de Maio trabalhavam na Áustria 175 187 trabalhadores estrangeiros, o que representa sete por cento de toda a mão-de-obra empregada actualmente no país. Segundo informa o Serviço Central de Estatística austríaco, os trabalhadores estrangeiros alcançaram as seguintes percentagens nas nove províncias daquele país: Burgenland, 1,9 por cento; Caríntia, 3,2 por cento; Baixa Áustria, 5,3 por cento; Alta Áustria, 4,8 por cento; Salzburgo, 11,3 por cento; Estíria, 3 por cento; Tirol, 6,7 por cento; Vorarlberg, 11,2 por cento e Viena, 9,3 por cento. Supõe-se que o número de trabalhadores estrangeiros empregados na Áustria ascenderá, em fins do ano corrente, a 200 000 pessoas.

Acertar os relógios

A Comunidade Económica Europeia e a Suíça firmaram um acordo que deverá permitir às indústrias relojoeiras instaladas no Jura francês e na Sabóia (França) e ainda na Floresta Negra (Alemanha) e no Piemonte (Itália), um aumento das suas vendas de peças para relógios no mercado suíço.

Este acordo foi celebrado após a reunião da Comissão de Relojoaria, na qual o delegado do Conselho Federal Suíço para os Acordos Comerciais anunciou que a legislação helvética havia sido alterada e reduzida a proporção obrigatória de peças de origem suíça a incorporar em cada relógio (desde que exista uma equivalência de qualidade entre as peças importadas e as peças suíças). Esta alteração, que facilita o acesso ao mercado suíço, é aceite em princípio pela CEE.

Nos termos da nova lei, que entrou em vigor já este ano, são considerados «Swiss made» os relógios que obedeçam às três condições seguintes: os seus mecanismos devem ser montados na Suíça; os relógios devem ser postos em funcionamento, regulados e controlados na Suíça; 50 por cento das suas peças — excluindo o custo da montagem — devem ser de fabrico suíço.



ISABEL DA NÓBREGA

QUADRATIM

AS BOAS CAUSAS

Foi o retrato um pouco amanchado, com a película colorida cheia de vergões de múltiplas andanças — não o sabia misturado nos papeis enfiados há anos dentro de um saco de plástico em que não voltara a tocar mas que sofrera alguns baldões — foi este pequeno retrato no jardim de Flaubert em Croisset (Rouen, Normandia), que serviu de detonador. Dele partiram evocações literárias porque a leitura dos seus romances, e sobretudo a dos três volumes da correspondência com Louise Collet, faz parte das grandes descobertas e dos grandes ferveores que não julgamos possíveis passada a adolescência. Creio tê-los lido na idade certa, ai pelos vinte e cinco anos. Mas não se pense que me encaminho para essa memória de leituras

e livros. Não se me entade pois o leitor de jornal, um certo leitor, aquele que, mesmo quando se quer «culto», ou «lido», ou viajado, tem secretamente para si que o enunciado de títulos de romances — especialmente se se trata das grandes obras universais revela sempre uma ponta de exibicionismo (!), tem o seu quê de gabarolice (!), denota sempre a ambição de um «brilharete» (!) Juízo que me espanta, atitude mental que rejeito, mas que sou obrigada a aceitar como real, de tanto nela tropeçar. Também não vou hoje proceder à análise desse fenómeno. Fica para outra vez.

A memória de leitura e de livros, que logo se transforma em reflexão, raro a comunicar por escrito. Assim, fácil se torna vencer a tentação que veio pelo retrato no jardim, de discorrer acerca dos livros de Flaubert, que é o mesmo que dizer acerca da malvada da «literatura».

Desvio, decidida, tudo o que provoca e alimenta a luco-bração «literária» e aponto a uma recente injustiça servindo-me desenvoltamente da luz da História.

Que descobre essa luz?

Madame Bovary, considerada uma das dez obras-primas do romance, foi, antes de sair

em volume, publicado numa revista ao longo do último trimestre de 1856.

Em princípios de 1857 recebe Flaubert a contra-fé para comparecer no tribunal. As inúmeras tentativas de impedimento do processo, tentativas em que se conta a do ministro da Instrução, são todas vãs. Não, que o livro, embora expurgado aqui e ali, apresenta pormenores «escabrosos» dirigidos, sem dúvida alguma, a perturbar os sentidos do leitor...

Assim, são condenados Flaubert, que o escreveu, Pichat, que o editou, e Pillet, que o imprimiu, ambos «cúmplices» de delitos previstos nos artigos

I e VIII da lei de 17 de Maio de 1819 e 59 e 60 do Código Penal.

O juiz Pinard tinha a mesma idade que Flaubert, à data trinta e seis anos. Viria a ilustrar-se segunda vez na história literária, requerendo, seis meses depois, a abertura do processo que condenou *As Flores do Mal*, de Baudelaire...

Acusava Flaubert de ter dado ao romance uma «cor lasciva». E dividia as cláusulas da acusação em ofensa à religião (a crise religiosa e o suicídio de Ema) e em ofensa à moral e aos bons costumes.

Apesar das duras acusações do advogado do Governo, o Tribunal, veio a ilibar os três acusados. Honra ao tribunal.

Hoje não conseguimos perceber o que então foi pedra de escândalo. Aparentemente não sim da perfeição da frase, da perfeição do estilo, e de como a partir de uma notícia de jornal um grande escritor pode escrever um grande livro e realizar um estudo da mentalidade provinciana e da sua mesquinhez.

Também a *Religiosa*, de Diderot, publicado em 1796 foi a partir de 1824, duas vezes apreendido. Morrerá já o seu autor, mas muito incomodavam os seus ataques à vida monástica através da denuncia das vocações forçadas.

Mas onde está hoje o leitor capaz de nele ver ainda um romance obscuro e libertino?!

Com o à vontade de quem escreve estas coisas despreocupadamente, atrevo-me a apontar, à laia de comparação, uma nota que me parece curiosa:

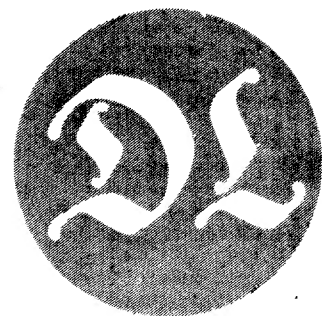
Os que leem estas coisas sabem já, portanto, que Flaubert, quando entregue aos pormenores do envenenamento do senhor Bovary, foi acometido de fortes náuseas e convulsões, vivendo, em estado segundo, o transe que descrevia.

Aliás, sempre, enquanto trabalhava as frases, ele gritava e gesticulava no seu gabinete. Numa das cartas a Louise afirma: «E não me digam que não faço exercício suficiente! Em certas alturas movimento-me tanto aqui dentro que chego à hora de deitar como se tivesse andado duas ou três léguas a pé».

Mas talvez seja menos conhecido um episódio passado com Diderot — o de Jacques, le Fataliste, conhecem?

Na base de *A Religiosa*, está uma mistificação que o filósofo e o seu amigo Grim empreenderam para se divertirem à custa de um honrado homem, o marquês de Lasson.

Pois apesar disso, quando a obra estava a chegar ao fim, um dia entra um amigo no quarto onde Diderot escrevia e encontra-o «mergulhado na



Opinião

A QUE PORTA PODEMOS BATER?

Continua a reunir regularmente a Comissão Nacional do Ambiente, ocupada nas altas tarefas que sobre ela impendem e de que há-de querer dar boa conta. A última reunião teve a presença de um grupo de trabalho criado pela Associação Industrial Portuguesa e dirigido (ou constituído?) por representantes da Siderurgia Nacional, Companhia União Fabril, Sociedade Portuguesa de Petroquímica, Indústria Nacional de Papéis, Celulose Beira Industrial, Soda Póvoa e Indústrias Lever Portuguesa. Se a vontade de colaboração destes grandes grupos industriais estiver na razão directa da sua actual capacidade poluidora, bem podemos dizer que nos esperam os melhores e mais claros dias...

Muito receamos, porém, que as devastações do ambiente prossigam sem mais travão que as ocasionais providências impostas por situações de flagrância maior. Com elas se dará uma pública satisfação e será justificada uma actividade que tudo indica vir a ser limitada pela inércia, quando não por deliberadas oposições. Infinitamente se discutirá à volta de problemas imediatos, daqueles cuja solução apenas dependeria de uma palavra, exactamente aquela que se vai perder na vaga de propostas, pareceres e despachos sem os quais nada se faz e com os quais também nem sempre se faz muito.

Um desses problemas (debatido na reunião a que fazemos referência) é o da poluição sonora «nas áreas urbanas, especialmente Lisboa». Qualquer cidadão ingénuo e de boa vontade diria que em tais casos a autoridade das câmaras municipais é pouco menos que soberana, e que, portanto, bastaria proibir, pura e simplesmente, sob pena de severas sanções, a tal poluição sonora a que, em tempos menos sofisticados, chamávamos apenas barulho... A esse cidadão diremos que se engana: é facilímo multar o automobilista que circula de escape aberto pelas ruas da cidade, mas já seria muito difícil aplicar uma multa proporcional por cada avião que passa a rasar os telhados, fazendo tremer as paredes e rangêr os nervos de cada um de nós... Esta é a diferença entre os pequenos e os grandes infractores a que já nos referimos neste mesmo lugar.

Tudo isto mais se complica no labirinto de responsabilidades multiplicadas que em sua mesma dispersão se diluem, até por completo desaparecerem. Veja-se o recente caso da lagoa de Obidos. Ao que parece, a mortandade dos peixes deveu-se a uma súbita elevação da temperatura da água e não aos malefícios da poluição, cuja existência, aliás, não se nega e que poderá causar devastações semelhantes. Então será necessário (e já o foi para casos de menor gravidade) saber a quem se dirigirão as reclamações. A primeira entidade que logo vem à ideia é a câmara municipal, mais rígidamente, as câmaras municipais: de Obidos e das Caldas da Rainha, mas nenhuma delas tem jurisdição sobre a lagoa... Então? O reclame escolherá ou percorrerá sucessivamente o Ministério das Comunicações (pela sua Direcção-Geral dos Portos), o Ministério da Marinha (pela sua Direcção-Geral dos Serviços Marítimos e pela Capitania do Porto de Peniche) e o Ministério das Obras Públicas (pela sua Direcção de Hidráulica)...

Claramente visto fica que o primeiro objectivo da Comissão Nacional do Ambiente deveria ser a poluição burocrática. Enquanto ela não for decididamente varrida, as actividades da Comissão pouco mais representarão que um diletantismo bem intencionado...

Continua na pág. 8

DI NACIOAL

ANULADA A SENTENÇA CESSAM OS EFEITOS

Conclusão de um parecer da Procuradoria-Geral da República sobre a condenação, a quatro meses de prisão, um mês de multa (pena suspensa por quatro anos), de um indivíduo que cometeu o crime punido pela respectiva legislação (furto de

quaisquer veículos, peças ou acessórios a eles pertencentes e de objectos ou valores neles deixados);

«Declarada de nenhum efeito, nos termos do artigo 89.º do Código Penal, a sentença condenatória em prisão por furto,

cessam todos os efeitos resultantes da condenação, nomeadamente a impossibilidade de provimento em qualquer emprego público.»

O referido parecer vem no «Diário do Governo» (2.ª série) de hoje.

Canal de Moçambique EXPLOÇÃO A BORDO DO "DACA"

LOURENÇO MARQUE — (L e ANI) — O cargueiro «Daca» foi dado como desaparecido, depois de se haver registado a bordo, uma violenta explosão, quando, ontem, navegava no canal de Moçambique, entre esta cidade e a Beira, em viagem

de Durban para Singapura.

De bordo não foi feita qualquer comunicação para as autoridades marítimas desta cidade, como também não foi dada resposta às tentativas de comunicação feitas de terra para bordo,

através da rádio e via telegráfica.

Todavia, no seu S.O.S., foi anunciado haver dois feridos a bordo, mas não foi restabelecido, até às 19 horas (já noite fechada) contacto com o barco.

PERSEGUIÇÃO INTERROMPIDA

GUARDA DA PSP GRAVEMENTE FERIDO

Um guarda da Brigada de Trânsito da P.S.P., José Joaquim Lino, de 42 anos, residente nos Olivais Sul, ficou gravemente fe-

rido esta madrugada, quando na Avenida Marginal, próximo do Estoril, ao perseguir um automóvel em fuga a uma operação-stop, caiu da moto que conduzia a grande velocidade.

Muito traumatizado, foi conduzido ao hospital de S. José, onde ficou internado.

Recolheram também ao Hospital de S. José muito traumati-

zados: José dos Santos, 65 anos, trabalhador, residente em Marinhais, Salvaterra de Magos, por ter caído da motorizada que conduzia perto daquela localidade; Maria da Conceição Mota, 48 anos, residente em Torres Vedras, atropelada por um automóvel naquela vila, e o pequeno José Almeida de Oliveira, com 15 anos de vida, atropelado por um automóvel na Avenida Ribeira das Naus.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por União Desportiva e Recreativa Sambrazense. Largo de S. Sebastião, 12-16 — S. BRÁS DE ALPORTEL



MILHARES DE PESSOAS AS MOEDAS DE 50 ESCUDOS

A rua do Comércio era hoje, desde as primeiras horas da manhã, inédito cenário de uma bicha enorme e tripartida de muitas centenas de pessoas, milhares desde ontem, a «bicha para as moedas de 50 escudos».

Comemorativas do 125.º aniversário do Banco de Portugal, editadas por decreto-lei de 28 de Abril do ano corrente, as novas moedas saíram da máquina pelo valor de 25 mil contos. Uma tiragem de 500 mil exemplares. Ontem, as vedetas que tanta gente procura nas duas capitais do país à custa de muitas e muitas horas ao sol da manhã, foram especialmente distribuídas pelos outros Bancos, agências e organismos oficiais, começando os empregados do Banco de Portugal numa actividade verdadeiramente frenética nas trocas da moeda por papel e na difícil contentação das pessoas às portas da rua, local onde vários agentes da ordem impõem o respeito das prioridades de chegada. Mesmo assim, alguns conseguiram furar a vigilância e reuniam-se sub-repticiamente às fileiras da frente. Protests, discussões e, às vezes, safaões coroados em tentativas dos mais desajeitados.

Os senhores deviam era vir para dentro da bicha se quisessem fazer uma boa reportagem — diziam-nos.

Não podendo aceitar o repto, conversámos com alguns dos pacientes e determinados «coleccionadores».

Sabe, eu sou viajante e tenho visto muitas colecções por aí fora diz-nos António de Sousa Reis, há mais de três horas na bicha. Devia haver mais entusiasmo pela numismática, no nosso País, pois é coisa que não deixa de ter a sua rentabilidade. Eu já aqui estou hoje pela segunda vez, pois só vendem duas moedas a cada pessoa. Mas há sempre um irmão, um amigo que também tem interesse nisto e não pode cá vir. Desde ontem gastei já dois contos e tal. Claro que, como diz, as trocas e baldrocas fazem-se quando há moedas repetidas, mas isso... é do entusiasmo de cada um.

Embora a grande maioria dos compradores se confessem, com um sorriso, coleccionadores «recentes», alguns dos pacientes estão ali «apenas pela recordação».

Tenho duas filhas e gostava de guardar uma moeda para cada uma — diz-nos a sr.ª Preciosa, vendedora de raios e lotaria.

O mesmo acontece com o cantoneiro Manuel Rebelo Martins que pediu dispensa do trabalho para ir ali «comprar umas moedinhas para levar à família».



Com o cair do dia, espera-se que a afluência à nova estrela da numismática, continue a progredir ainda por alguns dias.

Há muitos verdadeiros coleccionadores que não podendo cá vir não se importam depois de comprar as moedas por um preço superior ao do seu valor real — dizem-nos no interior do Banco. Mas isso, são as leis do mercado livre, ele próprio livre de leis.

LOTARIA DE HOJE

1.182 — 8.400.000\$00
24.691 — 840.000\$00
20.011 — 240.000\$00

PREMIOS DE 960\$00
(CENTENAS)

1.101 a 1.200; 20.001 a 20.100 e 24.601 a 24.700

APROXIMAÇÕES
AO 1.º PREMIO

1.181 — 13.740\$00
1.183 — 13.740\$00

PREMIOS
AOS ALGARISMOS
FINAIS

PREMIOS
DE 24 CONTOS

9.192; 11.003; 11.802; 12.665; 12.816; 18.347; 19.364; 28.663; 32.192; 38.313; 39.729; e 39.792

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

A SORTE GRANDE, o 2.º e 3.º prémios grandes foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE.

FURTAVA À GRANDE NO "GRANDELA"

A pedido de um dos encarregados dos «Armazéns Grandela» foi detida pela psp uma mulher que, usando técnicas subreptícias, furtava várias peças de roupa dos balcões do interior daquele estabelecimento. Interpelada por um guarda, a mulher começou por negar tudo, não tardando, porém, a descobrir-se que escondia sob as saias, algumas peças de vestuário no valor de 560\$00.

Recolheu aos calabouços do Governo Civil.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Casa Samuel» PAI-JAS - AMORA

CLAUDE LELOUCH TRIUNFA



cela est drôle
comme Chaplin

François Chalais/EUROPE N° 1

Smic Smac Smoc
est quelque chose
comme un
chef-d'œuvre

Remo Forlani/RTL

Lelouch et le retour de
Laurel et Hardy

Henry Chapier/COMBAT

EM COMPLEMENTO
A NOTAVEL
CURTA-METRAGEM

«IRÃO»

GRUPO D 18 ANOS

MÚSICA DO FILME GRAVADA EM DISCOS U.A. DISTRIBUIDOS POR RÁDIO TRIUNFO, LDA.

COM
CATHERINE ALLEGRET

AMIDOU
JEAN COLLOMB
CHARLES GERARD
FRANCIS LAI



HOJE ÀS 21h30
ESTREIA

OMAISS DIVERTIDO FILME
DE
CLAUDE LELOUCH

Lelouch mérite
les plus vifs éloges

Louis Chauvet/FIGARO

On dirait des
personnages de Pagnol

Gilles Jacob/L'EXPRESS

On pense à Sacha Guitry

Jean de Baroncelli/LE MONDE

Lelouch ce fou du cinéma
vient encore de réussir
un joli coup

Michel Duran/CINARD ENCHAÎNÉ

DL/ESPECTACULOS

TV

ONDE SE PROVA AOS INCRÉUS COMO A MULHER É CAPAZ DE EXERCER COMPLEXAS ATIVIDADES COMO POR EXEMPLO...

Dou voltas à cabeça para encontrar justificação para rubricas como «o dinamismo da mulher contemporânea», produzido e apresentado por Celestino Marques Pereira. Pelos vistos, trata-se de coisa importante. Tão, tão, que a televisão a dá na terça ao almoço e na quarta ao jantar. Reparem: eu até nem digo que não, que não é valiosa, ou útil, ou indispensável. O que eu gostava era apenas de saber aonde e porquê. E não encontro, não encontro.

Desculpem. Certamente exagero. A verdade veio ao de cima na última emissão: Marques Pereira dedicou-a às actividades da mulher contemporânea, foi uma emissão recheada de imagens, em grande variedade.

Quanto às actividades da Mulher, vimos-la a praticar jardinagem («a que sempre se dedicou através dos tempos»). Depois, a mulher maquilha-se «para realçar o encanto de um rosto bonito»; ei-la como dona de casa — «profissão de ricas e pobres»; também como secretária, como cabeleireira, como encarregada de oficina e de bombas de gasolina como para-quedista, como bailarina, etc. Também não esqueceu a má actividade conhecida pelo nome de «casamento», actividade a que a mulher, como a jardinagem, se dedicou sempre através dos tempos: lá temos a noiva, de flor de laranjeira e de competente véu, a descer as escadarias e a entrar no automóvel.

Outra actividade importante onde a delicadeza feminina se torna indispensável é na indústria dos tomates.

Outra indústria onde a presença das mulheres se faz sentir é na das camisas. As camisas que os homens envergaram foram preparadas pelas mulheres! Bem como a das conservas. Marques Pereira recorda-nos a facilidade, a

precisão, com que as mulheres cortam o rabo e a cabeça das sardinhas.

Etc., etc. Foi tudo assim, e só tenho pena não poder dar-lhes mais amplas amostras dos comentários de Marques Pereira; comentários que guardo para uma futura antologia do humor pela TV.

A partir de agora, a selecção das grandes figuras da televisão portuguesa passa a constituir-se como segue: guarda-redes, Rui Ferrão; defesas, Manuel Poppe, Luis Cajão, France de Vasconcelos e Marques Pereira; médios, José Augusto, Dutra Faria e Rui Romano; avançados, Mensurado, Varatojo e Gonzaga Ribeiro.

Podemos ficar descansados. Com equipa deste calibre, as nossas cores estão bem entre-lugas.

TRUTA, E TALVEZ UM TUBARÃO

«Feminino Singular» é deveras singular — porque ninguém sabe porquê singular, nem porquê feminino. Maria Fernanda veio dizer-nos não sei quê, com a voz logo abafada pelo indicativo da rubrica. A rubrica vinha com muita pressa, vinha mesmo com urgência, para nos dar aquele documentário sobre as festas da vindima... na Baviera. Donde se conclui que a televisão portuguesa está tendo em grande conta os trabalhos, a alegria, o progresso e o pitoresco da Alemanha Federal.

Sem esquecer a fantasia, a graça, o humor, a singularidade dos americanos, através da série «Mrs. Muir e o fantasma», série que mereceu já as honras da inclusão no «Jogo do Galo». Maria Fernanda também a esse respeito nos disse que

«Ficamos sem saber se se trata de elogio ou quê. Repare-se na intensidade com que a produção americana se en-



Por MARIO CASTRIM



trega à exploração do fantástico ao nível do grande consumo: ele é a Samantha, ele é a Nanny, ele é a Muir. O objectivo aparece nitidamente: afastar o interesse do público pelos problemas reais, criar-lhes uma exigência comandada pela patetice, fornecer-lhe tele-drogas de efeitos tanto ou mais eficazes que outras drogas. Isso não resolverá, certo, nenhum dos problemas reais com que se debate a sociedade, ianque; fornece, porém, uma ampla cobertura ideológica que permite aos grandes interesses uma enorme capacidade de manobra.

Houve também representação portuguesa na hora do almoço de ontem: um documentário sobre Montalegre, a capital das Terras do Barroso.

O documentário entretinha-se particularmente com o

pitoresco da região. O pitoresco é tudo quanto se vê mas

não existe e que se utiliza quando se pretende não mostrar o que existe mas não se vê fogo às primeiras.

Dai a habitual vacuidade do comentário em off, temperada, aqui e ali, por uma ou outra informação prestada pelo sr. Ferreira Pinto. A cultura da batata, por exemplo. A região era excelente para tal função, sendo porém verdade que o pro-

cesso de cultura «um bocadinho arcaico...»

Agora se o leitor é pescador, pode ir até Montalegre que, com as suas barragens e os seus «extraordinários rios», promete coisas grandes. É cada truta! E, aqui para nós, é possível que consiga pescar ainda algum tubarão, espécie não tão rara como se pensa nos nossos rios. Boa sorte.



MONUMENTAL DE

M/6 anos

CASCAIS

DOMINGO, 6 DE AGOSTO — AS 17,30 HORAS

EXTRAORDINÁRIA CORRIDA DE TOIROS

FERNANDO ANDRADE SALGUEIRO — VICTOR RIBEIRO

JOSÉ JÚLIO — OSCAR ROSMANO

o mais completo toureiro
Português

trionfador em todas as praças
do México

FORCADOS AMADORES DO MONTIJO DE ANTÓNIO SÉCIO
8 PODEROSOS TOIROS DE MANUEL CESAR RODRIGUES

Voe com vantagem ganhe Madrid na sua viagem à Europa



Algumas companhias podem transportá-lo a partir de Lisboa, a quase todos os pontos da Europa. Mas só a IBÉRIA lhe sugere que, simultaneamente, passe a conhecer outra grande cidade do velho continente.

Oferecemos-lhe Madrid na sua viagem à Europa. Aprecie um dos melhores museus do mundo, o mistério envolvente de um

«tablao» de flamenco, a história de Avila e Toledo contada em pedra.

Aprecie, em suma, os dias e as noites de uma cosmopolita e animada cidade. Madrid vale bem uma pequena despesa preliminar à sua viagem à Europa.

Voar com a IBÉRIA dá-lhe vantagem!

Consulte o seu agente de viagens ou a



IBERIA

LINEAS AEREAS INTERNACIONALES DE ESPAÑA

Lisboa: Rua Barata Salgueiro, 28-6.º — Tel. 539571 — Porto: Av. dos Aliados, 9-4.º, Sala V — Tel. 380658

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA



SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome

Morada

Telefone:

DL

DI/ESPECTACULOS

AMADORES EM SETÚBAL SOL DA FLORESTA DE GONDOMAR

«SOL NA FLORESTA», de Romeu Correia pelo Teatro Amador da Ala de Nun'Alvares de Gondomar. Concurso de Teatro Amador das Colectividades de Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes. Encenação de Fernando Santos e Camilo Resende. Cenografia de João Manuel. Direcção técnica: Camilo Resende. Luminotécnica: Mário Rui. Sonoplastia: Manuel Emílio. Contra-regia: Damião Paiva. Maquinista-chefe: Manuel Santos. Ajudante de maquinista: João Castro. Carpinteiro de cena: Eugénio Sousa. Intérpretes: Olívia Teixeira, Albina Aleixo, Neca

Torres, Emílio Santos, Deolinda Pires, Arminda Pereira, António Ferreira, Gracinda Aleixo, Ana Rosas, Licínio Silva. Teatro Luísa Todt. 23/7/72.

Escrita no tempo em que os portugueses emigravam para o Brasil esta peça de Romeu Correia deixou de assumir qualquer significação estética ou ideológica. Por isso, não percebo por que o autor não a reescreve ou não a retira da circulação impedindo assim que os amadores percam com ela a vontade de fazer teatro.

A peça balança-se entre jogos mágicos que são apenas apontados e jogos sociais que nos aparecem hoje como perigosamente esquemáticos.

Numa floresta, vivem o Tio Resina e sua filha, Manuela. Esta, com a cumplicidade de uma amiga, faz um boneco — o Serafim — que a ajudará, na véspera de S. João, a conseguir um noivo já que o rapaz que gosta dela resineiro, como o pai, não lhe interessa. O noivo aparece na figura de um jovem da cidade, vítima de uma



Crítica de
CARLOS PORTO

avaria no carro, o qual, aliás, se faz acompanhar da protectora (trata-se de um pianista pobre). Vêm os dois cidadãos de candeias às avessas o que faz crescer a esperança de Manuela, tanto mais que a senhora é uma espécie de fada má.

Para os habitantes da floresta a salvação está na estrada, na estação de serviço, no prometido campo de aviação — no progresso que destruirá a cidade — filosofia que merece larga discussão.

Embora — diz-se — Romeu Correia se tenha inspirado num quadro de Goya (além do nosso

folclore) há sem «Sol na Floresta» um tom de literatura cor-de-rosa, de conto de fadas sem imaginação de convencionalismo que matou a letra da obra ao mesmo tempo que lhe matou o espírito.

A encenação tomou a peça muito a sério sublinhando os seus aspectos de cromo de Natal (a isso se chama poesia!); a cena parece arrancada a um filme de Wald Disney o que diz tudo sobre o espectáculo como equívoco estético. Não era Fernando Lopes Graça quem dizia, mais ou menos, que o bonito é inimigo do estético?

Na interpretação, Neca Torres pareceu-me um velho amor muito contente por poder fazer um papel à sua medida; Emílio Santos pôs muito sentimento numa personagem que pede mais do que isso. Olívia Teixeira e Albina Aleixo pareceram-me merecer outro teatro. Ficará para outra vez.

O crime não compensa

PARIS — Continuam a decorrer em Paris as filmagens da película «Les Voraces», numa realização de Sérgio Leone e com os actores Helmut Berger, Massimo Girotti, Françoise Fabian e Paul Maurisse. O filme conta a história de uma casa de jogo, na qual um cliente afortunado é assassinado, para lhe roubarem o dinheiro. A amante da vítima, presente no acto do crime, liga-se ao assassino, mas a polícia acaba por descobri-lo.

Liz e Burton filmam juntos

FIUME, JUGOSLAVIA — Elisabeth Taylor e Richard Burton encontram-se de novo na Jugoslávia para continuarem as filmagens da película «Sutjeska», nas quais o actor inglês interpreta a figura do marechal Tito. O filme conta uma das mais importantes batalhas entre os guerrilheiros e a Alemanha, durante a última Guerra Mundial.

JANIS JOPLIN Revisitada

Arrastamo-nos num século de fantasmas; a poluição; as doenças cardíacas; a guerra bacteriológica e as outras: Na expectativa amarga do «Apocalipse» há quem prefira a rapidez do suicídio ou a comodidade do silêncio e, ainda, quem em termos de expressão artística, tente traduzir o ritmo vertiginoso em que assenta o nosso quotidiano. Constantemente dominado pelo medo e pela ansiedade o «artista» cria muitas vezes condições propícias à sua própria destruição. Quando cai por terra a opinião pública atribui-lhe friamente os louros do martírio, deixando que a partir daí o mito comece a frutificar.



Se alguma coisa há que traduz a perfeição desta situação é a música «rock» em toda a extensão dos seus conflitos e relações. Fruto acabado das sociedades de capitalismo avançado, altamente industrializadas a música «rock», cada vez mais perfeita, contém em si, não apenas os elementos que a longo prazo ditarão a sua destruição, como imagem do universo que a envolve e explica. Os seus agentes (cantores, músicos) aceitam-lhe as leis e os caprichos, que muitas vezes se traduzem num desaparecimento prematuro, provocado, ora pelo uso excessivo da droga, ora pelo abuso do álcool.

Houve até agora algumas baixas a assinalar: Jimi Hendrix, Janis Joplin e mais recentemente Jim Morrison o excepcional vocalista dos «Doors». Através de sucessivas reedições as editoras de discos, aproveitando a popularidade ainda fresca dos can-

tores têm feito bom dinheiro. Uma obra póstuma de Hendrix vende mais que qualquer dos seus discos editados antes de morrer. A partir daqui torna-se muito difícil distinguir o ge-

musical francês, Janis havia presido a uma festa apocalíptica e orgiaca organizada pelos seus amigos «Hell's Angels» que em Altamont deram muito que falar.

Aplaudida pela crítica, Janis estava a atingir o ponto mais alto do seu percurso como cantora. A sua volta, integrando os «Big Brothers», estavam alguns dos melhores músicos que acompanharam até ao fim, o baixo Peter Albin e o baterista David Getz.

Durante os meses de Junho e Julho de 1970 Janis Joplin fez uma digressão pelas mais importantes salas do Canadá. O segundo disco «In Concert» contém os momentos mais altos dessas actuações.

Razões de ordem profissional determinaram entretanto, a dissolução dos «Big Brothers» substituídos pelos «Full Tilt Boogie» que apesar da sua elevada craveira técnica eram muito menos importantes do ponto de vista musical, como o demonstra a versão em concerto de «Cozmic Blue». A diferença entre os dois grupos residia no seguinte: enquanto os «Big Brothers» viviam comunitariamente com Janis, partilhando as mesmas experiências e ambições, os «Full Tilt» eram simples profissionais contratados para acompanhar uma cantora famosa.

Várias garrafas de «Whisky» consumidas antes de cada espectáculo e um desespero constantemente agravado pela fadiga e pela solidão apressaram o fim de Janis Joplin, cujo nome figura com absoluta justiça ao lado dos de Hendrix e Morrison na galeria mitológica da música «rock». Tudo isso torna a audição deste trabalho obrigatória independentemente do valor musical que possa ou não ser-lhe reconhecido.

Crítica de discos
de
JOSÉ JORGE LETRIA

nuíno do falso: no mercado têm surgido verdadeiras falsificações que só os especialistas estão em condições de denunciar com base em pequenos pormenores.

De França chega-nos um duplo LP contendo os mais conhecidos temas de Janis Joplin gravados entre 1968 e 1970. A gravação é produto de importantes tournées pelos Estados Unidos e pelo Canadá.

I — A primeira parte deste trabalho no qual se podem encontrar títulos como «Bye Bye Baby» e «Piece of My Heart» foi gravada integralmente num espectáculo em Detroit. Nela pode ser apreciado, com visível destaque, o trabalho de James Gurley guitarrista privativo de Janis, e um dos melhores solistas da Califórnia, funcionando como fulcro do agrupamento «Big Brother», que teve um papel decisivo na ascensão da cantora.

II — A segunda parte (talvez a mais importante pela sua vitalidade e energia) foi gravada no Carroussel Ballroom actualmente Fillmore West em Junho de 1968. Por essa altura, segundo indica um conhecido crítico

Fundação Calouste Gulbenkian —BOLSAS DE ESTUDO—

SERVIÇO DE MÚSICA

De 10 a 31 de Agosto do ano corrente, estará aberta a inscrição para bolsas destinadas ao prosseguimento de estudos no País, a que podem concorrer alunos dos cursos gerais ou superiores do Conservatório Nacional de Música e das Escolas de Música oficializadas que se encontrem nas condições gerais do respectivo regulamento. No ano escolar de 1971/1972 estiveram em vigor 54 bolsas. Os beneficiários destas bolsas têm prioridade na obtenção de bolsas da mesma categoria para o ano lectivo de 1972/1973, desde que se encontrem nas condições regulamentares a que obedece a respectiva prorrogação. O número total de bolsas a atribuir, nesta categoria, incluindo as bolsas renovadas e as novas bolsas, não deverá exceder 60.

SERVIÇO DE BELAS-ARTES

Dentro do mesmo prazo, estará aberta a inscrição para bolsas de estudo no País, destinadas à frequência da Secção de Teatro do Conservatório Nacional e dos cursos professados nas Escolas Superiores de Belas-Artes e na Secção de Artes Plásticas da Academia de Música e Belas-Artes da Madeira. Para o ano lectivo de 1972/1973 prevê-se a renovação de 37 bolsas das vigentes no ano escolar de 1971/1972, e o número máximo de novas bolsas a conceder será de 40.

Na atribuição de bolsas, atender-se-á às classificações dos candidatos, às condições económicas dos respectivos agregados familiares e ainda a todas as demais circunstâncias que possam justificar uma preferência.

Os candidatos deverão dirigir-se, dentro do prazo estabelecido, à Fundação Calouste Gulbenkian—Avenida de Berna, Lisboa—, onde lhes serão fornecidos exemplares dos boletins de inscrição e dos regulamentos.

TEATRO MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES 20.45 E 23 HORAS
Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M: 18 anos

VASCO MORGADO
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
* IRENE ISIDRO *
* JOSÉ DE CASTRO *
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CÉSAR * VÍCTOR MANUEL

PICCADILLY STARS BALLET
3.º MÊS
Mais de 60 figuras em cena

Escova com **Flexy**
ESPUMA

B.S.M.O., Lda.
TEL. 307731
R. DA BOAVISTA, 80 - LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Ângelo Miguel dos Santos, Praça da República, 28 MAFRA

Câmara Municipal de Lisboa Casa da Comédia

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO

Voltam a apresentar
Hoje e todas as noites pelas 21.45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»

de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo

JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local

Descanso companhia 2.ª feira Grupo B 10 anos

O Médico, o Monstro e Drácula

Título: AS CICATRIZES DE DRÁCULA (Scars of Dracula)
Realização: Roy Ward Baker, 1971 (Inglaterra)
Interpretes: Christopher Lee, Dennis Waterman, Jenny Hanley, Christopher Mathews, Patrick Troughton, Michael Gwynn, etc...
Distribuição: Filmes Lusomundo
Estreia: Cinema Vox (27-7-1972)

Título: EU, MONSTRO (I) (The Monster)
Realização: Stephen Weeks, 1971 (Inglaterra)
Interpretes: Christopher Lee, Peter Cushing, Mike Raven, Richard Hurndall, Susan Jameson, Kenneth Warren, etc...
Distribuição: Filmitalys
Estreia: Cinema Eden (28-7-72)

Título: MILHÕES ESCALDANTES (Hot Millions)
Realização: Eric Till, 1971 (Inglaterra)
Interpretes: Peter Ustinov, Maggie Smith, Karl Malden, Bob Newhart, Robert Morley, etc.
Distribuição: Filmes Castello Lopes
Estreia: Cinema Estúdio 444 (28-7-1972)

Principiemos por dois filmes de terror que adaptam livremente obras e personagens celeberrimas. Referimo-nos a **As Cicatrizes de Drácula** (extraído de Bram Stoker, pelo argumentista John Elder) e **Eu, Monstro** (retirado por Milton Subotsky de **O Médico e o Monstro** de Robert Louis Stevenson). Para já, duas adaptações que, jogando com personagens e situações sobejamente conhecidas, procuram, cada uma delas pelo seu lado, introduzir prolongamentos novos, nos mitos, modernizando-os e enriquecendo-os com leituras mais complexas. Procuram, é o termo. Não quer dizer que tenham conseguido plenamente estes intentos. Mas a verdade é que as tentativas ficam claramente documentadas. O que é, desde logo, virtude a ter em conta em filmes que lhes bastava ser de série para terem, hoje em dia, algum sucesso.

Roy Ward Baker: velho routier inglês, recentemente muito interessado pelo cinema de raiz fantástica: **O Mundo das Trevas** (Quatermass and the Pit, 1967),

The Anniversary e Lua Ano Zero (Moon Two Zero, 1969), **The Vampire Lovers**, 1970, estas **Cicatrizes de Drácula** (Scars of Dracula, 1971) e, finalmente, **Dr. Jekyll and Mr. Hyde**, nova adaptação de Stevenson que se anuncia ainda para a presente temporada. Os filmes assinados por Roy Baker revelam-se normalmente bastante inteligentes e a sua **mise-en-scène** caracteriza-se por um acentuado gosto plástico, de um discreto barroquismo, intermeado por um humor ora sarcástico e quase blasfematório, ora irónico e distante. Não será um cineasta particularmente importante, mas é um homem consciencioso, por vezes brilhante, normalmente interessante. Não vale a pena, portanto, perder um filme seu. Mesmo menor, merece a deslocação. O que mais uma vez acontece com este **As Cicatrizes de Drácula**, onde o bom gosto plástico, a ironia e a inteligência se conjugam para daí resultar um espectáculo bastante curioso.

Drácula conta, agora, com um mensageiro alado, um morcego que é como o seu prolongamento. Será esse morcego que detecta as vítimas e as anuncia ao amo e senhor. Mas os seus préstimos não se resumem a tão pouco, ele mesmo encurrala as vítimas, ele mesmo faz pequenos recados, viagens de punição, **raids** de vingança ao campo do adversário (aqui, como em todos os filmes de vampiros, o adversário é a religião, a igreja, o sacerdote, a cruz). Este primeiro ponto leva-nos directamente a um dos aspectos mais fascinantes de toda a vampirologia. Isto é: a oposição entre Deus e o Diabo, entre a igreja, espaço de virtude, e o castelo do conde, espaço de pecado. Roy Ward Baker, definindo os dois campos, coloca, do lado de Deus, castiçais de velas brancas (que, aquando da incursão do morcego, se deixam tingir com o sangue das vítimas, passando, por fusão, aos castiçais do castelo, de velas vermelhas), para, no interior do castelo, pontuar o **décor** com vários elementos de tom vermelho: não só as velas, como tecidos de fatos, de estofos, reposteiros, sangue, os olhos de Drácula (quando nos actos amorosos),

uma espada incandescente, o forro da capa de Drácula, etc... Para além de duas figuras que se opõem, são também duas formas de habitar o mundo que se entrecrocaram. Entre ambas, um espaço verde, neutro, de paisagem, de percurso. Curioso será ainda referir que, quando o morcego invade o terreno sagrado, este ficará maculado («profanado», explica o sacerdote), da mesma forma que, quando, no início, os camponeses, acompanhados pelo padre vão até ao castelo e o incendiam, as consequências se assemelham para Drácula (ainda que este se refira de forma diferente). Curioso,

A crítica de
LAURO ANTÔNIO

ainda como elemento a ter em conta neste duelo entre a cruz e o vampiro, é o vestuário das duas figuras centrais: tanto Drácula, como o padre vestem capas negras, com a diferença da de Drácula encobrir um forro de cetim vermelho e coroar a garganta com uma pedra vermelha. Estas comparações levam-nos agora ao centro do mito de Drácula e do vampirismo, mito essencialmente erótico. Enquanto, de um lado, imperam as cores baças e escuras, do lado de Drácula explode o vermelho do desejo, do sangue, do amor, da violação, da morte. Cada atentado de Drácula (aqui particularmente consentidos pelas vítimas femininas que se entregam literalmente ao conde) é uma violação, um acto de amor, a satisfação de um apetite de natureza sexual. E, já agora, vamos um pouco mais longe. Em **Cicatrizes de Drácula** opõem-se duas formas de encarar o amor (como pecado ou como violação), do choque das quais resulta (por eliminação de ambas) uma terceira via (o amor como entrega, dádiva consciente e jovem). Como sempre, o fogo surge na última bobina para purificação do ambiente. Diremos que resumidamente, se trata de um belo filme, cheio de suges-

tões de ironias («não deixes para Amanhã o que podes fazer Hoje»), onde se fica a saber que «a violência gera a violência».

Passemos agora ao **Eu** (salvo seja) **Monstro** que assinala a estreia de um jovem realizador: Stephen Weeks. O que primeiramente salta à vista é a conjugação das teorias de Freud com o entrecroço de **O Médico e o Monstro**. Uma curiosa simbiose, explorada sem grande maturidade, mas ainda assim propiciatória de desenvolvimentos vários. Numa Inglaterra vitoriana, um cientista (meio médico, meio psicanalista) tenta curar, segundo as teorias de Freud, lutando por um elixir que liberte o universo subconsciente dos seus pacientes, para assim estes se lhes revelarem em completa verdade. Como as experiências com os doentes podem conduzir a resultados imprevisíveis, Marlowe (o mesmo e notável Christopher Lee de Drácula) inicia-as em si mesmo e caminha velozmente para um sinistro Blake que, finalmente, se assenhora por completo da personagem. Vítima da Ciência, Marlowe escolhe o holocausto, imolando-se pelo fogo (mais uma vez e de novo o fogo). O que mais se admira nesta estreia de Stephen Weeks é a descrição da câmara, movendo-se no interior de cenários de uma agressiva austeridade. Assim como todo o rigor plástico que presidiu à criação dos **décor** de interiores e exteriores. Stephen Weeks permanecerá, portanto, um cineasta a acompanhar no futuro.

A terminar, uma comédia: **Milhões Escaldantes**, de Eric Till. Como principais (e únicos) motivos de curiosidade, a presença de três bons actores: Peter Ustinov, Maggie Smith e Karl Malden. São eles, que conseguem tornar tragável, esta comédiazinha insossa onde se fala de mais um roubo de milhões, desta feita processado através de uma engenhosa falcatura perpetrada por modernos computadores. Computando para Paris, Roma ou Berlim, Marcus Pendleton logra uma fortuna ilegal que se apresta a usufruir no Rio de Janeiro, quando... Enfim: uma comédia descolorida, a que três actores emprestam efectivamente o peso das suas personalidades. Nada mais...



Vasco Morgado convidou Armindo Blanco para traduzir «Heloisa e Abelardo», que Flávio Rangel deverá vir encenar a Lisboa, possivelmente com José de Castro no protagonista.

A farsa inglesa anunciada para o Capitólio com o título «A Grande Barraca» deverá passar a chamar-se «A Câmara dos Comuns».

Mouth and McNeal estão à frente do «Top» da Philips em Portugal. Com «How do you do?», claro.

«Construção», de Chico Buarque de Holanda, está es-

gotado num grande número de discotecas de Lisboa.

A Escola Dramática e Musical Valboense comemora o seu 67.º aniversário.

José Niza acabou já a letra para a canção que Paulo de Carvalho leva ao Festival do Rio. A composição, agora completa, seguiu já para essa cidade.

«Young Winston» (O Jovem Churchill) é um filme sobre a vida do grande estadista, quando jovem, que em breve se estreará em Portugal.

Florbela Queiroz não pode aceitar o convite para a próxima peça, pois a gravidez não o permite.

Kazantsakis na tela

PARIS, 3 — Michael Cacoyannis vai dirigir brevemente as filmagens da película denominada «Liberdade ou Morte», cujo argumento é baseado no romance de Nikos Kazantsakis. Entre-

tanto, Cacoyannis apresentará em Nova York, no próximo Outubro, uma versão teatral de «Lisistrata», com Melina Mercouri no desempenho do papel da heroína de Aristófanes.

O'Toole em Espanha

HOLLYWOOD, 3 — Começam no próximo ano as filmagens da película «Caravans», baseada num romance de James Michener. O filme, cuja rodagem decorrerá na Espanha, terá provavelmente nos principais papéis os actores Peter Finch e Peter O'Toole.

"WESTERN" DE GEMMA

ROMA, 3 — Giuliano Gemma e Bud Spencer actuam lado a lado pela primeira vez, num «western» italiano ainda com título provisório, «... E Arrivo La Notte Di San Valentino». A realização desta película, cujas filmagens estão a decorrer, pertence a E.B. Clucher.

Cursos musicais internacionais de férias da Costa do Sol

Duas professoras de prestígio internacional — uma delas portuguesa — terão a seu cargo outras tantas classes dos XI Cursos Musicais Internacionais de Férias a realizar, brevemente, pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

Férias a realizar, brevemente, pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

Trata-se de uma iniciativa que alcançou fama além-fronteiras e que se consolida como uma das mais significativas, ao nível internacional, daquele orgão de Turismo.

As referidas professoras são: **Ivonne Lefebvre**, de Paris, considerada nos meios artísticos internacionais como uma das mais competentes professoras das últimas décadas, terá a sua responsabilidade uma **classe de piano**; e a professora **Helena Moreira de Sá e Costa**, notável artista portuguesa que tem de-

envolvido a tríplice actividade de solista, professora e executante de música de câmara, com larga carreira internacional, tendo colaborado com artistas como Pierre Fournier, Maurice Gedron, Arthur Grumiaux, Mirian Solierff, Hoelscher, Dermus, Teresa Randal, Martial Singher, Maurice Maréchal, Maurice Eisemberg, etc.; dirigirá um curso de análise, desta vez em colaboração com David Epstein.

Os restantes professores dos XI Cursos Internacionais são: Sandor Vegh, de Zurique, nas classes de violino e de música de câmara; Paul Schilhawsky, de Salzburgo, no curso de Lied; e Maurice Eisemberg da Julliard School, de Nova Iorque, na classe de violoncelo e Raul Sanchez, de Montreux, na classe de guitarra clássica e Jacques Klein numa classe de piano.

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

A votação atingiu o "ponto quente"

Estamos a sete dias do fim. Ou seja: faltam sete dias para tudo começar, pelo que diz respeito ao intérprete escolhido pelos leitores do «DL». No próximo dia 10 já tudo estará decidido.

Ainda pode acontecer muita coisa. Não tudo, é evidente, porque não foram em vão (longe disso!) todos estes dias de votação, mas, e segundo a última e penúltima classificações publicadas, tudo leva a crer que a votação esteja a atingir o seu «ponto quente».

Dizemos isto dado o «salto» enorme de Duarte Mendes, um segundo classificado persistente que se aproximou muito

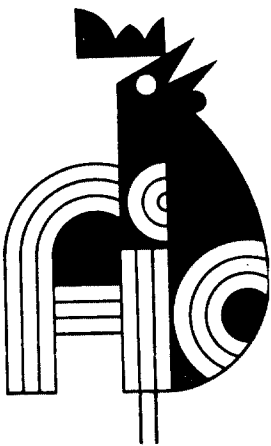
mais do primeiro, que continua a ser José Afonso. Que nos trarão os próximos sete dias?

Cabem aqui várias

perguntas. Por exemplo: será que os adeptos de Duarte Mendes se guardaram para o fim? Terá o público de José Afonso feito o mesmo? Não queremos com isto dizer que os votantes num e noutro se tenham coibido de votar. Neste aspecto, aliás, os números são elucidativos. Referimo-nos, apenas, a uma possibilidade de maior votação que nos parece estar, agora, a sete dias do fim, a nascer. E isto para só falarmos dos dois primeiros, embora seja bom, não esquecer que pode dar-se o caso de haver muitos votos na gaveta guardados para a última hora... Deixemos, entretanto,

as perguntas à espera da melhor resposta, ou seja, aguardemos as próximas classificações, a primeira das quais sairá já amanhã. Começarão logo aí as surpresas?

Entretanto e confirmando o que aqui deixámos dito há poucos dias, José Niza terminou o trabalho que lhe compete nesta campanha «DL» para o VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro, apresentando a letra que fez para a música de Pedro Osório, a tal que Paulo de Carvalho vai cantar ao Rio e que, segundo as suas próprias palavras, «é muito boa». Ótimo.



DI/NACIONAL



INAUGURADO O VIADUTO GULBENKIAN

Com a presença do presidente do Município, eng. Santos e Castro, procedeu-se esta manhã à inauguração do viaduto sobre a Avenida Calouste Gulbenkian que, assim, vem colmatar uma grave lacuna na circulação da cidade, descongestionando o trânsito

na zona da Praça de Espanha.

A abertura ao tráfego da Avenida José Malhoa, estabelecendo uma ligação directa entre Sete Rios e Marquês da Fronteira e o estabelecimento de sentidos únicos no Bairro Azul, permite dispensar em muitos per-

curso a utilização daquela Praça.

A partir de agora, os automobilistas que de Sul ou Poente do Parque Eduardo VII pretendam dirigir-se para Benfica ou Carnide, devem utilizar a Avenida António Augusto Aguiar. Assim, os que venham da Aveni-

da Eng. Duarte Pacheco deverão seguir pelas Ruas Artilharia Um (ou Rua Castilho), Marquês da Fronteira, Fialho de Almeida, Júlio Dantas, Ramalho Ortigão, até atingirem a Avenida José Malhoa.

Por sua vez, aos automobilistas provenientes da Avenida da Liberdade torna-se aconselhável seguir um percurso pelo Marquês de Pombal e ruas Joaquim António de Aguiar, Castilho, Marquês da Fronteira, Fialho de Almeida, Júlio Dantas, Ramalho Ortigão, antes da Avenida José Malhoa.



As individualidades presentes à inauguração

Do mesmo modo, os automobilistas que de Benfica ou Carnide se dirijam para o Centro da cidade, deverão tomar a nova Avenida, evitando a

Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, a Praça de Espanha e o troço da Avenida António Augusto de Aguiar entre esta Praça e S. Sebastião.

AS BOAS CAUSAS

Continuação da pág. 3

mais profunda dor e lavado em lágrimas». Ansioso, pergunta-lhe o que tem. — O que tenho? É que estou desolado e sofro com a história que conto a mim mesmo»

Mas partindo de uma pequena imagem amachucada da casa de Flaubert, sei que rapidamente viajei de processo a processo, de tribunal a tribunal. Menos sinuosamente do que

pode parecer, onde eu queria chegar — porque foi aí que comigo logo cheguei — era ao processo posto ao livro das três Marias. E apelo aqui para a inteligência. Essa obra de indiscutíveis méritos literários, só os nossos netos a poderão livremente ler?

COMO EMPREITEIRO-GERAL: EMPEC

EMPRESA DE ESTUDOS E CONSTRUÇÕES, LDA.
CONSULTORES E EMPREITEIROS
DE OBRAS PÚBLICAS E PARTICULARES

ORGULHAM-SE DE TER CONSTRUÍDO MAIS ESTA OBRA PARA A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA: — E, ENTRE OUTROS, COMO SEUS PRINCIPAIS SUBEMPREITEIROS:

- **PRÉ-ESFORÇO** — SISTEMA BBRV — A FIRMA INTENTO-INDUSTRIAIS E REPRESENTAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO LDA.
- **CANTARIAS** — SOPREPE, SOCIEDADE PREPARADORA DE PEDRAS, LDA.
- **GUARDA METÁLICA** — CONSTRUTORA CIVIL DE FRANCISCC CARDOSO JUNIOR
- **PINTURAS** — DOMINGOS JOSÉ SOUTO

SEDE E GABINETE DE ESTUDOS: LISBOA -1 ● AV. POETA MISTRAL, N.º 2, 4.º

TELEGRAMAS EMPEG — LISBOA

TELEFONES: GERAL P. P. C. 76 01 07/8 E 76 01 48; S. ADMINISTRATIVOS P. P. C. 76 82 06; CONTABILIDADE 76 34 70. C.F. CA-
MENTOS 76 87 44; S. COMPRAS 77 81 88

PARQUE DE EQUIPAMENTO: ALVERCA ● ESTRADA NACIONAL N.º 10, KM. 127,2
TELEFONES 258755/6

DL/TAUROMAQUIA

Paquirri e Julio Robles quinta feira no Campo Pequeno

E a lei inalterável do tempo. As grandes figuras do toureio, olhando com toda a confiança o seu primado no mundo dos toiros, sentem subitamente o assalto da nova geração às posições que ha-

viam conquistado com sangue suor e lágrimas. E acontece o toque a rebate, a chamada a novas forças indispensáveis para manter um lugar na alta roda que, diante dos toiros, tem que ser defen-

dido sempre que se sai à praça.

E, quando chegam os novos, as figuras não deixam de lembrar-se que, um dia, os que assaltavam a fortaleza do toureio eram eles, então muito mais novos e cheios de ilusão...

Isso deverá acontecer neste momento com a chegada

de Julio Robles à primeira linha do toureio. Ele é o expoente máximo da nova geração toureira e os Damasos Gonzalez, os Marquez, Paquirris e outros, sabem já como terão que continuar a lutar para não ceder à força destes tremendos meninos que querem ser figuras...Acontece exactamente que esse duelo que tem que

travar-se ao nível das figuras, acontecerá no Campo Pequeno na próxima quinta-feira. No cartel da corrida estão exactamente, Paquirri e...Julio Robles.

Para o aficionado, uma grande corrida em perspectiva, tanto mais que os toiros são de Cabral Ascensão, desses que dão excelente jogo aos toureiros. E teremos as-

sim uma espécie de tremendo combate de «galos».

Idêntico caso no encontro entre os cavaleiros Manuel Conde e Luiz Miguel da Veiga-discussão entre o toureiro prestigioso há um quarto de século e o novo expoente.

As pegs correm a cargo dos forçados amadores de Evora, comandados por João Nunes Patinhas.

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

Ponto obrigatório de qualquer roteiro de férias

Oferece diariamente a todos os visitantes os mais variados prazeres

ALEGRIA — TRANQUILIDADE — DIVERSÕES

A sua monumental

MONTANHA RUSSA

é a nova «coqueluche» de Lisboa

proporciona a alegre emoção das Viagens no Espaço

A Feira abre às 19 horas

A meia-noite: 60.º sorteio de um moderno colchão «Climax», oferta da Climax Portuguesa — Equipamentos e Mobiliário de Conforto, Lda.

Amanhã: Nova sessão de boxe pelos melhores amadores, no Teatro Arco-Iris.

VIAGENS
EPOLO

VISITE
LONDRES
LET'S GO

PARTIDAS TODAS AS 5.ª FEIRAS
DE 3/8 ATÉ 21/9 INCLUSIVE

PREÇO 3.350.00

Incluindo IDA E VOLTA EM AVIÃO A JACTO,
transporte Aeroporto - Hotel - Aeroporto, VISITA DA CIDADE,
acomodação em BONS HOTEIS com pequeno almoço,
Assistência durante toda a viagem por GUIA PORTUGUÊS.

Pague suavemente com o CREDI-STAR
REDUÇÕES PARA FAMÍLIAS E GRUPOS

Informe-se
e inscreva-se na



A MAIOR AGÊNCIA DE
VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

forma - TM - 01 - 72



ÀS IMOBILIÁRIAS

SEUS NEGÓCIOS VÃO MAL?

Técnico em Promoções de Vendas Imobiliárias, com largo tirocínio em Portugal e no Estrangeiro, fará um diagnóstico do que está acontecendo na sua Organização e indicar-lhe-à os métodos (eficientes) para alcançar as suas determinantes comerciais. Resposta para: Dr. Gomes da Costa — Apartado 1936 — Lisboa.

S. MARCOS

P. DE LONDRES, 4 - F

COMEÇOU HOJE

OS PREÇOS ESPECIAIS

— RESTO DE COLECÇÕES —



camisas

**rosa
negra**

Uma carícia permanente

UM EXCLUSIVO  triple marfel

as camisas ROSA NEGRA são uma carícia permanente sobre a pele, o toque suave fresco e maleável de um exclusivo TRIPLE MARFEL

DL/NACIONAL

AINDA A "CHAMPAGNE GALA"

A GERÊNCIA DO TEATRO S. JOSÉ DE CASCAIS
RESPONDE A DAVID HOLMES

Provocou certa polémica e surpresa a suspensão do espectáculo «Champagne Gala» que deveria ter-se realizado no Teatro S. José de Cascais no passa dia 31 e que marcava o início dos espectáculos de encerramento do «II Verão de Bailado», curso de Turismo da Costa do Sol e que decorreu no Pavilhão dos Congressos do Estoril.

David Holmes e o dr. Filipe de Sousa acusaram a gerência daquela casa de espectáculos de falta de cooperação, por não terem cedido a sala com a devida antecedência para ensaios e montagem de luzes. Do incidente resultou uma decepção para o público da Costa do Sol, que se viu privado de apreciar as companhias de bailado.

A gerência do Teatro S. José tem, entretanto, uma palavra a dizer, e o sr. Raul Tomás prestou-se a dar-nos esclarecimentos sobre este assunto, definindo que não houve da parte da empresa em questão qualquer quebra de contrato. Acusaram David Holmes e o dr. Filipe de Sousa de desorganização, pretendendo atribuir as culpas de não efectivação do

espectáculo a causas bem diversas daquelas que realmente lhes deram origem.

— Em devido tempo, — diz-nos Raul Tomás — recebemos um ofício da Câmara pedindo-nos a reserva da sala para um espectáculo de bailado ao abrigo de um contrato que existe entre a Câmara e o Teatro S. José, perante o qual nós nos comprometemos a ceder a sala à Câmara duas vezes por ano. Faço um parêntesis para esclarecer que, de início, esta cedência se referia a espectáculos de beneficência. Ace demos e ficámos à espera de ordens. Fomos posteriormente contactados pelo Dr. Filipe de Sousa e por David Holmes, que marcaram a data, pedindo que no dia marcado, lhes entregássemos a sala pela manhã. A própria organização do espectáculo mandou imprimir os bilhetes, que foram postos à venda logo que ficaram prontos.

O gerente do Teatro S. José prossegue:

— Na quinta-feira, dia 27, o dr. Filipe de Sousa contactou-nos para saber como ia a venda de bilhetes. Disse-lhe estar fraca. E na minha opinião, que na altura não emiti,

isso devia-se ao preço dos bilhetes, que custavam 300\$00. Mas nem nessa altura nem nos dias seguintes tivemos qualquer notícia de anulação, nem fomos procurados nunca pelo sr. David Holmes para cedência da sala para ensaios, o que não teríamos recusado. O único contacto havido, na sexta-feira, foi através de um enviado da Junta de Turismo, que nos pediu que afixássemos publicidade no interior da sala e colocássemos um cartaz no exterior. No sábado a publicidade estava afixada e havia 27 bilhetes vendidos. Nesse mesmo dia vieram colocar no teatro os cabos para a instalação eléctrica. Ainda nesse dia e às 18 horas, o dr. Filipe de Sousa comunicou-nos a anulação do espectáculo. A desculpa vinda a lume, para o cancelamento do «Champagne Gala», foi a falta de cooperação da empresa do Teatro S. José, segundo versão do sr. David Holmes, o que é mentira, porque tudo o que nos foi pedido foi cumprido na íntegra por nós.

Estas foram as declarações que nos fez o gerente do Teatro S. José. Delas concluímos que a venda de bilhetes foi reduzida, o que terá alertado a

organização do espectáculo para a possibilidade duma casa fraca, que não cobriria as despesas do «Champagne».

Com este incidente poderá dizer-se que «aqueceu» realmente o «II Verão Internacional de Bailado». Aqui deixamos uma sugestão a David Holmes:

porque não contentar o público da Costa do Sol fazendo um espectáculo de bailado no teatro do «Experimental de Cascais»? A sala é, pequena, é verdade, mas infelizmente não é muito vasto no nosso país o público apaixonado pelo «ballet».

Com esta solução pensamos que se resolveria um «amuo» que existe de momento entre os simpáticos elementos do Bailado e o público da Costa do Sol, que tão bem os acolheu e pretende continuar a recebê-los de igual forma nos próximos anos.

BOM APETITE



CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF. 79 01 68

ESPECIALIDADES DIARIAS

DOMINGO, AO ALMOÇO, ORQUESTRA

PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M 15 anos)

RESTAURANTE

POMBALINO

ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS

TODOS OS DIAS A FAMOSA PAELHA A VALENCIANA

PAÇO DE ARCOS (junto do Jardim)

Telef. 2433878

RESTAURANTE

VELEIRO

PRAIA DE CARCAVELOS

NOVA GERÊNCIA

DIARIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA

RESTAURANTE

SNACK-BAR

Colina

Rua Filipe Folque, 46-A

Telef. 560209

AMANHÃ BACALHAU

SABADO DOBRADA A COLINA

A CARRUAGEM

BAR * RESTAURANTE * SNACK

DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE

ABERTO DAS 11 DA MANHÃ AS 2 DA MADRUGADA

AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS

RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

RESTAURANTE E BAR

DO

HOTEL ALVORADA

ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA E VARIADA

(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)

Telef. 260070 (Frente do casino)



ADEGA MESQUITA

jante



APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

TRANSPORTES AEREOS PORTUGUESES BUSINESS SYSTEMS DEVELOPMENT

T.A.P., Portugal's international airline, are now developing their business systems employing advanced management skills and utilizing modern business techniques. The following senior management appointments are being offered:

Head of Systems Development

Reporting to the Head of Management Services the man appointed will manage an effective systems development service throughout all areas of the Company. He will have had wide business and management experience with a proven record of successful systems design and implementation—both computerized and manual—combined with knowledge or experience of O.R. and Work Study. Ref. 474/DL.

Each management appointment offered below reports directly to the Head of Systems Development.

Manager—Management Information Systems

He will design and implement management information systems throughout the Company using both manual and computerized techniques. Wide commercial experience is necessary combined with a proven record of management and successful systems design and implementation. Ref. 475/DL.

Manager—Computer Systems Development

Responsible for the conceptual design and implementation of effective computer systems he will be both an experienced technician and a successful functional manager. Ref. 476/DL.

Manager— Productivity Services

His responsibility will cover the application of O & M, Work Study and Work Measurement techniques. He will have had a recent record of successfully applying productivity services techniques and wide management experience. Ref. 477/DL.

Manager— Operational Research

He will be responsible for providing an effective O.R. service throughout the company. Widely experienced in both business and the use of O.R. techniques he will be a proven manager. Ref. 478/DL.

The appointments will be of interest to candidates of graduate status or equivalent with appropriate professional qualifications and experience.

For an application form write to, or telephone (01-828 1571)
T. D. A. Lunan in complete confidence at the address below, quoting the appropriate reference number.

 **Urwick Dynamics Limited** 2 Castle Lane
London SW15 6DL

DL / NACIONAL

“VENDE-SE METADE DESTA PRÉDIO...”

Quando puseram cá a tabuleta até pensamos que era uma partida de Carnaval! Respondeu-nos logo Eduardo Rodrigues, inquilino do rés-do-chão direito, do n.º 105, da Rua Filipe da Mata, na Beneficência, em cuja porta de entrada se encontra, há cerca de seis meses, afixado um pequeno cartaz com os seguintes dizeres: «Vende-se metade deste prédio».

O facto além de curioso, reveste-se de alguma anormalidade pois não é muito vulgar tanta dificuldade na venda de imóveis, sobretudo se tivermos em conta que o prédio em questão fica numa zona central da

cidade. Diz-nos o citado inquilino:

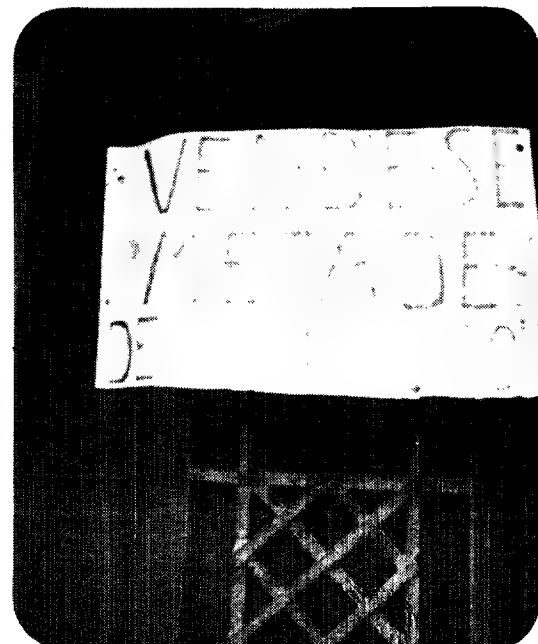
Têm cá aparecido muitos compradores mas eles querem o prédio todo e não só metade. Parece que a dificuldade deve-se ao facto de o prédio pertencer a duas partes, e só uma delas é que está interessada em vender.

E conclui lamentando-se: É pena que ele não se venda pois assim podia receber algum dinheiro como a lei ordena. Já cá estou há muitos anos e embora as rendas sejam antigas, e por isso baratas, esse dinheiro sempre fazia jeito.

Em contacto com um infor-

mador de uma das partes proprietárias, soubemos, também, que não é por falta de compradores que o pequeno cartaz se mantém afixado, desde Fevereiro do corrente ano. A explicação é que difere da que nos foi dada pelo inquilino.

Isto pertencia a dois herdeiros esclarece o informador que deixaram o prédio aos sobrinhos. Os sobrinhos de um deles venderam a sua parte que agora tem só um dono. Os sobrinhos do outro herdeiro são sete e ainda não venderam porque estão uns para cada lado e não há maneira de se encontrarem e resolverem.



O prédio em questão e o aviso, colocado na porta principal



Quando um espectáculo televisivo é tão importante como os

JOGOS OLÍMPICOS de Munique o melhor lugar é diante de um televisor

Radiola

com a comodidade a que V. tem direito

10 MODELOS À SUA ESCOLHA!

EXCELENTES CONDIÇÕES DE VENDA EM QUALQUER AGENTE RADIOLA

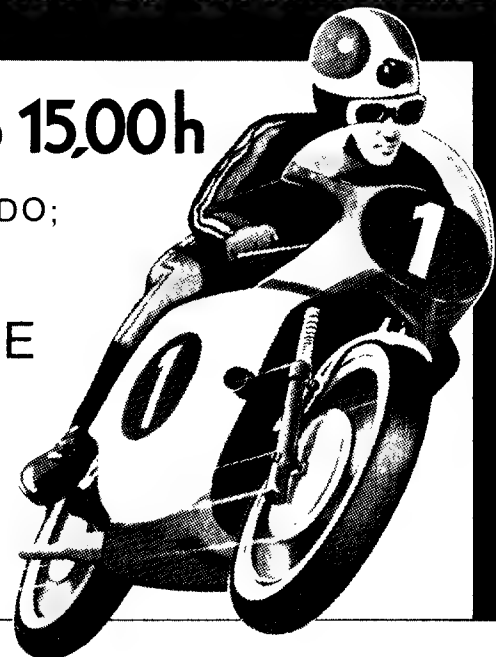
1.º GRANDE PRÉMIO DE MOTOCICLISMO

Organização da
Federação Portuguesa de Motociclismo

5/6 de Agosto 15,00h

COM A PRESENÇA
DO CAMPEÃO DO MUNDO;
ANGIEL NIETO
NAS
CATEGORIAS DE

50/e 251/500 c.c.
Prova Ibérica:
50, 125/ e 250/ c.c.
Provas Nacionais:
50, 125/250
e 251/500 c.c.



Bilhetes à venda:

Em Lisboa:

Agências Abep e Abelha

No Estoril:

Junta de Turismo da
Costa do Sol e nos
escritórios do Autódromo

Preços:

Sábado, 5/8/72 Domingo, 6/8/72

Central - 40\$00 Central - 50\$00

Lateral - 25\$00 Lateral - 30\$00

Peão - 10\$00 Peão - 15\$00

Parques:

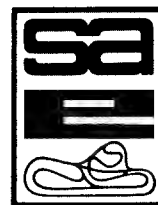
Autos: 10\$00 - Motos: grátis

Transportes assegurados a partir do Cais do Sodré
Ligação em autocarro Estoril-Autódromo: 5\$50

NOTA: Os possuidores de lugar cativo e os participantes com opção, têm de obter o bilhete de ingresso, que lhes será facultado contra a apresentação da senha correspondente à corrida n.º 2. O levantamento desses bilhetes deverá ser feito nos escritórios do Autódromo a partir do dia 1 de Agosto.

Espectáculo para
m/ de 6 anos
(grupo A)

autódromo do estoril
o maior empreendimento turístico-desportivo do país



OURIVESARIA CORAL

AV. DE ROMA, 14-A - LISBOA

Ao festejar o seu 13.º aniversário, saúda todos os seus estimados clientes e amigos, a quem agradece a preferência com que a têm distinguido, atenções que espera continuar a merecer.

COMUNICADO

Informamos o Ex.º Público, que os treinos do 1.º Grande Prémio de Motociclismo do Estoril têm o seguinte início:

Sábado: 13 00 h. — Domingo: 14.15 h.

DL/GERAL



Em 1979 a construção civil quer os terrenos do aeroporto

LUANDA, 3 (LUSITÂNIA) — Movem-se grandes influências para que os terrenos actualmente ocupados pelo aeroporto de Lisboa sejam aproveitados para a construção civil depois de entrar em funcionamento o novo aeroporto — afirmou o eng. Almeida Campos, director dos Serviços Técnicos da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, entrevistado em Luanda pelo matutino «A Província de Angola».

Só a área da pista principal,

se fosse vendida à razão de mil escudos o metro quadrado, o que se pode considerar muito barato naquela zona, renderia um milhão e duzentos mil contos. Mas essa área é apenas uma terça parte do que pode ser aproveitada — salientou.

Depois de declarar que a visita da Missão daquela Direcção-Geral a Angola se destinou a observar as infra-estruturas aeronáuticas já existentes e estudar a colaboração a dar aos

Serviços de Aeronáutica Civil na aplicação consciente da nova legislação, o eng. Almeida Campos destacou a urgente necessidade que há de formar técnicos e outro pessoal especializado através dos Centros de Formação de Pessoal Aeronáutica programados para Angola e Moçambique e afirmou que se irá dar apoio aos aero-clubes e escolas de pilotagem, no intuito de se conseguirem os técnicos necessários para a aviação civil e militar.

Referindo-se ao aeroporto de Luanda, o eng. Almeida Campos admitiu que seja já a altura de se prever, para muito breve, a construção dum novo aeroporto.

Sobre o telegrama acima transcrito poderemos acrescentar que, segundo uma informação do Gabinete de Estudos para a Construção do novo Aeroporto de Lisboa, o mesmo estará concluído e a entrar em funcionamento durante o ano de 1979.

ORA DIGA-NOS ...

DÁ-SE BEM COM ESTE CLIMA?

Milhares de trabalhadores cabo-verdeanos labutam em Lisboa, e na generalidade em arranjos de ruas ou na construção civil. Como reagem eles ao ambiente e clima europeu?

1 — **Hermenegildo António Cabral**, 23 anos, natural da Praia, Cabo Verde; a trabalhar nas obras: — Vou-me aguentando. O Inverno é que custa



desde Abril e ainda não pude mandar dinheiro para a família. Gostava de trabalhar noutros lados onde se ganhasse melhor.

3 — **Tiago Varela**, 15 anos, natural da ilha de S. Tiago, a trabalhar também como calceteiro:

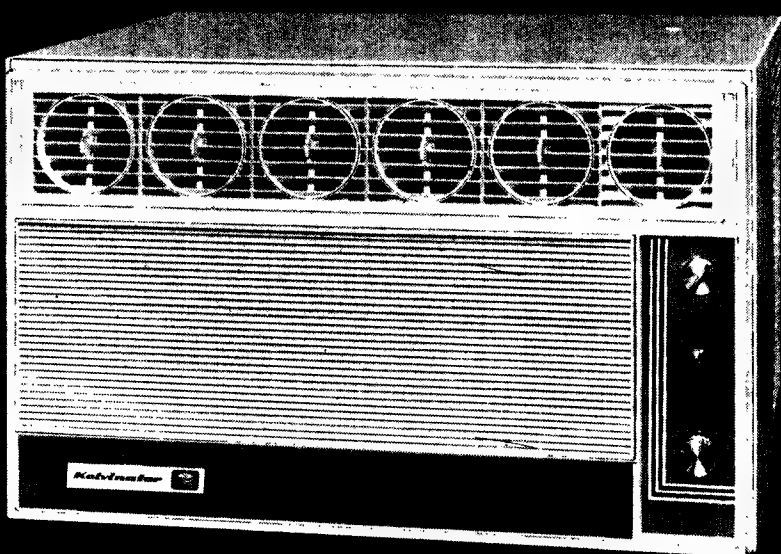
— Dou-me bem mas gostava mais de estar na minha terra.



mais. Mas como estou cá para ganhar dinheiro tem que ser. Olhe tenho saudades da minha terra...

2 — **João Monteiro de Carvalho**, da mesma ilha e arquipélago do anterior, trabalho de calceteiro: — Gosta mais de estar na minha terra. Estou aqui

Se pensa FRIAMENTE
comprará Kelvinator
Ar condicionado



Se quando decide a sua compra pensa em qualidade, em garantia, em utilidade e em preço, pensará em Kelvinator

Na ampla gama de Kelvinator, há sempre um modelo com o tamanho adequado para si

SEQUEL

Trav. Moinho de Vento,
28 - C Lisboa 2

Rua Serpa Pinto,
74 Porto

Kelvinator

A memória de Casais Monteiro

Com uma reunião de mesa redonda sobre «Desenvolvimento Económico e Defesa do Meio Ambiente», terminaram as actividades, nesta época da Cooperativa de Estudos e Documentação (CED), a qual estará encerrada durante o mês corrente para férias.

No reatamento dessas actividades, estão, desde já previstas uma sessão para debate das posições definidas naquela mesa redonda e outra sobre a obra e a personalidade do poeta e ensaísta Adolfo Casais Monteiro, recentemente falecido no Brasil, como o «Diário de Lisboa» noticiou.

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Europa Maravilhosa e G.º Circuito Europeu
Espanha - França - Itália - Áustria - Suíça - Alemanha
Holanda - Bélgica e Inglaterra
Seidas Semanais - Autopullman de Luxo

abreu LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Telef. 320021
PORTO - Av. Allados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA - Rua do Soto, 2 - Telef. 27011

CRUZEIROS de VERÃO

No moderníssimo e luso-paquete «FUNCHAL» com estabelecimentos de balneario, se condicionado e PISCINA

MADEIRA e CANÁRIAS 9 dias de viagem. Partidas: 8.7. e 1. e 21.8. 16.9. e 20.10. Preços desde (excursões incluídas) **3.900\$00**

MADEIRA e AÇORES 11 dias de viagem. Partidas: 19.7. 11.8. e 5. e 27.9. Preços desde (excursões incluídas) **4.750\$00**

ORGANIZAÇÕES DA CENTENÁRIA

abreu PORTO - Av. Allados, 207 - Telef. 37921
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Telef. 320021
COIMBRA - Rua do Soto, 2 - Telef. 27011

EXTERNATO SANTA BÁRBARA

RUA PASSOS MANUEL, 24-r/c. — TELEF. 561383

- * CICLO PREPARATÓRIO
- * ENSINO LICEAL
- * DIURNO - NOCTURNO

VENDEDORES AMBULANTES:

Nem dinheiro nem verão

Alguns vendedores ambulantes realizam, durante o Verão, um movimento de migração em direcção às praias. Outros inventam, na mesma altura, a profissão. E, assim, na época balnear, podemos encontrar um elevado número de vendedores, que trazem nas mãos, ou exibem nas bancas, mercadorias que variam do calção de banho até ao gelado que se chupa entre dois mergulhos.

Os motivos que levam cada um a percorrer as praias neste sistema, têm os mais diversos fundamentos. Encontram-se os que se justificam com uma baixa médica no emprego que antes ocupavam e as donas de casa que aproveitam a época para amealhar uns tostões para os

respeito. Os bolos compro-os já feitos e tenho que os vender ao mesmo preço dos dos outros sítios.

E recusa, pura e simplesmente, a identificação.

Reportagem de ROGÉRIO VIDIGAL
Fotos de RUI PACHECO

PROFISSÃO DE DOENTE

O senhor Armandino Augusto Henriques vende batatas fritas. E um homem novo, com bom aspecto, percorre a areia com um ar seguro.

No Inverno trabalho num supermercado, na baixa de

a mercadoria?

Dão-me o que querem. Certo, tenho 5 por cento sobre as vendas, e depois no fim dão-me alguma coisa se quiserem. Não foi nada ajustado, nem ao mês, nem à época.

A batata e as pipocas são fri-

e pague melhor, ele vai de boa vontade.

ASSIM NÃO É POLUIÇÃO

Os detritos vão todos para o mar. Os plásticos, precisamente porque são facilmente absorvidos, invadiram as praias, encheram as areias, e não há praia onde não se possa dar o nosso pontapé numa garrafa de azeite vazia.

Outra forma de os plásticos chegarem à praia é pela mão dos vendedores ambulantes. Levam em cestas, para venda, desde as pás para divertimento das crianças até às bolas que divertem os adultos bem musculados.

Duas vendedoras de Évora passeavam os seus produtos pela mesma praia de Carcavelos. A mais nova, apenas com 12 anos nem sequer sabe responder a qualquer das nossas perguntas. E Maria Inácia da Conceição, com cerca de quarenta anos, quem nos diz alguma coisa a respeito do negócio:

Ando em todos os sítios, não é só aqui. Sou ambulante. Temos dias que não vendemos nada, nem aqui nem noutra sítio. O que se vende melhor são os baldes de plástico, mas isto só se safa alguns dias. Às vezes nem saio, fico em casa a cuidar dos meus filhos.

O marido é vendedor ambulante de plásticos que compra nos armazéns. Não sabem se vendem mais caro ou mais barato que nas casas da especialidade.

Vendo ao preço que posso. Não sou como os ciganos: Só vendo pelo preço justo.

ESTRATÉGIA

Os vendedores dispõem-se estrategicamente na praia ou nos caminhos que a ela conduzem. Porque há negócios que devem ser feitos «in loco», mas outros



Vender batatas fritas: profissão de doente

há que que devem ter outro ponto de encontro. Passa-se isso com os vendedores de chapéu de palha, calções de banho, toalhas, cremes de bronzear e óculos escuros, entre as inúmeras variedades. «No caminho é melhor», diz Custódia Maria Lopes Afonso, que veio do Algarve para fazer negócio, nestes meses, nos arredores da cidade. E acrescenta:

Estou em casa. O meu marido é empregado. Só neste tempo é que venho vender, a ver se ganhamos alguma coisa. A vida está tão má... E OLHE QUE ISTO NÃO CORRE PELO MELHOR: Só ao domingo é que nós temos mais vendas, que é quando há mais gente.

A leitura também tem lugar, ao que vimos, à entrada das praias. As pessoas vêm desocupadas, trazem um farnel, um rádio, mas esquecem-se que, se

a coisa dura mais tempo, acabam por ficar fartas. Daí a necessidade de algo para ler, que só os aficionados trazem, por regra.

Os livros que se proporcionam vão desde a história aos quadrinhos, até ao Corin Telhado, forma mais enfiada de contar histórias enlatadas.

Confia-nos Zulmira da Conceição:

Tenho vindo todos os anos, porque as pessoas sempre lêem alguma coisa na praia. Durante o Inverno fico em casa, não vendo nada.

E mais não disse, porque não sabia se o marido estaria de acordo.

Procuramos algumas das mulheres que habitualmente vendem fruta, mas foi-nos dito que, nestes dias de menor calor, praticamente não têm aparecido.



Balões, bolas, pás de plástico...

dias mais frios. Os vendedores ambulantes profissionais, acompanham, também, o movimento em direcção ao mar que a cidade não recusa, antes reinvidica.

Não faço nada no Inverno, diz uma vendedora de bolos na praia de Carcavelos. Fico cansada do Verão, e por isso depois não quero fazer nada.

E o negócio?

O negócio é cá comigo: se ele dá ou não, só a mim diz

Lisboa. Ando aqui só durante a época do Verão. Estou aqui porque o médico me deu baixa.

Tenho qualquer coisa cá dentro. Como o patrão é da minha terra, eu aproveito para ganhar alguma coisa. Quando o médico me der alta, vou outra vez para o supermercado.

Neste Verão de má cara, de nuvens e de sol escondido, as

tas pelo Armandino e por outros empregados. Com a prática que tem, sempre nos vai dizendo que se houver para aí alguma fábrica que precise dum fritador

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L.

CAPITAL: 450 000 000\$00 — SEDE: RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 244 PORTO

20.ª EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES — 7 % (1972/84)

RATEIO (de redução)

Em consequência de ter sido subscrita uma quantidade de obrigações (104 941) superior ao dobro da que foi oferecida ao público (50 000), fez-se o necessário rateio de redução, na seguinte conformidade (atribuições definitivas):

SUBSCRIÇÕES FEITAS

de 1 a 6 obrigações, inclusive
de 7 a 12 obrigações, inclusive
de 13 a 300 obrigações, inclusive

de 450 a 600 obrigações, inclusive
de 750 a 1001 obrigações, inclusive
de 1300 a 1500 obrigações, inclusive
de 3000 a 5000 obrigações, inclusive

ATRIBUIÇÕES DEFINITIVAS

Total;
6 obrigações;
50% das obrigações subscritas, com arredondamento por defeito para a unidade;
39%, idem, idem;
37%, idem, idem;
35%, idem, idem;
33%, idem, idem.

Os senhores subscritores poderão apresentar imediatamente os respectivos documentos provisórios no estabelecimento bancário em que fizeram a subscrição, para efeito de neles ser registada a redução efectuada e para serem reembolsados pela quantia correspondente — sendo conveniente que os senhores subscritores com atribuição total (1 a 6) apresentem também os seus documentos para confirmação.

Porto, 2 de Agosto de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

Rua do Ouro, 292, 1. (Esq. c/ o Rossio) LISBOA — Telef. 369384/5/6

IPAVIL

«PREPARAÇÃO PARA OS EXAMES DE 2.ª ÉPOCA»

Cursos intensivos nos meses de Agosto e Setembro, orientados por professores do Liceu Francês Charles Lepierre:

Informações: Av. Almirante Reis, 63-1.º
Telefone 45293

DL/ESTRANGEIRO

ASPERA CENSURA DO SENADO À POLÍTICA INDOCHINESA DE NIXON

WASHINGTON, 3 (R) A política do presidente Nixon para o Vietname recebeu do Congresso a sua censura mais áspera com uma votação sem precedentes no Senado para suspender fundos destinados a futuro envolvimento militar americano na Indochina.

Numa série de oito chamadas efectuadas ontem à noite, os «pombas» do Senado conseguiram evitar consultas intensas nos bastidores feitas por partidários do Governo e votaram por reduzida margem no sentido de dispendir fundos para futuras acções militares americanas no Vietname, Camboja e Laos, decorridos quatro meses após entrar em vigor.

Duas condições foram apenas a essa legislação: que Hanói liberte todos os prisioneiros americanos de guerra e indique se estão vivos militares americanos dados como desaparecidos em acção.

A medida foi ligada a uma emenda à importante lei sobre armamento do Pentágono, prevendo uma verba de 20522 milhões de dólares, que o Governo considera como vital para importantes novos sistemas de defesa. A lei emendada foi aprovada por 95 contra dois votos.

O Senado aprovava anteriormente medidas para a retirada de tropas do Vietname, mas elas constituíam declarações da «opinião do Senado» que não obrigavam o presidente a agir.

Uma medida mandatória semelhante foi apenas na semana passada à lei de auxílio ao estrangeiro, mas partidários do Governo conseguiram com êxito que fossem anuladas tanto a lei como a emenda.

AGNEW PREPARADO

O vice-presidente Spiro Agnew presidiu durante a noite passada à série crucial de oito chamadas, pronto a dar um voto decisivo a favor do Governo, mas os «pombas» conseguiram superar tudo isso e ganharem 49 contra 47 votos.

Partidários da administração tinham insistido nos bastidores numa medida alternativa exprimindo apoio a uma proposta feita em 8 de Maio pelo presidente Nixon a Hanói oferecendo-se para retirar tropas dentro de quatro meses desde que o Vietname do Norte libertasse prisioneiros americanos e fosse estabelecido um cessar-fogo. Essa medida foi inicialmente aprovada, mas eliminada depois pela subsequente legislação reduzindo fundos.

A medida final contra a guerra foi patrocinada pelo senador republicano Edward Brooke e pelo senador democrático Alan Cranston.

Argumentando que os Estados Unidos tinham feito mais do que o suficiente pelo Vietname e que a única condição para a retirada deveria ser a liber-



HANOÍ DIVULGOU AS FOTOGRAFIAS de quatro pilotos americanos recentemente capturados quando bombardeavam o Vietname do Norte. São eles (da esquerda para a direita), James David Kula, capitão da Força Aérea, Melvin Kazuki Matsui, também capitão, ambos capturados no dia 29 de Julho sobre a província de Lang Son, o tenente-coronel William John Breckner e o tenente Larry Donald Pirce, abatidos sobre Hanói no dia 30 do mês passado. Todos eles provinham de bases na Tailândia (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

tação de prisioneiros americanos, o senador Brooke declarou: «Se continuarmos à espera de negociações, ficaremos lá, não quatro meses, mas mais um ano ou dois».

O senador democrático John Stennis, presidente da comissão dos serviços armados, pediu ao Senado «para não tirar o tapete debaixo dos pés do presidente».

O presidente Nixon tem afirmado que tal legislação apenas podia ter como resultado o prolongamento da guerra.

Um factor na votação, além da opinião cada vez maior contra a guerra, foram os ciúmes do Senado acerca dos poderes constitucionais do presidente. Muitos senadores julgam que os poderes do Senado têm sido cortados nos últimos anos à medida que os Estados Unidos se envolviam no Vietname.

VITÓRIA DOS SENADORES

É provável que a legislação para reduzir fundos seja bloqueada na comissão de conferências do Senado e na Câmara dos representantes, que redigirá a versão final da lei de fundos para a defesa.

Contudo, uma demorada disputa acerca de legislação contra a guerra poderia demorar seriamente a aprovação final da lei. Os «pombas» do Senado sentem, em qualquer caso, que a acção dos senadores foi uma grande vitória, sem ter em conta o que acontecerá na comissão de conferência.

DANANG BOMBARDEADA
SAIGÃO, 3 (ANI) Ao amanhecer do dia de hoje, artilheiros comunistas atacaram a base aérea norte americana de

Da Nang com 27 foguetões, matando um norte americano e ferindo treze.

Foi o primeiro ataque com foguetões àquela base desde 13 de Julho, e o maior bombardeamento desde que, em 9 de Fevereiro, ali caíram 28 foguetões.

Entretanto, soldados de infantaria do Vietname do Sul entraram ontem na base de fogo «Bastogne», recapturando, sem luta, o posto avançado da montanha, situado 19 quilómetros a sudoeste do Hué.

Foi a segunda vez que tropas governamentais reocuparam a base, que faz parte do crítico

perímetro ocidental de defesa da antiga capital imperial.

Contudo, a base de fogo «Checkmate», situada num monte adjacente, continua sob o controlo dos comunistas.

Ao anoitecer, artilheiros comunistas postados nas montanhas bombardearam Hué, matando duas pessoas e ferindo oito.

Ontem à noite e ao princípio do dia de hoje, bombardeiros gigantes B-52 dos Estados Unidos efectuaram missões a ocidente de Hué, atacando o que se suspeita ser concentrações de tropas comunistas.

ESTADO DE EMERGÊNCIA EM INGLATERRA

O estado de emergência foi oficialmente proclamado em Londres a partir das 23 horas TMG (00 horas em Lisboa), de hoje. A comuni-

cação acrescenta que a Rainha Isabel assinou a proclamação a bordo do iate real «Britannia» ao largo da costa da Escócia.



O SENADOR MCGOVERN reuniu-se, no seu gabinete do Senado, com alguns dirigentes negros. Junto de McGovern vê-se Coretta King, a viúva de Martin Luther King (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Um vice para McGovern: Decisão na próxima semana

WASHINGTON, 3 (R) A Comissão Nacional Democrática deverá reunir-se em sessão na próxima terça-feira para escolher um novo candidato à vice-presidência e o nome do senador Edmund Muskie é o indicado com mais insistência.

Espera-se que a reunião da comissão, nesta capital, aprove a escolha do candidato presidencial George McGovern, que ontem, à noite, parecia inclinar-se para o senador Muskie como substituto do senador Thomas Eagleton.

Contudo, o senador McGovern não forneceu até agora qualquer indicação sobre quem apoia para ser o seu companhei-

ro na corrida para a Casa Branca.

McGovern está obviamente resolvido a evitar a investigação apressada e inadequada, que assinalou a escolha do senador Eagleton, que se demitiu de candidato do Partido à vice-presidência, após não ter revelado a sua ficha médica, o que provocou grandes críticas.

Afirma-se que o senador McGovern está a ponderar seriamente algumas possibilidades.

O senador Muskie foi o candidato sem êxito do Partido à vice-presidência há quatro anos e um dos grandes rivais do senador McGovern para obter a candidatura presidencial deste ano.

Outros nomes que estão a ser mencionados incluem os do antigo director do Corpo de Paz, Sargent Shriver, e o do governador do Wisconsin, Patrick Lucey.

Observadores disseram que era um tanto duvidoso se o senador Muskie aceitaria, se lhe fosse pedido, ser pela segunda vez candidato à vice-presidência.

As vantagens da sua escolha seriam a sua moderação, a sua posição centrista, que ajudaria a dissipar receios de que o senador McGovern é demasiado radical e o facto de que é um católico — uma das causas que levou o senador McGovern a escolher o senador Eagleton.

Camelos acaimados

BUDAPESTE, 3 (ANI) Depois da segunda morte em três anos causada por um camelo excitado, as autoridades determinaram que estes animais passem a andar nas ruas de Budapeste acaimados.

Ao mesmo tempo, o «zoo» da capital húngara foi condenada a pagar à viúva do tratador de camelos, Ferenc Kereszturi, uma indemnização de 70 000 forints (81 contos).

Kereszturi, de 52 anos, foi atacado e morto à dentada por um destes animais que conduzia de uma estação dos caminhos de ferro para o jardim zoológico.

A primeira morte ocorreu quando um camelo fugiu de um circo, em 1969.

Hormona proibida

WASHINGTON, 3 (FP) Os serviços federais de alimentação decidiram proibir a partir de 1 de Janeiro de 1973 o aproveitamento de uma hormona utilizada para engordar o gado e que poderá ser cancerígena. Trata-se do «des» (destililbestrol) já proibido noutros países. Esta hormona é utilizada para engordar 75 por cento do gado americano e a sua interdição implicará, segundo o departamento da agricultura, um aumento do preço da carne da ordem de 7 centimos por quilo.

"MEMORIA VIRTUAL" PROGRESSO DECISIVO NA INFORMÁTICA

PARIS, 3 (F.P.) A I.B.M. acaba de anunciar, simultaneamente em Nova Iorque e nas principais capitais, a introdução do conceito de «memória virtual» nos seus computadores. Este princípio era aguardado há já algum tempo. Os especialistas têm-no como um progresso que poderá ser decisivo para o futuro da informática.

A «memória virtual» é uma técnica de administração de memória susceptível de conferir ao computador uma capacidade de memória susceptível de conferir ao computador uma capacidade de memória que excede largamente as suas possibilidades efectivas. Esta capacidade é com efeito quadruplicada (16 milhões de caracteres contra 4 milhões nos maiores computadores), podendo no máximo ser multiplicada por 160. É possível por outro lado proceder ao tratamento simultâneo de programas com um volume total ex-

cedendo a envergadura da memória principal.

O princípio da «memória virtual» é relativamente simples mas a sua serialização levou tempo. Trata-se de armazenar em disco (fora do computador) programas de que não se tenha imediata necessidade chamando-os à memória principal na altura do tratamento. Nesse momento o programa que está no computador virá alinhar com o disco anexo sem que o operador se dê conta, ou não sendo mais necessário será destruído e substituído pelo novo programa que foi chamado.

Entre as vantagens deste sistema sobressai o facto de deixar de haver uma limitação de calibre para os trabalhos a efectuar. Torna-se por outro lado viável a utilização de linguagens compreensíveis, evitando o recurso à linguagem «concentrada» que ocupa largo espaço na memória.

AFIRMA UM PSQUITRA: BREMER É ESQUIZOFRÉNICO

UPPER MERIDON, 3 (F.P.) O dr. Eugene Brody, director do departamento de psiquiatria da Universidade de Maryland declarou ontem no processo de Arthur Bremer, o jovem que quis assassinar o governador do Alabama Georges Wallace em Maio passado, que o acusado tinha já decidido em Março matar o presidente Nixon ou o governador do Alabama.

A afirmação daquele psiquiatra funda-se numas notas transcritas num diário de Bremer começado em princípio do corrente ano.

A decisão teria sido tomada após ter sido abandonado por uma sua amiga de 16 anos. Correu então o país procurando uma oportunidade para atingir o presidente Nixon, o que não conseguiu. Mesmo quando disparou Wallace por duas vezes teve de desistir, por se terem colocado na linha de mira duas raparigas.

O dr. Brody que depõe pela defesa, afirma que o acusado sofre de esquizofrenia e que não «estava igualmente são de espírito» quando despertou o atestado contra o governador do Alabama.

A FUSÃO EGÍPTO-LÍBIA

ISRAEL TENTARA OBTER MAIS AVIÕES DOS EUA

BEIRUTE, 3 (ANI) — A fusão entre a Líbia e o Egito pode significativamente aumentar o poderio aéreo árabe e desencadear novas exigências israelitas aos Estados Unidos para o fornecimento de mais bombardeiros — declararam peritos militares ocidentais.

A Líbia encomendou à França 110 caças Mirage e já recebeu cerca de 45 desses aparelhos.

Depois da união, prevê-se nos círculos militares que Paris imporá aos futuros fornecimentos o embargo em relação aos países em conflito do Médio Oriente, incluindo o Egito.

Mesmo assim, os 45 aparelhos reforçarão o poder aéreo árabe, especialmente num momento em que o Egito expulsou do seu território os conselheiros militares russos, em consequência de Moscovo ter recusado fornecer-lhe armas mais aperfeiçoadas.

CAPACIDADE DA COLIGAÇÃO

O Instituto de Estudos Estratégicos, com sede em Londres, declarou que o total das forças libias rondam os 22 000 homens.

Isto inclui 20 000 homens no exército — quatro batalhões de belindados, cinco de infantaria, três de artilharia e dois anti-aéreos.

Há apenas 1000 na marinha e outros tantos na força aérea.

Os 275 mil homens do exército

to egípcio estão divididos em três divisões armadas, quatro divisões mecanizadas de infantaria, cinco divisões de infantaria, duas brigadas de para-quedistas, dezasseis brigadas de artilharia e vinte batalhões de comandos.

O exército está equipado com dois mil tanques e igual número de peças de artilharia.

A marinha conta catorze mil homens, doze submarinos, cinco «Destroyer», duas corvetas, dez caça-submarinos e quatro lança-minas.

A aviação tem vinte e cinco mil homens, 523 aviões de combate, incluindo duzentos mig-21 e aproximadamente 50 bombardeiros.

ALARME EM ISRAEL

Declara-se nos referidos círculos que Israel levantará imediatamente um protesto em Paris sobre as entregas dos Mirages e tentará obter de Washington garantias de que os Estados Unidos tudo farão pelo equilíbrio militar na área.

Embora os peritos observem que os Mirages libios não afectarão o desequilíbrio contra Israel, Jerusalém vai servir-se da questão para obter mais aviões de fabrico norte-americano.

O EGÍPTO GRATO À URSS

CAIRO, 3 (FP) — «Não achamos que a partida dos conselheiros e peritos militares soviéticos prejudique a amizade

ou a cooperação entre o Egito e a União Soviética», declarou o general Mohamed Ahmad Sadek, vice primeiro ministro e ministro egípcio da guerra, na recepção de despedida, que lhes ofereceu ontem à noite.

«Os nossos projectos e esperanças relativamente à União Soviética continuarão, pelo contrário, sempre estáveis e baseadas nos princípios do reforço da amizade e da cooperação em vários domínios, ao serviço dos nossos interesses comuns» disse.

«O povo egípcio e, em especial as forças armadas» acrescentou o general Sadek — recordarão sempre a atitude do povo e do governo soviéticos durante o período crítico que atravessamos.

COMUNISTAS SOB VIGILÂNCIA

Elementos comunistas foram postos sob vigilância depois da decisão do presidente Anwar Sadat de fazer retirar do Egito os conselheiros militares russos — afirma-se nos círculos políticos.

As medidas de segurança, tomadas em locais estratégicos, foram também relacionadas com o discurso de 18 de Julho, proferido pelo presidente egípcio. Até agora não foram revelados pormenores.

Nos círculos diplomáticos árabes afirma-se que alguns co-



DURANTE UM BANQUETE DE DESPEDIDA oferecido no Cairo em honra dos conselheiros militares russos que abandonam o Egito, o general Mohammed Sadek, ministro egípcio da guerra, afirmou que o afastamento dos adidos militares russos não afectará as relações de amizade existentes entre os dois países (Telefoto UPI/Telimprensa «DL»)

munistas egípcios deixaram o país. Em Janeiro, grupos de jovens manifestaram-se nas ruas do Cairo exigindo o termo da situação equívoca que prevalece desde 1967, quando da guerra com Israel.

A SÍRIA APROVA A UNIÃO

DAMASCO, 3 (ANI) — A Síria deu ontem a sua aprovação ao plano de fusão do Egito e da Líbia, países que com a Síria formam a Federação das Repúblicas Árabes — anunciou a rádio de Damasco.

A emissora acrescentou que o presidente Hafez Assad telefonou ontem ao presidente Sadat do Egito e ao chefe do estado libio, coronel Moammar Kha-

dafy, para lhes manifestar o seu «contentamento» pela decisão.

Sadat e Khadafy que se encontram em Benghazi vão man-

dar agora a Damasco um enviado especial que apresentará a Assad os pormenores do plano para a fusão dos dois países.

Um copo de boa disposição...



...para todo o dia!

Mais disposições, azia, náuseas e enfiamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 cartelas individuais



A venda nas Farmácias



JOÃO CARLOS CASTRO SALAZAR LEITE

Participação e Missa do 7.º Dia

Seus Pais, Irmãos, Avós e Tios, participam o seu falecimento no passado dia 29 e que será rezada uma Missa em sua memória amanhã, dia 4 de Agosto, pelas 18.30 horas, na Capela do Colégio Universitário Pio XII, na Av. 28 de Maio.

AGÊNCIA BARATA

CALEIDOSCÓPIO

LONDONDERRY, 3 (F.P.)

— Morreu um soldado britânico, atingido esta manhã pela explosão de uma bomba numa estrada, próximo de Claudy, no condado de Tyrone. Trata-se da primeira baixa desde a ofensiva do Exército britânico contra os redutos do I.R.A., na passada segunda-feira.

Alguns franco-atiradores do IRA estariam a utilizar «superbalas perfurantes com invólucro de tungsténio», capazes de perfurar a blindagem dos «Pigs», transportes de tropas do tipo Ferrari, que estiveram até agora ao serviço na Irlanda do Norte — afirma o «Daily Mirror». Segundo o jornal, teriam sido mortos dois soldados, em Julho findo, dentro dessas viaturas, razão porque os «Pigs» estão a ser substituídos por blindados mais pesados do tipo Saracen.

JORNALISTA ACUSADO

SALVADOR, 3 (F.P.) — O chefe de redacção do «Jornal da Bahia», que se publica nesta cidade, vai ser julgado em tribunal militar, acusado de violação da lei de segurança do Estado.

O jornalista é acusado pelo governador do Estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, de estar a criar uma imagem falsa da sua pessoa perante o público.

A lei de segurança brasileira prevê uma pena de dois a seis anos de prisão para quem fira

a honra ou a dignidade das autoridades nacionais. No entanto, quando o delito é cometido através da Imprensa, a pena pode ser aumentada.

CHICHESTER: TUMOR

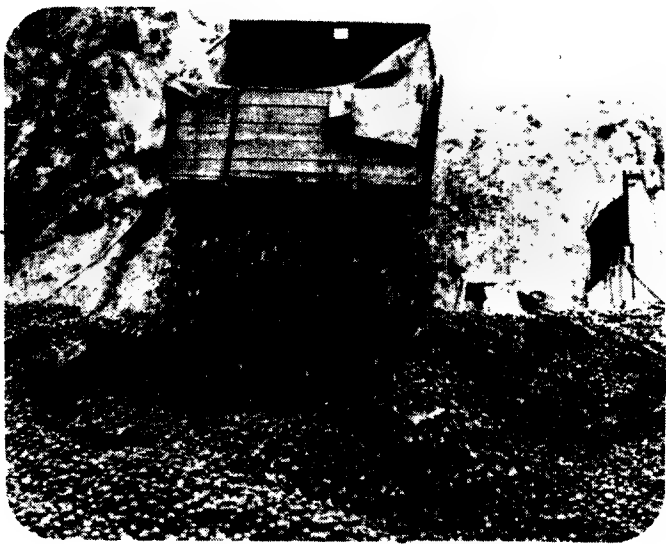
LONDRES, 3 (R.) — «Sir» Francis Chichester, o navegador solitário veterano da Grã-Bretanha, que desistiu no mês passado de uma compra transatlântica em iate de um só tripulante e que foi salvo pela marinha real, revelou hoje que sofre de um tumor na espinha e nos ossos.

«Sir» Francis, numa carta ao «Times», defendendo a sua decisão de prosseguir na regata contra conselho dos médicos, afirma ainda que teria regressado a Plymouth sem o auxílio da marinha.

ELEIÇÕES NA CAPELA

HAMBURGO, 3 (F.P.) — Os reclusos da prisão de «Sante Fu» em Hamburgo — Fuhlbüttel foram ontem autorizados a eleger por sufrágio directo e secreto conselhos de representação para a defesa dos seus interesses.

Esta decisão culmina as negociações que têm estado a decorrer entre uma comissão provisória dos presos e Ernst Heinsen, do departamento de justiça da cidade — Estado de Hamburgo.



MILHARES DE TONELADAS de tomate produzido em Gvernsey estão a ser desperdiçadas, pois não alcançam os mercados britânicos devido à greve dos estivadores

DOIS TERÇOS DOS INGLESES DESCONTENTES COM HEATH

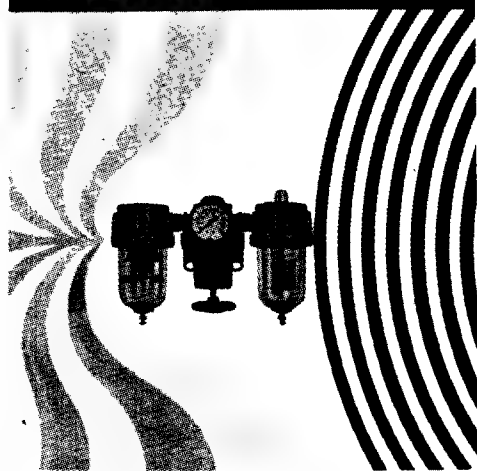
LONDRES, 3 (FP) — Perto de dois terços dos britânicos estão descontentes com a atitude do Governo de Heath nos recentes conflitos sociais — revela uma sondagem de opinião que o «Daily Mail» publica hoje.

Se houvesse eleições gerais, os Trabalhistas bateriam os Conservadores por largamargem. A sondagem dá-lhes um avanço de 9,5 pontos (49 por cento contra 39,5 por cento). Quanto à popularidade pessoal do primeiro-ministro, apenas 36 por cento das pessoas interrogadas se mostraram satisfeitos com Heath.

Cinquenta e sete por cento estão descontentes. Wilson, pelo contrário, está em alta e ultrapassa amplamente o primeiro-ministro, com uma percentagem de 47 por cento de pessoas satisfeitas com a sua política.

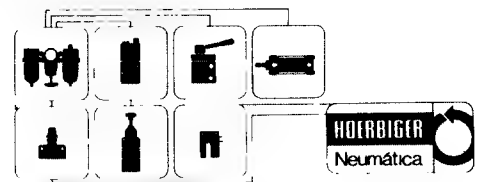
A mesma sondagem revela que continua forte a corrente contra o Mercado Comum (46 por cento). Quanto à principal inquietação dos ingleses, não derivaria, segundo a sondagem, do endurecimento dos conflitos sociais. O que os preocupa é o aumento do custo de vida.

FINALMENTE, os aparelhos
MAIS ECONOMICOS
para o acondicionamento de ar
comprimido **TEMO-LOS**
NOS.....



QUANDO V. CALCULEM A SERIO...

A segurança de funcionamento e duração da vossa instalação pneumática assim como de comandos dependem durante a preparação do ar comprimido. POUPAR neste ponto significaria pesadas perdas por causa das avarias produzidas ignorando na maioria dos casos a sua verdadeira causa. Isto precisamente faz elevar os preços dos produtos que V. fabrica proibindo o de competir no mercado com outras firmas. É por isto que V. necessita uma VERDADEIRA relação Preço-FUNÇÃO-NAMENTO com aparelhos experimentados no mercado, nunca a HOERBIGER oferece-lhe tudo o exposto em 2 categorias de potência com o apoio de informações MAS A DECISÃO DE POUPAR É CONSIGO



BARBOSA JUNIOR & IRMAOS
Lda - Rua da Mouraria, 11 - 1.º andar
1100-001 Lisboa - Tel. 211 11 11

DL/GERAL

DO BRASIL VEM O EXEMPLO

Exames psicotécnicos para todos os condutores

Encontra-se entre nós em viagem de férias e, simultaneamente, de contacto com outros centros europeus da especialidade, a ilustre psicóloga brasileira, dr.^a Cremilda Giffoni Gonçalves, responsável pelo departamento psicotécnico da Academia da Polícia do Estado de Guanabara. Dependente da Secretaria de Segurança Pública (equivalente ao nosso Ministério da Justiça) aquele organismo brasileiro iniciou, há cerca de dois anos, uma actividade de extrema relevância social que, apesar de curto período de vida, tem produzido resultados verdadeiramente espantosos. Trata-se, nem mais nem menos, de exames psicotécnicos a todos os candidatos a motoristas, amadores e profissionais. Tendo obrigatoriedade legal desde 1968, só há dois anos começaram a ter efectividade prática.

A ORIGEM

A dr.^a Giffoni Gonçalves, que esta noite falará na R. T. P. na rubrica «Sangue na Estrada», de Filipe Nogueira elucidou-nos acerca da origem a propósito do departamento que dirige:

No Brasil como certamente na generalidade dos outros países, o acidente de trânsito é indubitavelmente um dos grandes responsáveis por elevados índices de mortalidade além dos naturais prejuízos sócio-económicos que dele advêm. Exactamente por esse facto, em França e nos Estados Unidos (onde a psicologia domina todos os sectores da vida), tem-se dado extrema importância à preparação e selecção de todos aqueles que irão conduzir. Aí se iniciaram, portanto, os exames psicotécnicos conducentes à diminuição do desastre na estrada.

Pioneiros no Brasil:

Em 1960 houve um psicólogo, o dr. Miray Lopes que iniciou, em Guanabara, o exame psicotécnico para motoristas. Todavia a sua experiência não teve, por diversos motivos, a continuidade que merecia e limitou-se aos condutores profissionais de transportes colectivos. Em 1968 surgiu a legislação, obrigatória em todo o Brasil, e, dois anos depois, com o coronel Renato Rocha a supe-rintender a Academia da Polícia, o departamento psicotécnico multiplicou a sua actividade. A partir de então todos

os candidatos a motoristas amadores ou profissionais, têm de fazer exames ou testes que decidirão ou não, se poderão ter carteira de condução.

Mas nem só os futuros motoristas são obrigados a tal exame. Todos os que tenham já carta mas que necessitem de averbamento, ou que tenham cometido infracção susceptível de perda daquele documento, têm de fazer idênticos testes. Diz-nos

A média diária de testes é de 600, sob a orientação de cerca de meia centena de psicólogos. Trabalhando há mais de 20 anos em questões ligadas à Psicologia, a dr.^a Giffoni Gonçalves afirmou-nos ainda:

Aquilo que no motorista é por nós considerado mais importante é a parte psicomotora, atendendo às reacções, atenção, coordenação bimanual, acuidade auditiva e visual, resistência



A psicóloga, dra. Giffoni Gonçalves

ainda a nossa entrevistada:

Os próprios peritos, directores de escolas e examinadores estão vinculados a esses exames e, além disso, fazem um curso especial de formação.

FUNCIONAMENTO

Como é natural são maiores as restrições ou exigências relativamente aos motoristas profissionais. Explica-nos a conhecida psicóloga:

Para amadores há apenas um exame e uma categoria. Os profissionais, porém estão divididos em três categorias: A-habilitados a conduzir veículos até duas toneladas e meia; B-Um ano depois do primeiro teste e permitindo conduzir veículos até 6 toneladas; C-terá de passar dois anos do teste para categoria B, e só então fará exame para esta categoria podendo, assim, guiar veículos com mais de 6 toneladas.

Pormenores importantes:

Os candidatos que tenham dificuldade de relação, instabilidade psíquica ou carácter variável, terão maiores restrições para condução de transportes colectivos. De qualquer forma não são definitivamente inabilitados pois têm a possibilidade de receber uma orientação especial, incidindo sobretudo em palestras de grupo, com o objectivo de fazer melhorar a sua condição psíquica e lembrar-lhe os perigos dos excessos de fadiga. É a chamada terapêutica de apoio.

Em dois anos de funcionamento a Academia de Polícia concedeu já carteira de motorista, com exames psicotécnicos, a mais de 50 mil indivíduos. Todos eles têm uma carta especial com número de exame psicotécnico, a data e a assinatura do psicólogo responsável. À fadiga, amplitude visual e principalmente a parte respeitante à personalidade, onde se observa a agressividade e a ausência de traços patológicos.

Problemas de reclassificação:

Qualquer motorista que tenha a carteira C, em caso de infracção ou evidente diminuição de condições, baixará à categoria B e caso reincida poderá chegar à categoria A ou até perdê-la por completo. Se quiser recuperar a categoria inicial terá de voltar a repetir todos os exames necessários.

RESULTADOS

Segundo a nossa entrevistada os motoristas não reagiram de início muito bem à iniciativa:

Quando saíam, após os exames, discutiam comigo, ameaçavam-me até. Porém a maioria voltava depois para agradecer as vantagens que o exame psicotécnico proporcionava. E a verdade, é que o índice de acidentes de viação é incomparavelmente menor desde que o nosso departamento começou a funcionar em pleno, com a superior direcção do sr. Coronel Renato Rocha. Não imagina a espantosa aceitação que a iniciativa tem neste momento em Guanabara.

Refere ainda a nossa interlocutora a amplitude que o processo está a ter no seu país envolvendo cada vez mais todos os sectores de actividade.

Casas comerciais e industriais, organismos de Estado, todos procuram agora ter pessoal qualificado utilizando o teste psicotécnico.

Esclarece no entanto:

Convém ter em conta que tal sistema não visa seleccionar uns para eliminar outros. Procura-se permitir a todos a escolha certa de profissão certa. É um processo humano ao contrário do que muitos pretendem.

Aí fica a sugestão. No Brasil (cento e cinquenta anos de independência) caminha-se para a frente, utilizam-se os processos necessários, mobilizam-se os recursos para as tarefas urgentes do progresso. Um exemplo para nós.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, no referido concelho, de uma linha aérea a 30 kV com 1241 m, do poste n.º 32 da linha Cachofarra-Alcácer do Sal ao posto de transformação do Entrepósito Industrial de Automóveis, S.A.R.L.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 21 de Julho de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, em Setúbal, de uma linha mista com o comprimento total de 50 m (Troço aéreo com 20 m, e troço subterrâneo com 30 m), do apoio n.º 36 da linha L130-7 Cachofarra-Alcácer ao posto de transformação da firma «Faianças e Porcelanas Sado Internacional, Lda».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Julho de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

viaje enquanto dorme!

com início na noite de 4 para 5 de Agosto, você poderá viajar de Lisboa a Viana do Castelo, com o novo serviço de carruagem-camas.

*a vice-versa.

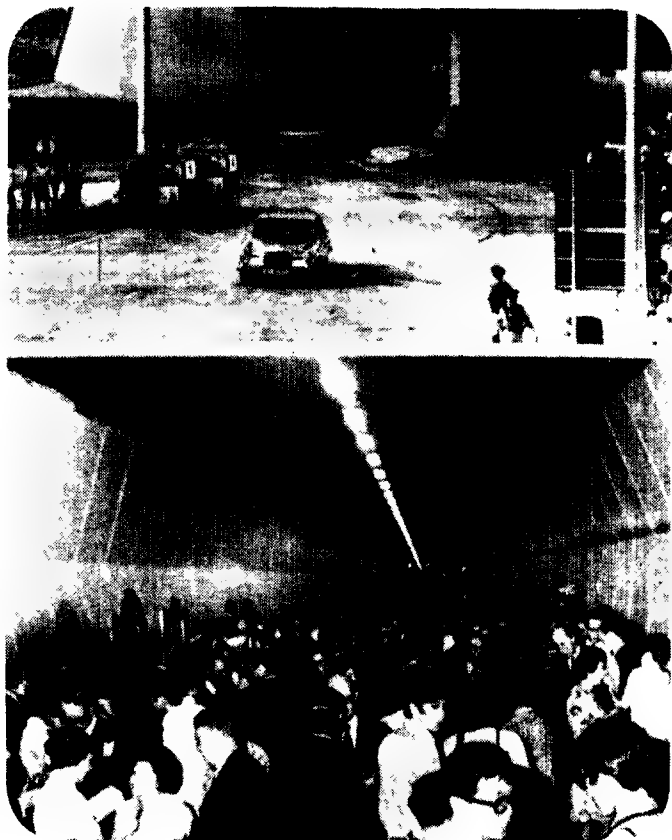


LISBOA-VIANA DO CASTELO
noites de sexta-feira para sábado e sábado para domingo

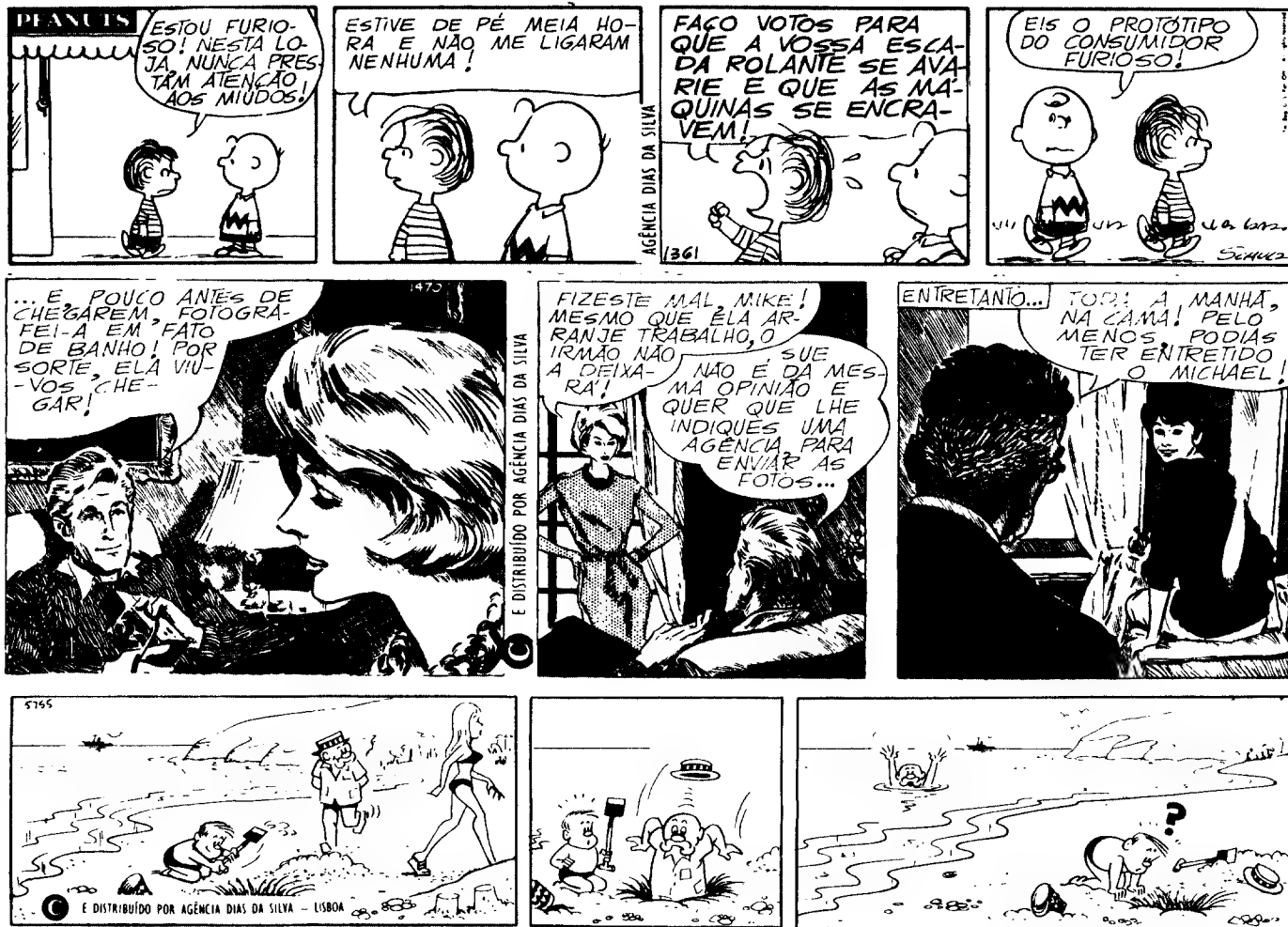
VIANA DO CASTELO-LISBOA
noites de sábado para domingo e domingo para segunda-feira

Caminhos de Ferro Portugueses

TÚNEL GIGANTESCO



Dois aspectos da festa inaugural do famoso túnel que liga agora a ilha de Hong-Kong à China. Custou 50 milhões de dólares e pode escoar 70 000 carros por dia



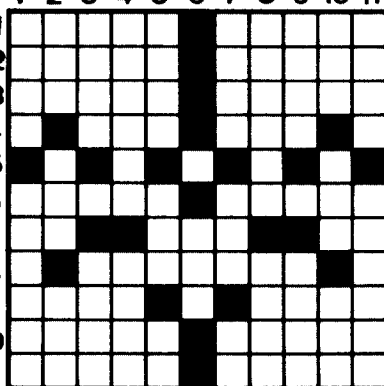
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10155

HORIZONTAIS

- 1 Ampla. Queimar.
- 2 Provera de abas. Acesso (fig)
- 3 Cuincar. Escavação.
- 4 Espaço de doze meses. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 6 Entrega. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday.
- 7 Artigo definido. Trame (fig). Apelido.
- 8 Cingem.
- 9 Castigo. Género de urticaceas textéis usadas no fabrico do papel.
- 10 Cilada. Otereceria.
- 11 Pessoa muito parecida com outra Mando

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



VERTICAIS

- 1 Onda. Carnes.
- 2 Sopa. Cabelos brancos. Engru.
- 3 Remedia. Aniversário.
- 4 Gorjeio. Uma das ilhas de Sunda.
- 5 Ilha do Pequeno Belt. Trabalho. Deusa da Lua entre os Egípcios.
- 6 Fava de um centímetro de diâmetro usada em quantidade diminuta como condimento.
- 7 Justapor. Mecânica (abrev). Preposição.
- 8 Sovara. Lavram.
- 9 Senhoras. Cidade do médio Eufrates que dominou os países sumerianos.
- 10 Ave da família dos laridas (Bras). Em as. Mitologia.
- 11 Cabo da costa de Portugal. Punição semelhante à ofensa.

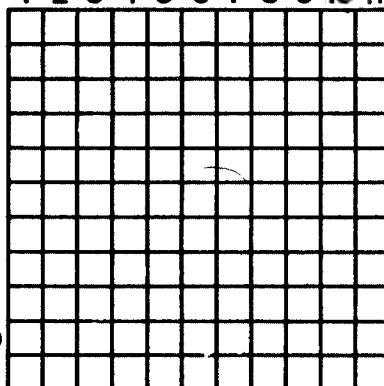
Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6314

HORIZONTAIS

- 1 Cidade da Jugoslávia.
- 2 Género de peixes osseos do Atlântico.
- 3 Prefixo que designa afastamento. Apelido. Pedra de moinho. O mais.
- 4 Sede de concelho ou de julgado (ant). Arteria. O mesmo que ombro.
- 5 Faixa. Furiosos.
- 6 Afastar.
- 7 Matiza. Nome de mulher.
- 8 Gavinha. Pedra de altar. Ala ou flanco (ant).
- 9 Galio (sq). Freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis. Zomba. Estreito de desmronamento.
- 10 Peciolo da couve (prov).
- 11 Que e da raça dos mus. Deus da sátira e do riso.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



VERTICAIS

- 1 Medida dos Hebréus que levava três modios romanos. Freguesia do concelho de Celorico de Basto.
- 2 Dissolução alcalina, em que se imerge a roupa para ficar mais clara e isenta de manchas.
- 3 Antes do meio-dia. Alumínio (sq). Cobalto (sq). Pronome pessoal.
- 4 Em as. Nome que os muçulmanos dão ao Deus Larva das feridas dos animais.
- 5 Alçar. Meter em mala.
- 6 Autores (abrev). Gritar (fig).
- 7 Aperfeiçoar (fig). O mesmo que arão.
- 8 Auroque. Nome de uma planta papilionácea do Nordeste do Brasil. Rei lendário de Troia.
- 9 Aqui. Artigo definido. Nota musical. Grande ribeira da Ásia Russa.
- 10 Amassar.
- 11 Ligações (fig). Designativo do cavalo espantado e e pouco dócil (Bras).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10155

HORIZONTAIS

- 1 Atras. Rates.
- 2 QUEM. Seca.
- 3 Uai! NÃO: Mói.
- 4 Escova. Orear.
- 5 Um. Er.
- 6 Ha. Cem. Ar.
- 7 GOSTA. Ossea.
- 8 Ar. As. Mo. Ct.
- 9 Ida. Ado. NÃO.
- 10 Terá. COME.
- 11 Autos. Pesam.

VERTICAIS

- 1 Aquém. Gaila.
- 2 Tuas. Hórdeo.
- 3 Reicuas. Art.
- 4 Am. Om. Ta. Ao.
- 5 Na. Casa.
- 6 Fa. Ne. Dó.
- 7 Oó. Momo.
- 8 As. Ré. Só. Ce.
- 9 Temeras. Nós.
- 10 Ecoa. Rec. ma.
- 11 Saira. Atoem.

PROVÉRBO QUEM NÃO GOSTA NÃO COME.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6314

HORIZONTAIS

- 1 Cepa. Lapa.
- 2 Mindelo.
- 3 Im. Caída. As.
- 4 Nabão. Agora.
- 5 Amor. Apor.
- 6 Ser. Upa. Ama.
- 7 Iris. Vala.
- 8 Asara. Acaso.
- 9 Sal.
- 10 Eu. Asais. CC.
- 11 Minde. Aérea

VERTICAIS

- 1 Minas. Arem.
- 2 Mameis. Uj.
- 3 Em. Borrar.
- 4 Picar. Ir. Ad.
- 5 Anão. Usasse.
- 6 Di. Op. Áa.
- 7 Leda. Avalia.
- 8 Alaga. AC. Sé.
- 9 Pó. Opalas.
- 10 Aromas. Ce.
- 11 Isara. Orça.



Tens que aprender a perder, querido



Claro que me assustei quando o vi saltar dos arbustos e agarrar-me julguei que queria roubar-me o dinheiro!

"DL"/DESPORTOS

REGISTO

NATAÇÃO: A júnior Maria Helena Varela (do Sport Algés e Dafundo), conseguiu o «record» nacional de juniores e absoluto dos 1500 metros, em piscina de 50 metros, na única prova válida do «Dia das Estafetas», que se realizou na piscina dos Olivais. O melhor resultado das competições pertenceu ao quarteto júnior do Algés que, na prova 4x200 metros livres, ficou a 2,5 segundos do máximo em piscina de 25 metros. Os vencedores: Gomes Pereira, Bleck da Silva, Carvalho Rosa e Neiva Maciel (4x100 m livres, inscrição livre); Orlando Dias, Paulo Frischknecht, Martins Antunes e João Rodrigues (4x100 m livres, infantis); Gomes Pereira, Castro Pereira, Neiva Maciel e Silva Alegria (4x100 m estilos, inscrição livre); Jaime Fidalgo, Murta de Sousa, Orlando Dias e Paulo Frischknecht (4x100 m infantis); Porto Ambrósio, Santos Silva, Coelho Neves e Bleck da Silva (4x100 m livres, inscrição livre); Manuela Banha, Helena Varela, Ana Cunha e Margarida Simões (4x100 m estilos, inscrição livre); Maria Lamas, Maria João Silva, Cristina Sousa e Alda Pedrosa (4x100 m estilos, infantis); Ana Banha, Deborah Lord, Cristina Casinhas e Fátima Coelho (4x100 m livres, infantis); Helena Varela, Manuela Banha,

Ana Cunha e Filomena Barros (4x100 m livres, inscrição livre).

DIGRESSÃO URUGUAIA: Vem a caminho da Espanha o Nacional de Montevideo, campeão do Uruguai. A equipa joga amanhã em Valência (contra o Levante) e, no dia seguinte, enfrenta o Rapid de Bucareste, em encontros que fazem parte da Taça Valência. No dia 7, o Nacional estará na cidade francesa de Rennes, onde joga com o Stade Rennais, defrontando a mesma equipa três dias depois. De volta a Espanha, a turma uruguaia joga no dia 13, em Málaga, contra o Partizan de Belgrado, iniciando o «Torneio Costa do Sol». A 18 e 20 estará em Vigo, para actuar contra equipas ainda não designadas, o mesmo acontecendo quando em Valladolid e Casablanca, nos dias 23 e 24 e 27 e 28, respectivamente. E, no fim do mês, a 30, a equipa uruguaia jogará em Barca de Alva, contra um clube local. Pelo menos é o que pensam os seus responsáveis...

ATLETISMO: No próximo dia 13, disputa-se o torneio internacional denominado «IV Porto-Lisboa-Vigo», organizado pela associação portuense da modalidade. As provas reali-

zam-se no Estádio da F.N.A.T. e iniciam-se às 17 horas.

CICLISMO: Eddy Merckx venceu o «Grande Prémio de l'Escaut», cobrindo os 224 quilómetros do percurso em 5 horas e 31 minutos. Nos dois lugares imediatos classificaram-se Van Springel e Willy Planckaert.

TÊNIS: O clube do Estoril venceu o Jamor (por 3-2) na final do Campeonato do Sul da 2.ª categoria que se disputou nos «courts» do Estádio Nacional. Os resultados parciais foram os seguintes: Luís Serra (Estoril)-João Lisboa (Jamor), 6/1; Luís Filipe (Jamor)-António Garrido (Estoril), 7-6; Honshol/Luís Serra (Estoril)-Luís Herren/Mário Lopes (Jamor), 6/3-6/0; João Lisboa/Luís Filipe (Jamor)-A. Serra/Filipe Franco (Estoril), 6/1-6/1; Houshol/Maria do Carmo Arenoso (Estoril)-Ada Heeren/Mário Lopes (Jamor), 6/0-6/2.

PIETRO GHERSI: Faleceu em Genebra o famoso motociclista italiano dos anos 30. Tinha 73 anos. Os maiores triunfos de Ghersi registaram-se quando corria pela companhia de motos Guzzi. Foi numa das suas primeiras motocicletas que o italiano desafiou os corredores

britânicos na sua própria terra, ao disputar o troféu de turismo da Ilha de Man onde, apesar de avarias, conseguiu o segundo lugar. Mais tarde dedicou-se ao automobilismo e correu pela Alfa-Romeo em várias provas.

BASQUETEBOL: O famoso Glenn Wilkies (considerado o terceiro melhor marcador quando jogador universitário e que hoje é director de um curso de treinadores) estará em Portugal como orientador dos estágios para cursos de treinadores cuja 1.ª fase será em Coimbra (de 21 a 26 de Agosto), seguindo-se Porto (de 28 de Agosto a 2 de Setembro) e Lisboa (de 4 a 9 de Setembro).

JOGOS JUVENIS DA MOLTA: A juventude montense começou já a viver os seus «II Jogos Juvenis». Vejamos os primeiros resultados: **Futebol de 9, escalão C:** Racing Capricho, 0-0; Familiar-Real, 1-2. Equipas e marcadores: **RACING** — Mares, Nunes, Mesquita, Martins, Rosa (1 na própria baliza), Rui, Carvalho, Santana, Faleão e Sousa (1). **CAPRICH** — Miranda, Mendonça (1), Negreiros, Castro, Ferreira, Almeida, Padre Nasso, Simões, Costa, Robalo, Moreira e Oliveira.

CANCEL — Silva, Mariana, Gil, Grilo, Lagoa, Pinto, Gouveia, Fidalgo, Maricate, Azevedo e Gomes. **MARISQUEIROS** — Messias, Orlando, Veríssimo, Tavares, Moreira, Fonseca Joaquim, A. Joaquim, Armando e Carvalho. **FAMILIAR** — Pedro, Paredes, Feitinha, Pereira, Madeira, Mestre, Raimundo, Martins (1), Cabrita e Delgado. **REAL** — Jorge, João, Martins (1), Rolão (1), Abreu, Moreira Galvão, João, Reixa e Patinha. **Miniandebol, escalão A:** O Banheirense venceu por 14-5 o Sporting Vinhense. Equipas e marcadores: **BANHEIRENSE** — Jorge Gonçalves (1); Jorge Santos, Silva (3), Alves, C. Socorro, Dias, J. Socorro (9) e Duarte. **VINHENSE** — Rebocho, Simões (4), Malveiro (1), Dias, Jorge, Cabrita e Bagastinha. **Minibasket, escalão B: SÉRIE A** — Banheirense-Academia, 26-25; União Banheirense-Capricho (B), 80-2. Equipas e marcadores: **BANHEIRENSE** — Alves, Santinho, Laranjinha, Guerreiro, Jesus, Vera (12), Luís Manuel, Paulo e José Manuel (14). **ACADEMIA** — Luz, Almeida, Luís Carlos (6), Bento, Maurício, Reis (17), Cândido (2) e Ferreiro, U. **BANHEIRENSE** — Fernandes (8), Marques (2), Jôia (12), Azevedo (4), Ramos (16) e Coxilha (26). **CAPRICH** (B) — Jesus, Mendes Neves, Ramalho, Soleiro, Salgueiro, Campos (2), Oliveira e Almeida. **SÉRIE B** — Familiar-Estrela — Montense, 7-6. Equipas e marcadores: **FAMILIAR** — Jaime Manuel, Eduardo, Paulo, José Manuel Rogério (2), Alvaro, Vítor Manuel e José Carlos (5). **MOITENSE** — A. Manuel (2), José Luís (2), Jorge, Joel, Paulo, Pedro e Manuel Francisco.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Novo Dia Lda.», Largo da República, 4 TRAFARIA

FÉRIAS: Jordão, Sheu e Franque encontram-se em Angola, gozando dos rendimentos, afastados da bola da sua sorte.

ESTÁDIO DA LUZ: Em construção uma sala exclusivamente destinada ao ténis de mesa.

APROVEITE AS FÉRIAS

ENQUANTO DECORAMOS A SUA CASA
CONTACTE-NOS
OS NOSSOS SERVIÇOS E CONSELHOS
SÃO GRATUITOS

Fair Play

MÓVEIS-DECORAÇÕES

Avenida Ressano Garcia, 39-A (Bairro Azul)
Telef. 437 87 LISBOA

EXTERNATOS

São Vicente

Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal

Rua Edith Cavell, 8
(ao Chile) — Tel. 82 02 21

Álvares Cabral

Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74

LICEAL—PREPARATÓRIO—COMERCIAL—INSTITUTOS

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

MUNDO AUTOMÓVEL

por ARTHUR HAILEY

Uma vez mais, o autor do best-seller AEROPORTO deixa todo o mundo extasiado, desta vez com

MUNDO AUTOMÓVEL

Um romance que durante 36 semanas esteve à cabeça dos best-sellers na América do Norte.

ARTHUR HAILEY recheou a sua história com surpresa, após surpresa acerca de carros e das pessoas que o fazem. É o mais completo e fascinante romance jamais escrito acerca de um mundo que afecta profundamente todos nós.

MUNDO AUTOMÓVEL

Um volume da COLECÇÃO DE HOJE.

A venda dentro de 15 dias.

Aos coleccionadores de primeiras edições recomendamos que façam as suas encomendas nos fornecedores habituais ou directamente à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Porto

RUA ALBERTO AIRES DE GOUVEIA, 27
LISBOA: AVENIDA ALMIRANTE REIS, 102, r.c., dt.º

APARTAMENTOS MOBILADOS

J. Pimenta, SARL

DESDE 200 CONTOS

PARA UMAS FÉRIAS
INESQUECÍVEIS E ECONÓMICAS
UTILIZE OS NOSSOS
APARTAMENTOS TURÍSTICOS

Locais de construção:

- LISBOA (Rua Carlos José Barreiros)
- LISBOA (Olivais)
- AMADORA
- REBOLEIRA
- PAÇO DE ARCOS
- CASCAIS
- COIMBRA
- PORTO
- LUANDA

J. Pimenta, SARL

INFORMAÇÕES:

LISBOA: Pr. Marquês de Pombal, 15—Telefs. 45843-47843
QUELUZ: Edifício Sede—Av. António Enes, 25—T. 952021/2

SR. AUTOMOBILISTA

POUPE DINHEIRO

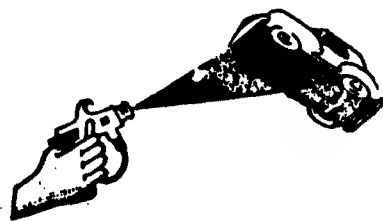
Defenda o seu carro do Inverno, da ferrugem e da corrosão do mar! Não mais pinturas nem parafinações! Menos ruídos

Mandando aplicar uma camada de «UNDERBODY». Plástico, em toda a parte inferior do seu automóvel.

Um trabalho de especialistas

COTAL — Rua Artilharia 1.ª, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A

450\$00 — 550\$00 — 650\$00



Olimpíadas: começou a contagem decrescente

As dúvidas, os problemas, as queixas e as ameaças terminaram: A Aldeia Olímpica está pronta.

A área residencial transformou-se no mais moderno de Munique, depois dos Jogos. Os apartamentos serão vendidos ou alugados enquanto os chalés do sector feminino serão ocupados pela Associação de Estudantes de Munique.

Atletas que submeteram a aldeia à prova, há duas semanas atrás descobriram vários problemas.

«Não consegui dormir, porque os holofotes do estádio principal reflectiam directamente para dentro do meu quarto» disse o corredor de fundo Harald Norpoth.

Outros atletas queixaram-se do barulho que vinha das várias máquinas da cozinha. Então, os directores prometeram que as luzes seriam apagadas à hora do deitar e o barulho silenciado.

Nunca um programa tão extenso de divertimentos e actividades culturais, incluindo um cinema na aldeia, foi oferecido aos atletas durante os Jogos Olímpicos — declarou Troeger, presidente do município de Munique.

Os atletas também têm, à sua disposição, bilhetes grátis para assistirem aos jogos das modalidades em que não participam: e Troeger arranjou visitas turísticas à Alta Baviera.

Os atletas que concluírem a sua participação nos Jogos e quiserem deixar a aldeia poderão ficar em casa de uma família em Munique.

Aquilo que de melhor Troeger e o seu pessoal oferecem é a intimidade e o descanso que os atletas encontram na aldeia para se prepararem para o esforço das provas.

«Eles vão sentir-se em casa» salientou.

DAVE BEDFORD: UM CASO

Dave Bedford, a maior esperança da Inglaterra para a conquista de uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Munique, parece ter violado inadvertidamente as regras de elegibilidade para os jogos.

Com efeito, um jornal britânico utilizou o nome e a fotografia de Bedford para fazer publicidade a um artigo.

As regras do Comité Olímpico Internacional (COI) estipulam que um atleta não deve autorizar «directa ou indirectamente», que o seu nome ou fotografia sejam utilizados para fins publicitários.

Bedford, que tem 22 anos, é recordista europeu dos 5.000 e 10.000 metros, com tempos superados apenas pelo australiano Ron Clarke.

«É altamente improvável que Dave tenha conhecimento da publicidade em volta do seu nome» declarou o secretário da federação britânica, Arthur Gold.

«Tenho a certeza que ele não desejaria deliberadamente pôr a sua elegibilidade em perigo».

Entretanto, o Comité Olímpico Internacional (COI) ainda não foi abordado por ninguém a propósito do estatuto do atleta britânico Dave Bedford — declarou a secretária Monique Beltroux.

«Uma queixa sobre o seu estatuto de verdadeiro amador terá provavelmente de ser apresentada à Federação Internacional de Atletismo Amador. De qualquer modo, não me parece que o COI debata este assunto nos próximos dias» acrescentou.

A próxima sessão plenária do Comité está marcada para 22 de Agosto, em Munique, uma semana antes do início dos Jogos Olímpicos.

PROGRAMA ARTÍSTICO

O «Programa Artístico Olímpico» começou esta semana, em Munique, com a representação da peça «The Dream on Monkey Mountain» de Derek Walcott, pelo grupo teatral negro de Nova Iorque «The Negro Ensemble Company».

Esta peça trata das relações dos negros entre si, sendo a sua maneira de viver apresentada em cena sob a forma de elementos extraídos da dança, do ritmo e da vitalidade.

A ALDEIA

Ontem e hoje, atletas e jornalistas de todo o mundo começaram a afluir às instalações de cidade olímpica.

Six concursistas hípicas mexicanas, canoístas da Suíça, Austrália e Canadá, sete concorrentes húngaros ao pentatlo, 43 atletas alemães orientais e 60 atletas ocidentais foram os primeiros a entrar na área habitacional da aldeia.

O FANTÁSTICO JIM RYUN

Há três anos, o campeão americano Jim Ryun, titular dos 1500 metros e da milha, declarou que abandonava as pistas porque não desejava competir. Hoje, é o co-favorito, com Kip Keino, dos 1500 metros das Olimpíadas de Munique.

Ryun esteve retirado dois anos e iniciou o seu regresso em 1971. «Abandonar era uma forma de sair de uma situação insólita» — disse Ryun, numa entrevista, quando voltou às pistas.

Eu estava, mental e fisicamente exausto, mas não queria que a minha equipa da Universidade de Kansas sentisse a minha falta. Precisava de descanso mas tinha o compromisso de correr» acrescentou.

A mulher de Jim (Anne) encorajou-o a regressar, mas recomendou-lhe que competisse menos.

«Ele gosta de correr e agrada-me vê-lo contente, por isso incitei-o a fazer mais algumas corridas» observou Anne, que acompanha o marido nos treinos.

Os Jogos de Munique são o alvo de Ryun — os jogos e a oportunidade que lhe dão de voltar a bater-se com Keino, o quemiano que o venceu nas Olimpíadas do México em 1968, deixando-o limitado à medalha de prata.

Nas provas de qualificação, nos princípios de Junho, Ryun conquistou o seu lugar na equipa com o tempo de 3 minutos e 41,5 segundos, nos 1500 metros. Já não conseguiu o mesmo nos 800, falhando por pouco. Ficou no quarto lugar (só três podiam ir a Munique e igualou o recorde mundial).

Se os últimos treinos corre-

tem bem, Ryun é capaz de desfeitar Keino, que não encontra em Munique a vantagem da altitude que teve na cidade do México: que é de 1500 metros tal como o seu país.

Se Jim obtiver a medalha de ouro nos 1500 metros, será a coroação de uma grande carreira. No seu nativo Kansas, quando estudante, ganhou, em 1964, o campeonato escolar da milha no tempo «record» de 4,11, que baixaria para 4,04,8 em 1965, o mesmo ano em que venceria a barreira dos quatro minutos batendo Peter Snell em 3,55,3.

Foi em Julho de 1967 que Ryun estabeleceu o «record» mundial dos 1500 metros, derrotando nitidamente Keino, em Los Angeles, no torneio Estados Unidos - Comunidade Britânica.

Sempre teve o costume de se isolar antes e depois das provas.

20 minutos de concentração para o esforço que o espera e outro tanto para as declarações aos jornalistas que o abordam.

«Quando o conheci, notei logo nele que todos os seus passos estavam perfeitamente organizados» — contou Anne, comentando que tanta perfeição lhe pareceu um exagero, tendo lutado muito para lhe abrandar o rigor com que se conduzia a si próprio.

Ryun, que mede 1,88 e pesa à volta de 70 quilos, dedicou os estudos ao sector bancário, no qual espera fazer carreira.

SUIÇA EM FORÇA

A Suíça projecta enviar aos Jogos a sua maior representação desde as Olimpíadas de 1960.

Entidades do mundo do desporto suíço informaram que o número de participantes da equipa do país só será anunciado definitivamente em meados do corrente mês, mas que presentemente há probabilidades de se deslocarem a Munique 150 atletas e 70 dirigentes.

Os seleccionadores escolheram já 50 homens e 6 mulheres, incluindo três competidores que obtiveram medalhas nos Jogos de 1968, quando a Suíça conseguiu obter uma medalha de prata e quatro de bronze.

As principais esperanças dos suíços para conseguirem uma medalha de ouro estão depositadas no ciclista Xaver Kurmann, que foi terceiro nos Jogos Olímpicos do México e ganhou depois o campeonato mundial em 1969 e 1970.

No ano passado, o ciclista Kurmann foi forçado a desistir de competições devido a uma lesão, mas os tempos que este ano já obteve em várias corridas experimentais fazem dele um dos favoritos para Munique.

No que respeita ao atletismo, as principais esperanças suíças são Meta Antenen (segundo lugar no salto em comprimento dos campeonatos europeus de 1971) e Philippe Clère (vencedor dos 200 metros no campeonato europeu de 1969).

A Suíça competirá em pugilismo, ciclismo, hipismo, remo, natação, ginástica, luta, tiro, tiro ao arco, atletismo e vela.

Jogos luso-brasileiros: positivos ou negativos?

Terminaram os «V Jogos Luso-Brasileiros». Um balanço sobre o seu alcance social e desportivo, para se saber até que ponto servem os interesses da Comunidade para que foram projectados, teria, ao que julgo, a maior vantagem. Nesse balanço, a realização pela comissão organizadora (este ano foi nossa) poderiam tirar-se conclusões para certo de interesses que (penso) não têm agora, nos actuais moldes, o seu alcance.

Como tentativa de aproximar mais uma comunidade,

diz) é um bocado aborrecido...

A muita gente eu ouvi manifestar o seu desinteresse por estes jogos da comunidade. Apesar de o público se não alhear totalmente de alguns desportos, a nossa oposição, de jornada para jornada ficou mais fraca: e mais afastou o interesse do pouco público cativado.

E, não vale a pena estranhar o que se passou: nalguns casos (até) em prejuízo do próprio desporto. Porque, onde estava a preparação e o programa elaborado com

Por LÍDIA FARIA

RECORDISTA INTERNACIONAL DE ATLETISMO



que se deseja, estes jogos desportivos (assim se chamam) têm deixado (em meu entender) bastante a desejar.

O desporto é (está provado) um óptimo meio de aproximação entre os homens. Assim pensou (bem) quem lançou estes jogos Luso-Brasileiros. Simplesmente, neste caso, o Desporto não tem sido tratado com a deferência que merece. Resultado: o campo desportivo, longe de uma competição cuidada e pensada, também não serve à confraternização pretendida.

Quem pensou a tempo e horas nas modalidades que faziam parte destes jogos? Quem seleccionou e ordenou as disciplinas e os nossos representantes? Acho que desgostou bastante os nossos irmãos a falta de oposição que por cá encontraram nos vários desportos em equação.

Teremos mais um caso de renúncia a competir com portugueses? Porque isto de bater em «mortos» (como se

cabeça, tronco e membros?)

A jornada de encerramento também teria de ficar marcada por momentos desagradáveis, principalmente para os atletas. F são os atletas que fazem o espectáculo. Por isso (talvez) deveriam merecer um mínimo de respeito e consideração. Ao menos aquilo que a eles próprios se exige.

Ainda da última jornada (atletismo) ficou uma nota de equilíbrio de valores desportivos que nos aliviaram do descalabro de uma jornada anterior (natação): equilíbrio (aliás) necessário e agradável para o interesse do espectáculo. Mesmo com bastantes erros, salvou-se no encerramento (quem sabe do esquecimento?) os «V Jogos Luso-Brasileiros». Pena foi que a abertura não tenha sido tão cuidada como o fecho.

No Brasil, em 1975, teremos novo encontro. Temo-mos marcar uma presença digna da Pátria que deu novos mundos ao Mundo? Tenho as minhas dúvidas.

Subida do Tejo a pulso

O Centro de Remo e Canoagem de Lisboa da M.P., leva a efeito nos próximos dias 5 e 6 inédito empreendimento, trazido na subida do Tejo (de Lisboa a Santarém) numa embarcação desportiva do tipo «Yole» de 8 remadores.

A partida de Lisboa, está prevista para as 8 horas do dia 5 de Agosto, da Ponte Salazar-Alcântara, prevendo-se a chegada a Vila Franca de Xira para as 12 e 30 horas. Após a refeição, os remadores realizarão uma segunda etapa (nesse mesmo dia) com início às 17 horas, atracando no Luzeirão cerca das 20 horas. A equipa permanecerá na Azambuja até ao dia seguinte

e começará a última parte do percurso no Luzeirão com destino a Santarém. A chegada a esta cidade está prevista para as 12.30 horas do dia 6 pretendendo-se assim incluí-la nas Festas da Senhora da Saúde. Está prevista, também, à chegada uma cerimónia de entrega de medalhas aos remadores e para comemorar a efectivação do acontecimento será entregue à Câmara de Santarém uma placa comemorativa.

A embarcação de remos será acompanhada por um barco a gasolina até ao Luzeirão e terá o apoio de um «prático» em estudo das condições do mesmo, entre Luzeirão e Santarém.



Os Jogos Olímpicos são já o acontecimento dominante na maioria dos programas desportivos dos órgãos informativos de todo o Mundo. É o caso da Televisão italiana que, nos seus estúdios, reuniu para um colóquio de debate estas figuras: o finlandês Vaataube, o norte americano Randy Matson, a romena Iolanda Balas, o russo Igor Ovabesjan e o italiano Livio Berruti.

PORTUGAL
nos CAMPEONATOS DO MUNDO DE CICLISMO,
(Estrada) em GAP (França) a 6 de Agosto.
Com o patrocínio do
BANCO PINTO DE MAGALHÃES

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

DL/DESPORTOS

FUTEBOL

O F. C. do Porto ganha avanço no Torneio Internacional

Após a segunda dose de jogos para o Torneio Intercontinental o F. C. do Porto comanda com três pontos, contra dois do Sporting e Vitória de Setúbal e um do Belenenses. Esta classificação ficou estabelecida com a vitória do Setúbal sobre o Sporting, 2-1 (em Luanda) e o empate a uma bola entre portistas e belenenses, em Lourenço Marques.

Entretanto, uma vantagem já para os adeptos locais: as duas partidas de ontem foram muito superiores às de domingo passado, em emotividade, qualidade técnica e entendimento tático. Qualquer das equipas metropolitanas mostrou estar a aproveitar devidamente esta rendosa rotação por terras africanas.

Para o Sporting-Vitória, o estádio dos Coqueiros registou a maior enchente de sempre. Horas antes do início do jogo já não havia bilhetes à venda.

Arbitrou Pinto Fernandes. Durante o primeiro quarto de hora, as iniciativas pertenceram ao Setúbal, que obrigou o guarda-redes do Sporting a diversas intervenções. A dada altura, no outro extremo do campo, Vaz ficou estendido no rectângulo, num choque com Tomé.

Os sadinos continuaram a insistir e, aos 23 minutos, Octávio, depois de bater dois adversários, atirou à baliza: o guarda-redes defendeu, mas Torres, muito oportuno, marcou de recarga o primeiro gol da partida.

O Setúbal continuou a infiltrar-se pelo lado esquerdo, criando novas situações de perigo. No entanto, passada meia-hora de jogo, perdeu o ritmo e notou-se certa dureza.

O Sporting perdeu depois duas boas oportunidades de marcar: Yazalde, frente à baliza, lançou a bola sobre a trave e depois Márinho passou a Tomé, com a defesa sadina batida, mas este atirou sem força, perdendo-se o lance. Registou-se então a primeira substituição, entrando Praia para o lugar de Jacinto João.

Mesmo sobre o fim da primeira parte, o Sporting conseguiu empatar. Vaz defendeu um «livre» de Yazalde, lançando para «canto». Nelson, na sequência do castigo, atirou a contar.

A segunda parte foi menos interessante pois o Vitória acusou uma certa quebra física (os seus futebolistas estão apenas a começar a preparação) e o Sporting (para satisfazer os desejos do empresário), trocou Tomé por Dinis estragando o belo futebol da sua linha de ataque.

Mesmo assim, a constante do primeiro tempo não se alterou: Sporting a atacar muito mais, em jogadas velozes pelos flancos e em passes longos para a área; e o Vitória a defender-se bem, fechado no seu meio-campo, partindo depois para o contra-ataque, com a bola dominada e com a «maestria» que bem se lhe conhece. Foi o Vitória, por intermédio de Duda, que acabou por resolver a partida a seu favor. Confusão diante da rede de Botelho e entrada oportuna do brasileiro a rematar forte. Torres havia preparado a bola amortecendo-a para o marcador.

Eram 23 horas e 15 quando o árbitro deu a partida por ter-

minada, vencendo o Setúbal por duas bolas a uma.

As equipas alinharam da seguinte forma:

SETUBAL: Vaz; Rebelo, Correia, Cardoso e Carriço; José Maria e Matine; Arcaño, (Duda) Octávio, Torres e Jacinto João (Praia).

SPORTING: Botelho; Pedro Gomes, Laranjeira, José Carlos e Hilário; Tomé (Dinis), Manaca e Bastos; Márinho, Yazalde e Nelson.

O técnico do Sporting, o inglês Ronnie Allen, a propósito do desafio, declarou: «Não devíamos ter perdido o jogo. Se o árbitro tivesse sido correcto, teríamos ganho o encontro».

Allen adiantou que a entrada de Dinis teria sido prejudicial à equipa, mas que se verificara uma imposição do empresário Lopes Costa. Aludiu, ainda, não haver lugar para a marcação de canto contra o Setúbal, mas sim de grande penalidade. Tal erro do árbitro decidira o resultado do jogo: e, segundo o técnico, em prejuízo da sua equipa.

FLÁVIO EM BOM ESTILO

No outro lado do continente africano, na capital de Moçambique, o F. C. do Porto e o Belenenses empataram a uma bola, num jogo presenciado por escassa assistência, quinze mil pessoas para um estádio que leva para cima de meia centena de milhar.

O F. C. do Porto dominou, jogou muito mais, mas pareceu ter cometido um erro importante: na segunda parte, e com a vitória à mercê, recuou para o seu meio-campo para segurar o resultado. O Belenenses persistiu, não desanimou e acabou por obter um gol após boa jogada de Luis Carlos e remate de Ernesto auxiliado por tabela nas pernas de Rolando.

De salientar, no F. C. do Porto, o já apreciável rendimento de Flávio. O brasileiro parece outro, em relação à época passada. A equipa portista joga só com um extremo (Malagueta) e com um segundo homem ao lado de Flávio: no caso, Abel. Isso possibilita maior apoio na grande-área e uma dispersão das atenções da defesa. Por outro lado, o meio campo (formado por Pavão, Oliveira e Celso) está a produzir futebol de altíssimo nível e daí a boa condição já demonstrada pela equipa de Riera. Não restam dúvidas de que o Porto será, agora, totalmente diferente da inexpressiva equipa da época passada.

O Belenenses emendou as habilidades táticas do primeiro jogo, actuando desta feita os jogadores (pelo menos em grande maioria) nos seus verdadeiros lugares. Daí a melhoria evidente: e o emendar de mão de Scopelli.

As turmas:
ARBITRO: Américo Teles, auxiliado por Joaquim Peres e Custódio Neves, todos de Lourenço Marques.

F. C. PORTO: Rui; Gualter, Manhiça, Rolando e Guedes; Pavão, Celso e Oliveira; Flávio, Abel e Malagueta (Ricardo).

BELENENSES: Mourinho; Murça, Calado, Freitas e Pietra; Ernesto, Quaresma, Quinto e Godinho; Luis Carlos e Gonzalez.

«FLASHS»

Sporting e Belenenses pretendem o mesmo reforço: trata-se de David, do Ferroviário de Luanda, que os «azuis» já incluem na sua comitiva para o Lobito: mas que vai treinando juntamente com o Sporting...

Num hotel da Beira (onde apareceu uma barata em cima da mesa!) os jogadores do Vitória de Setúbal só puderam entrar depois de afivelarem gravatinhas aos pescoços...

Quarentinha e Márito, do Ferroviário de Lourenço Marques, estão na agenda do Futebol Clube do Porto.

Luanda, Sá da Bandeira, Beira e Lourenço Marques são as cidades em que vai disputar-se, com a presença do Benfica, o torneio do próximo ano.

Manecas, ponta-de-lança do Sporting de Luanda, tem treinado com os futebolistas de Alvalade, prevendo-se a sua transferência para Lisboa.

ESTA TARDE SORTEIOS DO FUTEBOL

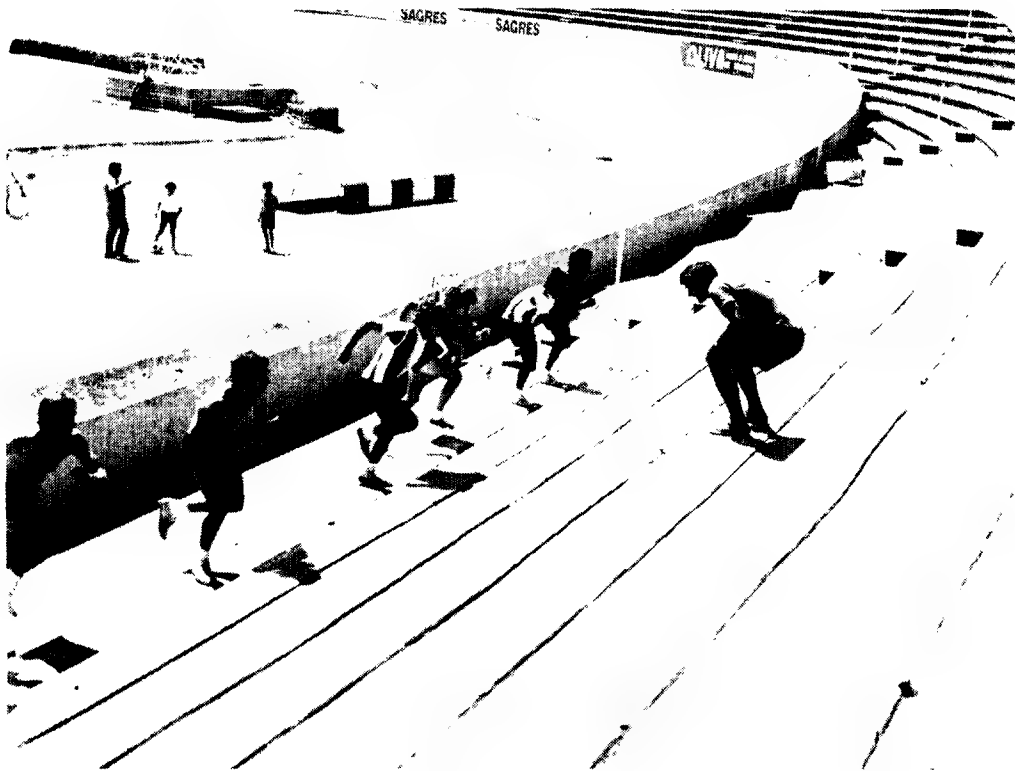
FRAQUITO: O PRIMEIRO IMBRÓGLIO DAS TRANSFERÊNCIAS

Na sede da Federação realizam-se hoje, ao fim da tarde, os sorteios dos campeonatos nacionais e da «Taça de Portugal». Participam 16 clubes da 1.ª divisão, 32 do 2.º escalão (divididos por duas zonas) e 64 da terceira divisão (espalhados equitativamente por quatro blocos).

O Nacional da primeira e o campeonato da segunda iniciam-se a 10 de Setembro, enquanto que o torneio do terceiro escalão dá os primeiros pontapés a 8 de Outubro. Por seu lado, a primeira eliminatória da «Taça de Portugal» (prevista para 24 de Setembro) engloba somente colectividões da II e III divisões, agrupadas geograficamente em quatro zonas.

O Caldas contrata reforços: Moreira (defesa que estava no Sporting de Braga), Malta («back» do União de Leiria), Ferreira (que jogava no Sporting de Espinho, a guarda-redes) e o avançado Garrincha (que alinhava no União de Almeirim).

Gaspar e o Atlético: ligação



Em Alvalade

LINO SEPARA O TRIGO DO JOIO

Enquanto Ronnie Allen tenta afinar a equipa e ganhar escudos, na África, Lino orienta outro grupo de futebolistas do Sporting insistindo, sobretudo na preparação física de modo a tê-los em ordem quando o inglês voltar com os «craques» e requisitar os serviços de alguns deles. Paralelamente, os serviços administrativos do Sporting vão contratando uns e colocando outros na lista de transferências (definitivamente ou, a título de empréstimo), ultimando pormenores para a fixação de um bom quadro de vinte e poucos profissionais.

Em Alvalade, ao sol de Agosto, deparamos com Lino puxando a bom puxar por dez elementos a quem a diversos exercícios físicos e a uma sessão nas bancadas verdadeiramente puxada, de sobe-e-desce escada até estoirar. Lá estavam Chico (que regressou de férias anteontem e se esforça para recuperar a forma), João Machado (irmão de Nando, que jogou no União de Coimbra e deve regressar ao Sporting, para ficar), Quaresma, Henriques e Jesus (três juniores promovidos e que Allen quer ver, pelo menos durante mais um ano, em Alvalade), Castanheira e Augusto (igualmente ex-juniões mas que vão ser cedidos ao União de Leiria) e Rui Paulino (que assinou contrato com o Farense e breve rumará ao Sul).

Damas apenas tem aparecido para tratar da lesão (está ainda de férias) e Fraguito aparece esporadicamente nos treinos devido ao serviço militar. Espírito Santo, do União de Leiria e recém-contratado, goza as suas férias. Dinis, como se sabe, já está em África. Resta resolver o caso de Peres, que entretanto goza férias no Algarve e de Alinho, com a Académica a ver quanto receberá do negócio.

demorada, pois o jogador pretende mais dinheiro do que aquele que o clube oferece para prorrogação na Tapadinha.

Carlos Baptista é o novo técnico do Elvas.

Otto Glória, Juca, Frederico Passos e Alfredo Gonzales: qual deles será o novo treinador do Beira-Mar?

O Barreirense já voltou aos treinos, com três deserções (pelo menos momentâneas): José João, Cãmpora e Serafim. Nenhum deles se contenta com o montante das «luvas» oferecido pela colectividade.

Humberto Coelho, Toni e Simões estão na África do Sul: por dois jogos particulares, em defesa de um clube local, recebem a módica quantia de 50 contos cada um. Oxalá não surja nenhuma lesão, a perturbar as férias dos três «internacionais».

Meirim recusou o ordenado de 30 contos mensais, casa e

prémios para treinar o Beira-Mar.

Saídas do Sesimbra: Eduardo Marques e Carlos Alberto (para o Cova da Piedade) e Jerónimo (que passa a representar o Atlético). Três colectividões estão, também, interessadas na aquisição da carta do médico Francisco Mário: na corrida encontram-se o Montijo, o Beira-Mar e o União de Tomar.

Malta da Silva assina hoje novo compromisso com o Benfica.

José Carlos (que pertenceu ao Barreirense) não concorda com as condições do contrato proposto pelo Cova da Piedade para ali continuar por mais uma temporada.

Na Póvoa do Varzim vai realizar-se, a 26 e 27 do corrente, um torneio quadrangular que engloba Gil Vicente, Sporting de Braga, Famalicão e o clube local.

Primeiros pedidos de transfe-

rência entrados na Federação: de Carlos Alberto Barreira Mendes (do Ferroviário do Entrancamento para o Alverca), de Mória (Cova da Piedade), Bento (Barreirense) e Nélinha (Beira-Mar) todos para o Benfica. Fraguito: um problema. O Sporting entregou uma documentação: o belenenses promete outra para hoje.

Da Guiné para a CUF: Feliciano Soares, de 21 anos, médio de apoio. Entretanto, dispensas certas entre os cufistas: Adelino e Lázaro (para o Montijo) e Eduardo (que vai para o Sesimbra).

O Las Palmas (por falta de mérito) foi proibido pela Federação de Espanha de se deslocar ao Restêlo, para defrontar o Belenenses.

O Sporting da Covilhã contratou o argentino Dieste para o seu treinador.

Caicheira ficará mais uma temporada em Matosinhos.

Mundial de hóquei

PORTUGAL FAZ GOLEADA "RECORD"

«Os portugueses são os melhores patinadores do torneio, donos de uma técnica individual dificilmente possível de igualar, com uma noção de conjunto formidável. Saberão evitar a rudeza, a força, a raiva que são atributos da equipa espanhola. Não temos quaisquer veleidades, nós os australianos, mas se por acaso acontecesse nós ganharmos este jogo contra Portugal, garanto-lhe que fazia as malas e fomo-nos embora».

Quem nos falava assim era o chileno Mantoja, treinador da equipa da Austrália, momentos depois do jogo em que Portugal venceu a sua equipa por 21-0, estabelecendo desta forma o «record» do melhor resultado da prova. Mas, não foi só Mantoja a ficar rendido com a exibição da equipa de Portugal: o próprio público acabou por afinar pelo mesmo diapasão, aplaudindo os jogadores lusitanos que, (agora sim) começaram a dar autêntica demonstração do seu valor.

Bastante mais sucinto de palavras foi Torres, o treinador espanhol, que acabou entretanto por dizer que Chana era possuidor de características tais que o tornariam em futuro muito próximo um caso sério no mundo do hóquei.

Mas, vamos agora dar um breve relato do que foi este encontro entre portugueses e australianos. O italiano Bertolini foi quem dirigiu o prélio e as equipas alinharam:

PORTUGAL: Ramalheira; Reis, Rendeiro, Livramento, Chana, Luís Barros e Salema.

AUSTRÁLIA: Gordon; Wines, Shepherd, Turner, Weeper, Carraial e Rowan.

Ainda o ponteiro do relógio do pavilhão da Corunha não estava nos três minutos de jogo e surgia o primeiro golo português. Chana foi o seu autor, depois

vam decorridos 30 segundos já Rendeiro conseguia o décimo golo para a turma lusitana.

Foi a altura em que começou a notar-se, por parte dos hóqueistas australianos, grande quebra física. E que a autêntica dubadoira que estava a ser a equipa portuguesa obrigava os australianos a um contínuo queimar de forças físicas e até anímicas.

A confusão era tão grande junto das balizas confiadas à guarda de Gordon que até foi Carraial quem nos concedeu o brinde de mais um golo. E iam onze. Mais uma demonstração de autêntico hóquei e mais uma nova série de golos: quatro minutos foram suficientes para que mais três tentos fossem conseguidos por Barros e Salemas. Nova «demonstração» e, dos 16 aos 19 minutos, Luís Barros culmina com quatro golos autênticas jogadas de sonho. E vem, finalmente, a apoteose: falta um minuto para terminar o encontro e, durante esses escassos 60 segundos, Salema faz mais um golo e Luís Barros consegue dois. Estava feito o resultado: 21 golos que não permitiram (sequer) tempo aos nossos adversários para o seu tento de honra.

À MARGEM DO TORNEIO

A Espanha venceu a Holanda por margem folgada, mas a verdade é que o seu hóquei também ainda não convenceu ninguém, exactamente como estava a acontecer com Portugal: e que só a partir do jogo com a Alemanha começou a redimir-se. Pois a Espanha até conseguiu que três dos seus golos fossem validados, apesar de conseguidos após faltas flagrantes... e, ainda por cima, foi

o árbitro que possibilitou que os espanhóis inaugurassem o marcador através de uma grande penalidade inexistente. Hoje, a Alemanha poderá dar uma mais exacta medida do poderio do hóquei espanhol. E que a Alemanha, como já temos vindo a dizer, é um adversário formidável, com todos os seus jogadores possuidores de uma grande força física: e o conjunto tem praticamente assegurado o terceiro lugar neste Campeonato.

Hoje, de tarde, deverá ser decidido o local da realização do Campeonato do Mundo de 1974. A Colômbia, que foi a primeira candidata, parece não poder sustentar com êxito os seus desejos. Portugal, depois de uma consulta

com os membros do Comité, resolveu não retirar as suas pretensões quanto à candidatura de Luanda.

Está decidido que os Campeonatos do Mundo de Patinagem, de 1973 e 1974, se realizem nos Estados Unidos e na Argentina (Mar da Prata), respectivamente. Quanto ao Campeonato da Europa de hóquei do próximo ano, a Alemanha foi escolhida para cenário.

Com o material de propaganda da Federação é muito escasso (nem sequer vieram emblemas de lapela) quem fica a lucrar é o Paço de Arcos que, por intermédio de Novo Ribeiro (de «O Século») faz o melhor reclame possível. A propósito é quase cer-



Ciclistas portugueses no campeonato mundial

José Martins, Leonel Miranda, Joaquim Leite e António Guedes: quatro dos ciclistas portugueses que, ao lado de Firmino Bernardino e Joaquim Agostinho, defenderão as cores portuguesas no «Mundial» de Gap. A viagem foi tormentosa: saída de Lisboa pelas 8 da manhã de ontem a chegada a Gap pelas 22 horas. Instalações: do pior, num hotel a 1540 metros de altitude, onde todos dormem numa camarata excepto Agostinho que exigiu um quarto só para si.

Enquanto os colegas andavam de Herodes para Pilatos, com paragens e aborrecimentos em Barcelona e Nice, Joaquim Agostinho ia ter a Gap no avião particular de Gribaldy, acompanhado por sua mulher.

A equipa faz hoje um treino previsto para a duração de cinco horas. O massagista francês Joseph Jacquet, que Agostinho incluiu na nossa delegação, ainda não chegou a Gap.

VIATURAS DESAPARECIDAS

Comunica-nos o Comando-Geral da PSP que no período compreendido entre as 12 horas do dia 1, e as 12 de ontem desapareceram as seguintes viaturas:

ED-64-70- (Citroen)
DH-57-87- (Austin Mini)
FG-96-02-Austin
FB-77-33- (Austin)
ED-40-48- (Austin 1000)
DH-56-15- (Morris 1000)
GI-95-40-Morris 850)
IE-91-47- (MG)
DH-94-30- (Fiat 124)
FI-57-77- Opel Kadete)
FH-45-94

Entretanto no mesmo período foram recuperados mais sete de que damos a relação:

AI-48-09
EC-80-66
GB-60-54
II-61-64
LB-95-68
LC-86-20
LD-58-87

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sérgio Filipe Andrade, Largo da Igreja SALVATERA DE MAGOS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Santos Filipe Fino, Praça da República, 3 ERI-CEIRA

VERBUM

CURSOS DIURNOS
E NOCTURNOS

Av. Duque de Loulé, 88
3.º Esq. Tel. 57413/51238

**SALDOS
NA QUADRANTE**
LIVROS INGLESES DE ARTE
AGOSTO/SETEMBRO

RESULTADOS

Bélgica-Japão	9-2
Austrália-PORTUGAL	0-21
Itália-Alemanha	0-5
N. Zelândia-E. Unidos	2-2
Espanha-Holanda	8-1
Chile-Argentina	0-9

CLASSIFICAÇÃO

	V.	E.	D.	B.	P.
ESPAÑA	8	—	—	91-11	16
Portugal	8	—	—	71-11	16
Alemanha	7	—	2	63-17	14
Argentina	5	1	2	37-15	11
Holanda	5	—	3	39-34	10
Itália	4	1	3	29-16	9
Bélgica	3	2	3	33-44	8
E. U. A.	2	1	5	23-42	5
Chile	2	—	6	20-45	4
N. Zelândia	1	1	6	13-66	3
Austrália	1	—	7	15-95	2
Japão	—	—	8	11-72	0

HOJE

Holanda-N. Zelândia ..	(17)
Austrália-Chile	(18)
Itália-E. Unidos	(19)
Argentina-Japão	(22)
Espanha-Alemanha	(23)
PORTUGAL-Bélgica	(24)

GOLEADORES

Nogué (Espanha)	30
Livramento (Portugal)	22
Kipp (Alemanha)	19
Jex (Alemanha)	16
Chana (Portugal)	15
Villacorta (Espanha)	14
Sabater (Espanha)	13



Livramento e os companheiros escutam o dr. Maia Ferreira

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	443\$	443\$	443\$
Cons. 3	481\$	480\$	482\$
Cons. 3 1/2	558\$	558\$	558\$
Centenários	1.274\$	1.274\$	1.274\$
Tes. 5 % 57	1.000\$	1.000\$	1.000\$
Tes. 5 % 59	1.000\$	1.000\$	1.000\$
Exter. 1.ª s.	614\$	614\$	650\$
Exter. 1.ª c.	619\$	619\$	640\$
Exter. 3.ª s.	800\$	800\$	800\$
Exter. 3.ª c.	800\$	800\$	800\$
Caut. 3.ª s.	800\$	800\$	800\$

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx. 6 %	930\$	930\$	930\$
C M L 5 1/2 %	990\$	985\$	985\$
C P 5.5 %	950\$	950\$	950\$
C P 5.5 %	950\$	950\$	950\$
C P 5.5 %	950\$	950\$	950\$
Corr. 5 3/4 %	900\$	910\$	910\$
Met. 5 3/4 %	985\$	970\$	970\$
Tur. 5 3/4 %	985\$	1.000\$	1.000\$
C P 6 3/4 %	1.008\$	1.010\$	1.010\$

ELECTRICAS

G 5 %	58	830\$	850\$
G 5 %	59	830\$	840\$
G 5 %	62		
G 5 %	63		
G 5 %	64		
G 5 %	65		
G 5 %	67	920\$	970\$
G 5 %	69	920\$	950\$
G 7 %	71	1.022\$	
H E C 5 %	71	790\$	
H E D 5 %	71	920\$	915\$
H E D 5 %	71	740\$	745\$
H E N P 5 %	71	790\$	790\$
H E S E 5 %	71	940\$	
H E S E 5 %	71	930\$	
H E Z 5 %	71	820\$	
N E C 5 %	71	920\$	
N E C 5 %	71	755\$	
N E C 5 %	71	950\$	
Termoel. 5 %	60		
U E P 5 %	63		
U E P 5 %	63		
U E P 5 %	63		

DIVERSAS

A. P. T. 5 %	56		900\$
A. P. T. 5 %	58		
Lisnave 6 %		950\$	
Nitratos 60		880\$	
Pet. 2.ª s. 3.ª		1.020\$	1.025\$
Sacor 5 %	54	935\$	
Sacor 5 %	60	830\$	
Sid 5 %	2.ª		
Sid 5 %	3.ª		
Sid 5 %	4.ª	780\$	780\$
Socel 5 %		900\$	
U. Fabril 67			
U. Fabril 68			930\$

ULTRAMARINAS

Carbonil. 5 %			
Rev. 5 %	57		
Rev. 5 %	59,60		
Mocamb. 5 %		795\$	800\$
Sonete 5 %			

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5.100\$	5.100\$	5.200\$
Alentejo	1.700\$	1.695\$	1.700\$
Angola	3.660\$	3.650\$	3.670\$
Cred. Predial	6.530\$	6.525\$	6.540\$
Esp. Santo	10.150\$	10.100\$	10.150\$
Forgento	4.950\$	4.900\$	4.980\$
F. & Burnay	42.000\$	45.000\$	
N. Ultr. m.	5.500\$	5.500\$	5.550\$
N. Ultr. c.	6.420\$	6.420\$	6.430\$
Portugal n.	4.300\$	4.300\$	4.600\$
Portugal p.	5.950\$	6.000\$	
P. Atlântico	11.250\$	11.200\$	11.300\$
Totta & Açores	6.420\$	6.420\$	6.430\$
Algarve	2.180\$	2.170\$	2.180\$
Borges & Irmão	8.850\$	8.800\$	8.850\$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das accções (Base: Dez. 85:100)

	27-7-72	2-8-72	3-8-72
GERAL	189,6	191,5	191,0
METROPOL	193,5	195,8	195,5
ULTRAM	160,7	159,8	157,8

De Seguros

Alentejo	144\$	146\$
Bonança	16.000\$	
Imperio	16.000\$	
Mundial	1.340\$	1.345\$
Soberana	1.700\$	1.800\$
Tranquilidade	90.000\$	

Electricas

C. P. E. p.	1101\$	1.101\$	1.102\$
C. P. E. n.			
E. Beiras	1.730\$		
G. Elec. c.	334\$	335\$	334\$
H. E. A. A.	1615\$	161\$	1615\$
H. E. N. P.			240\$
H. E. S. E.			1.680\$
U. E. P.	193\$		196\$

Ultramarinas

Ag. Casseque	1.090\$	1.090\$	
Ag. Incomat	2.300\$	2.320\$	2.400\$
Ag. S. T. e P.			
Ag. Angola	840\$	820\$	850\$
Alg. Angola			185\$
Ang. Agric.			660\$
Boror			
Boror Com			
Buzi	78\$	78\$	79\$
Cabinda			130\$
Com. Lobito	690\$	685\$	700\$
D. A. T. 100	1.820\$	1.810\$	1.850\$
H. E. Revue			
I. do Princ.			
Mocambique			160\$
Sonete n.			
Sonete p.	390\$	385\$	400\$
Zambezia		59\$	62\$

Diversas

Ag Lx. ant.	-	405\$	440\$
Ag Lx. 34	-	410\$	440\$
Ag Lx. 36	405\$	405\$	410\$
Cel Guadiana	-	5 000\$	5 250\$
C Leiria p.	6 200\$	6 150\$	6 250\$
C Tejo p.	-	-	14 300\$
F. Ramada	1 270\$	1 250\$	1 270\$
Fornos Elect	138\$	138\$	139\$
P Celulose	-	4 050\$	-
Siderurgia p	4 420\$	4 400\$	4 450\$
Siderurgia n.	2 970\$	2 950\$	2 990\$
Socel	3 620\$	-	3 630\$
Cidra	7 500\$	7 500\$	7 530\$
C U. F	-	2 850\$	3 000\$
Intar	671\$	660\$	-
Nitratos	-	-	995\$
Petroquimica	990\$	985\$	990\$
Sacor	3 600\$	3 600\$	-
Tab. Portugal	2 900\$	2 800\$	3 000\$
Tabaqueira	-	7 550\$	7 800\$
U. F. Azoto	760\$	755\$	760\$
Empor	-	-	-
Ind. Aliança	-	-	-
I. P. Colón	-	850\$	900\$
Nac. Naveg.	-	-	3 500\$
Naveg (Col)	-	1 850\$	1 900\$
P. Pesca	-	980\$	-
Malur	-	1 000\$	-
R. Marconi	-	2 000\$	2 150\$
TAP	-	-	1 310\$
Compal	-	-	750\$
Salvor	-	-	-
Penina	-	1 250\$	1 500\$
Grão-Para	-	-	900\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
FIDES

COTAÇÕES

PAÍSES

	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands		33\$00
Alemanha Marco	85\$5	85\$5
América		
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina Peso Novo	\$-	\$-
Austria Schilling	15\$16	15\$21
Bélgica Franco	\$60	\$63
Brasil Cruzeiro	35\$0	45\$0
Canadá Dólar	27\$00	27\$70
Dinamarca Coroa	35\$70	40\$00
Espanha Peseta	\$41,5	\$43,5
Francia Franco	55\$45	55\$75
Holanda Florim	85\$25	85\$55
Inglaterra Libra	65\$00	68\$00
Italia Lira	\$043,5	\$047
Marrocos Dhran	56\$10	56\$60
Noruega Coroa	38\$95	42\$25
Suécia Coroa	58\$55	58\$85
Suiza Franco	73\$05	73\$30
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	470\$00	500\$00
Inglaterra 1/2 Libra	380\$00	400\$00
Ouro fino Barra	57\$00	62\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara 18. Telef. 328045
Rua do Ouro 52. Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)
Reportagem do Exterior
Corrida de touros da Praça do Campo Pequeno

2.º Programa (22.00)
Museu do cinema

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa	
1.º Período	
12.45	Abertura e desenhos animados
13.00	Vária
13.15	Aquelas Santas
13.45	Telegiornal, 1.ª edição
14.00	Mini Decoração
14.15	Documentário
14.25	Logo à Noite

2.º Período	
19.30	Telegiornal, 2.ª edição
19.45	TV Juvenil
20.15	Sangue na Estrada
20.30	Motores em marcha
21.00	Estúdio C
21.30	Telegiornal, 3.ª edição
22.00	Reportagem directa da corrida de touros da Praça do Campo Pequeno
00.20	Eurovisão Resumo do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins
00.35	Telegiornal, últimas notícias
00.45	Meditação e Fecho

2.º Programa	
20.30	Desenhos Abertura e desenhos animados
20.45	Mini Decoração
21.00	Aquelas Santas
21.30	Telegiornal, 3.ª edição
22.00	Museu de cinema
23.20	Fecho

AMANHÃ

1.º Programa	
1.º Período	
12.45	Abertura e Desenhos Animados
13.00	Feminino Singular
13.15	Nanny e o Professor
13.45	Telegiornal, 1.ª edição
14.00	Conheça o Portugal Desconhecido
14.15	Logo à noite

2.º Período	
19.30	Telegiornal, 2.ª Edição
19.45	Ponto de Vista Turismo
20.15	Auditorium Musical
21.00	Telegiornal, 3.ª Edição
22.00	Fronte a Frente
22.30	Lancer
23.30	Eurovisão Resumo do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins
23.45	Telegiornal, últimas notícias
23.55	Meditação e Fecho

2.º Programa	
20.30	Abertura e Desenhos animados
20.45	Vária
21.15	Nanny e o Professor
21.30	Telegiornal, 3.ª Edição
22.00	Os Bons Velhos Tempos
23.40	Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. A.guas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Comboios	32 6227

tempo

HOJE

09.00 H
Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco ou moderado predominando de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H	
PORTO	18.º
P. DOURADAS	13.º
COIMBRA	14.º
PORTALEGRE	21.º
LISBOA	18.º
FARO	22.º
FUNCHAL	18.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS	Máxima 32,5.º
MONTALEGRE	Mínima 4,8.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	17,6.º
Atmosfera	19,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.11 3,3 m	3.32 1,4 m
22.54 3,3 m	16.15 1,4 m

Dia 4

11.36 3,3 m	4.53 1,4 m
	17.40 1,4 m

Dia 5

0.18 3,3 m	6.09 1,4 m
12.51 3,5 m	18.53 1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento moderado de Noroeste soprando em regime de variada durante a tarde e princípio da noite; pequena descida de temperatura.

AMANHÃ

Nascer às	6.40
Ocaso às	20.45

Dia 9 Dia 17 Dia 24 Dia 31



radio

EMISSIONA 1.º Programa

16.00	Noticário
16.05	Ao encontro da melodia
16.30	Convívio Programa da Juventude de
18.05	O Convidado de Hoje
18.20	Espectáculo-Teatro-por Figuei- redo de Barros
18.40	Musica Popular Portuguesa
19.10	Opereta „THE GEISHA“ (Jo- nes)
20.00	Diário Sonoro
20.20	O Conjunto Wallace Collection
20.30	3º Episódio do Folhetim „Uma Família Inglesa“
20.50	Melodias
21.00	Momento 72
21.20	Musica- So Musica
21.50	Dia a Dia com a ciência- pelo Dr. Marques da Costa
22.10	Guitarradas pelo conjunto de António Luis Gomes
22.10	Guitarradas pelo Conjunto de António Luis Gomes
22.30	Ritmos de todo o Mundo
23.05	De um dia para o outro- por Armando Correia
00.00	Sinal HorárioXX Campeonato do Mundo de Hoquei em Pa- tins: _ Transmissão do Pavi- lhão dos Desportos, na Coru- nha, do relato do desafio „Por- tugal-Belgica“ NO FINAL: Diário Sonoro Escala na Ma- druçada, por Galiano Pinheiro
02.00	Fecho

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944).

ALCANTARA
Bairro, R. Prior do Crato 25 (Telef. 661321); Biotfar, Rua D. João de Castro 27-B (Telef. 638824).

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Telef. 711780); S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Telef. 725140); Roma, Avenida de Roma 85-A (Telef. 772466).

ANJOS
Contiança, Avenida Almirante Reis 46-A (Telef. 621653).

AREIRO
Garantia, Rua Padre Manuel da Nobrega, 5-A (Telef. 727300); Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860).

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes Rua de S. José, 187 (Telef. 326476).

AVENIDAS NOVAS
Alcantara, Avenida da República, 74-A (Telef. 773043); Vale, Avenida Marques de Tomar, 47 (Telef. 773043); Dava, Avenida Duque de Avila, 125 (Telef. 45225).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Telef. 311216).

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B 75-A (Telef. 683694).

BAIXA
Azevedo, Rossio 31 (Telef. 327478).

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242); União Estrada de Benfca, 592 (Telef. 700092); Alegria, Estrada de Benfca, 180-A (Telef. 780511).

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia 90 (Telef. 847019).

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610).

CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Telef. 688807); União, Rua Saraiva de Carvalho 145-F (Telef. 663643).

CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé 54 (Telef. 862839).

CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241).

ENTRECAMPOS
Alcantara, Av. da República 74-A (Telef. 77379).

ESTEFANIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Telef. 45578).

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo 66-B (Telef. 666971).

LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 662631).

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 790480); Doura, Alameda das Linhas de Torres, 83-A (Telef. 971131).

OLIVAS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237).

PENHA DE FRANÇA
Vitalis, Rua Moraes Soares, 68-A (Telef. 848011).

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395-720703).

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zóimo Pedroso 11-13 (Telef. 381136).

REGO
Bactista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef. 771873).

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Telef. 638625).

S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Telef. 679961).

S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica 59 (Telef. 326750).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Telef. 48642); Sousa Martins, R. Sousa Martins 25 (Telef. 55468).

XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241).

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123).

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034).

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456).

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832).

COLARES
Abreja, (Telef. 299088).

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Branco, Av. Comb. da G. Guerra, 29 (Telef. 212081).

CAXIAS
Nova, Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Telef. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039).

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058).

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054).

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (261186).

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira, J.A. 15 (Telef. 260116).

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214).

PORTO

SUB-TURNO A
Correia de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259; Nova Avenida, Av. F. de Magalhães, 692; Pinheiro Manso, R. S. João de Brito, 25-29; Santa Teresa, P. Guilb. G. Fernandes, 100; Silva Pereira, R. Costa Cabral, 293.

SUB-TURNO B

Aves, P. Exército Libertador, 62; Anacleto de Barros, R. do Loureiro, 104; Boa Hora, Rua da Boa Hora, 80; Camela, Rua do Heroísmo, 90; Contiança, Rua de Santa Catarina, 960.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932489); Contiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149).

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523).

COIMBRA

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (tel. 33120); Nazaré, Rua Ferreira Borges, 135-139 (tel. 22605); S. Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (tel. 24916).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
As 21.30
Grupo B (10 anos)
Novamente A REVOLTA NA BOUNTY com Marlon Brando, e Trevor Howard
No ecran gigante em 70 m/m

SATÉLITE (Telef. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D (18 anos) 3.ª Semana)
AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS. Uma realização de Elich Yammamoto

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo B (10 anos)
A MANTA VERMELHA Scope-color com Oleg Vidov e Gitta Hænning e COMO MATEI RASPUTINE (Metropolitano: Intendente)

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D (18 anos))
Os dois maiores nomes de filmes de terror Christopher Lee e Peter Cushing em «EU MONSTRO» (Technicolor)

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
25.ª Semana de êxito
NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garcés.

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
7.ª Semana
MELODY.
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wild e Tracy Hyde
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-o melhor encontro gastronómico

BERNA (Tel. 776098)
Hoje às 15.15 e 18.30
Grupo A (6 anos)
Um filme dedicado às crianças O LADRÃO DE BAGDAD de Alexander Korda com Sabu, June Dupey e Conrad Veidt (Technicolor)
21.45
Colorido
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana
O amor e a vida no ponto de separação de duas épocas A GRANDE FUGA, com Lyndmila Savelyna e Mikhail Balaion Technicolor (ar condicionado)

CASINO ESTORIL
17 e 21.30
Grupo B (10 anos)
OS DOIS MAGOS DA BOLA

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
28.ª Semana O filme do ano TRINITY (COW-BOY INSOLENTE), com Buel Spencer e Terence Hill.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
5.ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS.
O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.
Metro Alameda

TIVOLI (Tel. 717480)
15.15 - 21.30
Grupo A (6 anos) 72.ª Semana
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plummer 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 21.45
(Grupo B (10 anos))
Humphrey Bogart e José Ferrer em «OS REVOLTADOS DO CAINE»
Technicolor

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Uma sátira dirigida aos computadores «MILHÕES ESCALDANTES» com Peter Ustinov, Maggie Smith e Kar Malden Metrolcolor

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
Easimancolor
O Reino do terror alarga-se! AS CICATRIZES DE DRÁCULA com Christopher Lee.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
Technicolor (Grupo B 10 anos)
O Regresso de um ídolo «FONGA PRADARIA» com Charles Bronson (ar condicionado)

LYS (Tel. 48560)
15.00-21.00
Grupo D (18 anos)
DIVIDA DE ÓDIO, colorido, com Charles Bronson, Anthony Perkins e Jill Ireland. Em complemento OS ESTRANGEIROS.
(Metropolitano: Intendente)

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
Hoje às 21.30
Grupo C (14 anos)
Anthony Quinn e Virna Lisi em A 25.ª HORA
Metropolitano. Alameda

CONDES (Telef. 322523-326710)
15.15 e 21.15
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
O drama de uma mulher a quem o destino negara o direito de ser feliz ESSA MULHER, color com Sara Montiel e Ivan Rassinov Em complemento O CONDE SINISTRO

S. JORGE (Tel. 54152/4)
Hoje às 21.30
Grupo D (18 anos)
Estreia
SMIC SMAC SMOC, o mais divertido filme de Clair Le-touch. Em complemen-ção. Irão. As 15.15 e 18.15
Grupo B (10 anos)
Últimas de ADEUS ABATA.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.00
Grupo C (14 anos)
Um disparate num Western muito especial.
Frank Sinatra e Ursula Andress em «4 NO TEXAS»

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
Easimancolor
Um filme de Orson Welles HISTORIA IMORTAL, com Orson Welles e Jeanne Moreau Hoje (24.00) Clássicos à meia-noite
Grupo D (18 anos)
CAMINHOS PARA DOIS, de Stanley Doney com Albert Finley e Andrey Hepburn (ar condicionado)

POLITEAMA
As 21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia
Uma irracional vingada com ferocidade CHAMAVAM-LHE REI col. com Klaus Kinski As 15.15 e 18.15
Grupo B (10 anos)
Últimas SE TU SOUBESSES

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Homens em desespero «A LEGIÃO DOS DANADOS» com Jack Palance e Tom Hunter e Diana Lorys (Estmancolor)

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra frente Lisboa»

LAURA ALVES
As 21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente2

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.00 (18 anos)
«Bananas»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã».

PARIS
21.00 (14 anos)
«Antes que chegue o Inverno».

MAYER
21.00 (17 anos)
«Flor amarga»

OLIMPIA
21.00 (14 anos)
«Mais morto que vivo» e «O Perigo vem das mulheres».

JARDIM
21.00 (18 anos)
«O Rendez-vous».

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«Não sou digno de ti».

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A Rebelião».

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.45 (17 anos)
«Bullitt».

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«O Vício das beatas».

ALGES
Stadium
21.30 (10 anos)

OEIRAS
Oeiras-cine
21 (18 anos)
«Alegria e Ritmo».

PAREDE
Royal-cine
21.15 (14 anos)
«Sob o signo do Capricórnio».

ESTORIL
Casino
17 e 21.30
«Os dois magos da bola».

ESTORIL
Palácio
21.30 (17 anos)
«O reptil».

ESTORIL
Esplanada
21.30 (10 anos)
«Guerra secreta de Harry Frig».

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Condessa de Dracula».

LINHA DE SINTRA

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«A Parede do escândalo».

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Da terra nascem os homens».

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Maria Isabel», «Os Demónios do gatilho».

PORTO Cinemas

ÁGUA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinidade, cow-boy insolente».

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Nave dos loucos».

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«O Regresso».

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Mundo cão».

S. JOÃO
21.30 (14 anos)
«Romeu e Julieta».

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«Sariana desafia Sabata».

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Play time».

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«Black Jack».

BATLHA
21.30 (18 anos)
«O Altar do diabo».

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Lamela».

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A fíra adormecida».

CINEMA TERÇO
21.30 (18 anos)
«Casanova 70».

CARLOS ALBERTO
21.00 (18 anos)
«A cela da morte» e Dilema de mulher».

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Os Impostores».

ESPLANADA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
As 21.45 (18 anos)
«O Doce corpo do delicto».

LEIRIA/Cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
As 21.30 (14 anos)
«América dos meus sonhos».

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Emerald Amoredo Tina Ferreira, Fernando Mauricio. Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam. Libertor Conde Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

LUSO Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natália Bizarro Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60\$00 Encerra ao domingo Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 329307.

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Marinho, Maria de Portugal João Alberto, Manuel Martins Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.

VIELA
Rua das Taipas, 14. Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo Encerrado ao domingo

CASEBRE Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes Os Arautos Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760

ARRUDA Fado amoroso e canção fado no Arruda Elenco José Pracana José Manuel Osório D. Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras Consumo mínimo 62\$00 (taxa incl.) Rua Alexandre Merculano, 3, Cascais. Tel. 263864

FRAGATA REAL Elenco: Beatriz da Conceição e Maria João, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidado Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. Travessa de S. Miguel, 22. Alfama Tel. 668551

DANÇAS

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h

NINA Dancing com atracções Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368187

TOSCO Dancing com Variedades. Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531582

TAMILA Marão e s/conjunto. Matinees todos os dias Encerra aos domingos Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.

D. QUIXOTE Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada Rua da Trindade, 9 Tel. 327109 Encerra aos domingos

HIPOPOTAMO Com Heider Reis Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.

CACO Dancing c/música ambiente com singular quarteto Rua Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

motor

À VENDA EM TODO O PAÍS MAIS UM NÚMERO DE

motor

DL / ÚLTIMAS

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2 3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A VIAGEM DO ANO! «CRUZEIRO DA AMIZADE» AO BRASIL

De 21 de Agosto a 18 de Setembro (29 DIAS)
a bordo do N/T «INFANTE DOM HENRIQUE»
da C. C. N.

FUNCHAL-RECIFE-SALVADOR (Baía)-RIO
DE JANEIRO (8 dias — o navio funciona
como hotel) - S. VICENTE - LAS PALMAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Agência de Viagens

CATUR

LARGO DA BIBLIOTECA PÚBLICA, 17
Telef. 36 79 74 (6 linhas) • LISBOA

Utilize o nosso sistema de viagens a crédito

Desabamento numa barragem causa oito mortos

Brigadas de socorro portuguesas e espanholas haviam retirado até às primeiras horas da madrugada de hoje, oito corpos de trabalhadores que ficaram soterrados por uma súbita avalan-

cha em Cedilla, povoação fronteiriça a Montalvão, onde se constrói uma barragem. Parece existir a possibilidade de

o número de mortos vir a ser maior.

A remoção das terras tem-se efectuado com enormes dificuldades,

pois subsiste a hipótese de novos desabamentos e seu sequente perigo para os que se entregam à remoção. Foi recuperado um tractor que, juntamente com o tractorista, ficara sob a montanha de pedras e terras.

DOENÇAS INFECTO-CONTAGIOSAS EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 2 (1) — A hepatite epidémica foi a doença infecto-contagiosa que maior número de casos motivou em Moçambique, no ano de 1971. Verificaram-se 1038 casos com 24 óbitos, temosos durante aquele mesmo ano, a poliomielite aguda, com 77 casos e 1 óbito; a meningite epidémica, com 75 casos e 17 óbi-

tos; a febre tifóide, com 73 casos e 2 óbitos; a raiva, com 9 casos todos mortais; a difteria, com 7 casos e 1 óbito; e a escarlatina, com apenas 4 casos sem óbitos.

De registar que também em 1971 não se detectou em Moçambique nenhum caso de varíola.

De novo no Porto festival aéreo

Em continuidade das organizações da «Expoar-72», haverá, no Domingo, no aeroporto de Pedras Rubras, um festival aéreo internacional que ficará a assinalar, este ano, uma dupla efeméride: a travessia aérea do

Atlântico Sul e a fundação da Aeronáutica Civil.

Para comunicar o programa do festival, no qual colaboram diversos tipos de aviões, reuniram-se com os representantes dos órgãos de informação elementos responsáveis da organização.

O sr. Afonso Pinto de Magalhães, vice-presidente do Congresso Mundial de Aeronáutica, falou primeiro do congresso, que se reúne em Outubro e fez, depois, breves considerações sobre o festival. A este se referiu, a seguir, o sr. dr. Leonardo Coelho, presidente da comissão executiva. Elogiou a acção do banqueiro sr. Pinto de Magalhães e fez referência às dificuldades que foi preciso remover para que o Porto, depois de alguns anos de interrupção, voltasse a ter o seu festival aéreo.

Falou, ainda, sobre o assunto o sr. comandante Barros Prata, director do aeroporto, onde o festival decorrerá, naquele dia entre as 15 e 30 e as 18 e 30.

Cursos para professores

As matrículas para os Cursos Intensivos de Verão para professores eventuais e provisórios do ensino oficial, sem habilitação própria, abriram já nas Universidades de Coimbra e Porto. Os professores que frequentarem o referido curso terão direito a uma bolsa.

ANIA TEILLARD

A LINGUAGEM DOS SONHOS

Um livro sério,
mas escrito para toda
a gente, que permite
ao leitor o acesso
ao mundo misterioso,
incontrolável
e apaixonante
dos seus sonhos

MORÆS

EDITORES

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

O FILME DE QUE TODA A GENTE FALA...

Mark LESTER * Jack WILD
As jovens estrelas de «OLIVER»



e a adorável Tracy HYDE MÚSICA DE BEE GEES
Realização de WARIS HUSSEIN

Melody

Ficará gravada no seu coração!

7.ª SEMANA
TRIUNFAL

LONDRES

GRUPO C - 14 anos

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Um amor mais forte que
os furores da guerra!



Anthony Quinn • Virna Lisi

A 25.ª HORA
(THE 25TH HOUR)

Argumento de
Henri Verneuil

METROCOLOR

Realização de
Henri Verneuil

HOJE Um livro eterno,
Um filme imortal!

IMPERIO

GRUPO C - 14 anos

M/6 anos

CAMPO



PEQUENO

Hoje

FORCADOS
AMADORES DE ÉVORA

às 22 Horas

8 TOIROS DE
CABRAL ASCENÇÃO 8

O MAIS EXTRAORDINÁRIO MANO-A-MANO DA TEMPORADA

PAQUIRRI: JULIO ROBLES

CAVALEROS MANUEL CONDE LUIS VEGA



A TRANSPIRAÇÃO DOS PÉS
DESAPARECERÁ COM O USO
DAS
PALMILHAS DEZODORISANTES

Fresh SOX

odasorb com um novo e poderoso
deodorizante seco que absorve
todos os odores dos pés e do
calçado, dispensando o uso de
pós e de outros produtos para
o efeito.



Made in England

A venda nas farmácias
em 3 tamanhos: 7-8-9

Representantes para Portugal

CREFAR, Representações, Lda LISBOA
BARBOT COSTA — PORTO

1 SEMANA em LONDRES

3 350\$

Partidas: 3, 7, 11, 21 e 28 H
(Algumas datas cogitadas)

- VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
- ESTADIA NO HOTEL
- TRANSPORTES EM TERRA
- VISITA DE LONDRES
- TODAS AS TAXAS
- ASSISTÊNCIA DE DELEGADO ABREU

NOVAS PARTIDAS: 11, 18 e 25/8

LONDRES — FIM DE SEMANA

DE 1 A 5/9

2 900\$

Em qualquer das partidas DESCONTO
DE 10% para grupos de 10 pessoas

ORGANIZADO

abreu

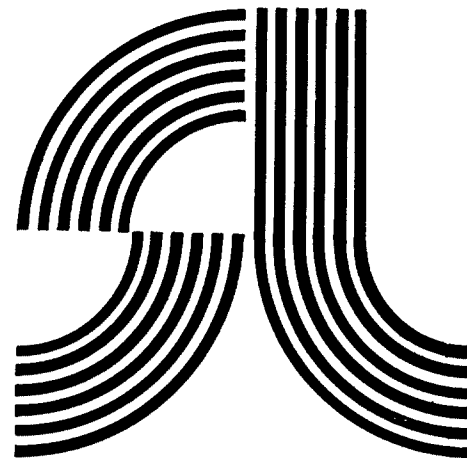
FUNDADA EM 1940

PORTO — Av. Aliados, 207 — Telef. 379.21
LISBOA — Av. Liberdade, 160 — Telef. 320.221
COIMBRA — Rua de São, 2 — Telef. 27.811

"O TRIGO E O JOIO", ANÁLISE ESTRUTURAL (P.2 3)

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Diário de Lisboa



CRIME, "SUSPENSE" E "BEST-SELLERS"

Há de todas as espécies e de todos os formatos. Velhas senhoras pequenas e dotadas de prodigiosa intuição, valentes cavaleiros magros, duros e violentos, cuja força só pode ser comparada com a resistência ao álcool, misantropos obesos que se encerram em suas casas, bons rapazes sociáveis que erram na cidade em busca do fio condutor, astuciosos professores dotados de uma sólida formação científica, calmos *clergymen* que conhecem as perversidades da natureza humana, finos agentes da polícia secreta encarregados de uma missão imperativa, médicos, advogados e, por vezes, até ladrões, todos possuem o mesmo dom: o de esclarecer os assuntos policiais mais complicados. São os heróis e as heroínas da literatura policial americana, cujos admiradores já não têm conta.

O seu grande antepassado é Auguste Dupin. Esta singular personagem, criada em 1841 por Edgar Allan Poe, é um poeta de boa família, que conheceu os azares da fortuna. Vive em Paris no começo do século passado, não saindo senão ao escurecer de uma casa alumiada por meio de velas, de dia e de noite. O seu prazer consiste em desvendar os mistérios servindo-se apenas da sua força de dedução. Dupin é o herói de três novelas clássicas, «O Crime da Rua Morgue», «A Carta Roubada» e «O Mistério de Marie Roget», que são as primeiras verdadeiras histórias policiais e abriram o caminho a inúmeras séries de aventuras imortais. Todavia, a fórmula teria de esperar cerca de cinquenta anos antes de se tornar popular nos Estados Unidos. Durante este tempo, diversos autores franceses e ingleses tinham-se por seu turno inspirado nos textos de Poe.

Uma vez implantado nos Estados Unidos, o romance policial conquistou rapidamente o grande público. Hoje em dia, os americanos adquirem milhões de livros policiais e «thrillers», que batem todos os records de venda (entre os amadores célebres contam-se três Presidentes dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, Franklin D. Roosevelt e John F. Kennedy). Esta predileção serve aliás a causa da literatura, na medida em que certos editores utilizam os lucros assim conseguidos para cobrirem as despesas de obras mais sérias.

Convém fazer uma distinção entre o romance de detecção policial pura e o «thriller». O primeiro apresenta um enigma extremamente emaranhado que o investigador resolve essencialmente fazendo trabalhar o seu cérebro. Na maior parte dos

Por M. OETTINGER

livros deste género, as regras do «fair play» são respeitadas: o leitor dispõe dos mesmos indícios que o protagonista e pode através da reflexão, encontrar ele próprio a solução. O «thriller», em contrapartida, é uma narrativa de acção: o que o herói faz é muito mais importante do que aquilo que pensa ou sente. Quase todos os romances de espionagem pertencem a esta categoria, cujo protótipo é a série dos «James Bond» de Ian Fleming. Acontece igualmente os dois géneros serem misturados, nomeadamente em certas histórias de detectives particulares.

Os autores de romances policiais devem respeitar princípios muito severos que recordam os observadores pelo inventor de problemas de xadrez. Se respeitarem e quiserem conservar os seus entusiastas, é preciso renunciar a toda e qualquer exploração final por revelação divina, intuição feminina, coincidência ou puro acidente. A maioria é fiel ao juramento feito pelos membros do *Detection Club* inglês, os quais prometem «servir-se» com toda a moderação conveniente dos *gangs*, conspirações, raios da morte, fantasmas, portas-armadilhas, assim como do hipnotismo, super criminosos e loucos, e nunca, nunca empregarem venenos desconhecidos da ciência». (Esta ementa sinistra constituía o habitual das publicações policiais de baixo preço, no começo dos anos 1900; conservou a sua voga durante certo tempo. Os jornais em questão eram conhecidos sob a designação de «pulp magazines», em virtude de serem impressos no papel mais barato, chamado «pulp»).

Certos especialistas empregaram contudo técnicos que frisavam, perante o leitor, a manobra desleal. Num célebre livro da romancista inglesa Agatha Christie, por exemplo, acaba-se por saber que o assassino é o próprio narrador. O processo utilizado pela primeira vez por E.C. Bentley em «Trent's Last Case» (O último caso de Trent), isto é a solução aparentemente correcta que, achada com grande dificuldade pelo protagonista, se revela completamente falsa, foi adoptada com êxito por outros escritores. No clássico «Puzzle for Fools» (Enigma para os tolos), Quentin Patrick joga com um dado semelhante. Durante todo o romance, o narrador, um alcoólico em tratamento numa casa

Continua na pág. quatro



O TRIGO E O JOIO

2

Análise estrutural de um romance de Fernando Namora

Do nível das funções passamos ao das acções, começando por apresentar as relações entre os personagens, analisando-as em detalhe, para em seguida sintetizá-las.

31 INTER-RELAÇÕES: ANÁLISE

31.1 O BARBAÇAS

Começamos pelo Barbaças, como diz o narrador. Personagem simples, bronco, desambicioso, não entende as metáforas do Loas, nem se interessa pela sua proposta de herança; a verbosidade do lavrador dá-lhe sono. Não se deixa, porém, ludibriar pelas histórias fantásticas do outro, pensando em abandoná-lo. Fácilmente emotivo, chora de raiva, de arrependimento, de ternura. De ladrão que era, torna-se honesto; de vadio, trabalhador; e assim se manterá. Antes mesmo do momento que chamamos da sua transformação, ele já é outro. O Narrador, aliás, acentua

este facto, pondo várias vezes em paralelo os dois Barbaças, em dois tempos que se opõem, sucedendo-se «das outras vezes»/«agor» (p. 47 e 75, 200 e 201, 219, etc.). A sociedade com o Barbaças fora o primeiro tempo da transformação: fora a integração numa família (p. 67), no mundo à margem do qual tinha vivido até então (p. 66), numa série de responsabilidades (p. 75), nos sonhos do lavrador (p. 58). O seu carácter primário não o impede de perceber as manobras do Loas e de rir-se dele com malícia (p. 197); pouco a pouco vai desenvolvendo o raciocínio: dá-se conta de que há «forças inamovíveis» (p. 182); saboreia a «isenção de ser livre» (p. 183), constrói o seu próprio sonho,

que não é mais que a adesão ao sonho do Loas (p. 200). Chega mesmo a tecer considerações sobre a relatividade das coisas, confrontando o que faz a felicidade de cada um: para alguns, tão pouco bastaria! Para o Loas, uma burra; para ele, contribuir para o sonho do Loas. E é em torno da burra que o seu pensamento se vai organizando:

«não era a burra um pedaço dos homens e das coisas que o encontro com a gente da courela lhe havia revelado? Sim, ele amaria a burra, os frutos, a seara, a courela, e seria capaz de compreender e colaborar nas fantasias e amarguras do Loas, mergulharia na vida como dantes mergulhava na ribeira... (200) a burra ia ligá-lo a um mundo que ele levava tempo a descobrir. (p. 211)

Sente-se embruxado pelo Loas, quer safar-se das suas magias, consegue-se em parte, mas constata: «Desenredara-se das conversas do Loas, para se enrodilhar, afinal, num feitiço maior ainda» (p. 285).

A vinculação inicial do Barbaças à burra confirma-se ao longo das sequências, como acabamos de ver, e alarga-se à vinculação, à courela, à terra, enfim. Por isso mesmo, o ritmo rápido da sua actuação (é ele, até o clímax, o sujeito único ou praticante das funções básicas da história) só é retardado quando, aos olhos do Loas e da Joana, a burra passa de aliado a agressor. No anticlímax, ele passa a figurar como objecto das cogitações do Loas — ora optimistas, ora pessimistas — nas quais continua vinculado à besta, como dois elementos positivos, de renovação da terra, ou negativos, de corrupção e de nojo. Agora, o Barbaças não age mais só; pensa, estranhando a mudança de tudo a seu redor; trabalha com o Loas, responde ao Loas ou a Alice, está farto de tudo; a sua última acção — feita a medo — é dar água à burra.

31.2 JOANA

Da Joana já sabemos que, em geral calada, as suas raras palavras deflagram uma acção; que, fiel ao Norte de onde veio, não sente o fascínio da charneca, mas acaba por solidarizar-se com o marido no sonho da burra. Falar é para ela uma violência, um heroísmo que a aturde e ruboriza (p. 63).

Faz a sua primeira aparição na segunda sequência da história; pouco adiante, num rápido «flash-back», o Narrador, falando do Alentejo e dos alentejanos, opõe-lhes a Joana:

«Apenas a Ti Joana, mulher de Loas, que viera para a Charneca numa vaga de ratinhos, teria o Norte húmido e verde até



Foto de LUÍS PONTES

ao fim presente nos sentidos (p. 39).

Cansada de acompanhar o marido «nas miragens e fracassos» (p. 61), ela interessa-se pela compra da burra, porque sente que com este novo sonho o Loas se aproximava das realidades. Ressentida com o Barbaças pelo extravio do dinheiro, evita-lhe a presença, mas, logo que o vê arrependido e decidido a reaver o preço da burra, entrega-lhe o farnel (p. 169), repete sóbrios mas atenciosos desvelos para com ele (p.

presa ao marido, à Alice, ao Barbaças. Também ela gostaria de ver a burra cuidada (p. 247).

E a partir do momento em que sabe que a burra pertencerá a uma leprosa que o ritmo de acção de Joana se acelera e a sua actuação é notada pelo Loas. Encontrando Alice com a burra e descobrindo a bolha no corpo da menina, diz ao marido que venda a burra, e repete-o. Na longa caminhada à casa do virtuosos, é ela quem toma as iniciativas; de volta, foge da charneca, do trigo,

Por CLEONICE BERARDINELLI

187) e termina por lavar-lhe os pés, humilde e carinhosa (p. 191). E ela que revela a existência da burra nas Malhadas.

São raras e breves as suas intervenções na história, amoldando-se um pouco durante os preparativos para a compra da besta. Uma vez feito o negócio, realizado o sonho do Loas (que já é de todos), ela alheia-se (p. 231) e volta ao seu mundo, desejosa de plantar videiras, buscando as nuvens imóveis no céu outonal (p. 232) ou sorrindo a ouvir, junto à lareira, o vento e a chuva do Inverno na paz laboriosa do lar (...) A chuva vingava-a do pismo sufocante da planície (p. 256). E verdade que o dinheiro dos bacelos foi desviado para comprar a albarda de que a burra necessitava: Joana queria fazer uma sur-

de seus pensamentos e vai buscar alívio e alento na floresta que lhe lembra a sua terra. O ar puro dos pinheiros parece-lhe capaz de libertar Alice dos limos da charneca e da podridão da doença; arrasta-a para o meio das árvores, mas percebe que Alice não se deixa dominar pela magia do bosque (p. 303); que, nascida na charneca, era um rebento do lodo (p. 303).

Esse crescente andamento das funções de que Joana é o actante corresponde a um «crescendo» na intensidade das acções: a volta do virtuoso é uma fuga em rapidez desesperada; Joana não afrouxa o passo, não vê o cansaço da filha, arrasta-a consigo e, ao vê-la alheia, distante, sente-se só; mastigava as lágrimas, para que elas não fossem explodir (p. 304). E essa tensão, contida para não explodir, que se reflecte nos gestos, nas atitudes e na única frase, breve e incisiva, que ela pronuncia na dramática cena final do livro: o coração contrai-se-lhe, ela crava as unhas no animal, diz ao Loas: «Aí a tens. Mata-a já, Loas (p. 331). E fica à espera, erecta, frígida (p. 332), com os músculos rígidos, com uma expressão parada e doida (p. 333), para, num movimento súbito, puxar a espingarda das mãos do marido e dispará-la.

31.3 LOAS

O Loas é, com o seu sonho, o condutor da história e a característica mais definidora do seu todo é a palavra fácil, prolixa, persuasiva, que

ref. 31006

Meangraf — calendário — 100% estanque

ref. 84103

Automático — calendário dia e data — 100% estanque

ref. 84104

Automático — calendário dia e data — 100% estanque

ref. 83010

Automático — calendário



YEMA

International



A venda nas boas relojoarias com garantia internacional

MERCEDES

CADILLAC — OPEL — VAUXHALL E FORD

REPARAÇÕES E CORRECÇÕES DE DEFEITOS

Pessoal especializado nesta marca.

Ferramental apropriado.

Correcções de defeitos e reparações gerais.

Secções de MECANICA, BATE-CHAPAS, ELECTRICISTA, PINTURA e ESTOFADOR.

Reparações em CAIXAS E DIRECÇÕES AUTOMÁTICAS.

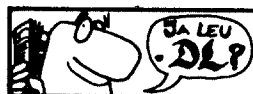
Trabalhos de 1.º Serviço rápido e eficiente, executado por oficiais.

ORÇAMENTOS PREVIOS

COTAL — R. de Artilharia Um, 105-A — Tel. 68 31 31

R. dos Lusíadas, 113-A — Tels. 63 10 57/8

SERVICÓ INDEPENDENTE



era talvez uma maneira de se aproximar das coisas profundamente desejadas. Entre gente que fala pouco (os homens (...) falam e caminham lentos, austeros (p. 23) e a quem as palavras fatigam (p. 24), cada homem que se interroga é um bruxo ou um oráculo. O Loas era considerado uma coisa e outra e acabara por explorar essa fama (p. 31). Se nisso diferia dos outros, tinha, como eles, a teimosia na seara. Era, ele também, um coureleiro e, como os outros, sabia que, ao fim da vida a sua herança era apenas a fê infatigável em grandes dias para a campanha (p. 40).

Assim conhecemos o Loas no início da história e assim ele será até ao fim: aferrado ao sonho e à palavra, esta será o meio para atingir aquele, mas também para perdê-lo. O ser igual a si não significa que ele se trace um caminho recto e não lhe fuja; muito ao contrário, é a sua instabilidade (p. 39) que o marca desde logo. O ser igual a si, sem que a vida o transforme — como ao Barbaças e à Joana — consiste em ser nas mudanças persistente. Essa instabilidade dá-lhe forças para sofrer, de espírito levantado, os reveses. Predominantemente bom, é capaz de velhacarias, das quais se arrepende (p. 315); ruma a coléras terríveis que o esgotam, levando-o a uma tristeza resignada, quase repousante (p. 120).

Planeja sempre. Que os outros realizem, ele fará novos planos. Do seu aspecto pouco saberíamos, se não fossem os olhos claros que o distinguem dos outros, cujos olhos não conhecemos. Olhos azuis, olhos claros de ave marinha (p. 186), que a cólera pode transformar em dois riscos de sombra, duas fendas de um abismo (p. 118), mas que são quase sempre suaves, comparativos, capazes de procurar a inspiração das distâncias (p. 248), estender-se pela charneca, ultrapassar a charneca, fugir das coisas próximas e concretas, perdendo-se num mundo interdito (p. 249); olhos de advinho do futuro (p. 25). O Loas é, pois, o homem que olha e que fala: pelo olhar adentra-se no sonho, manifesta-se; pela fala convence, persuade, dirige, contacta com a gente e as coisas: fala pelo gosto de falar, fala para provocar a resposta que lhe vai agradar. E o que ele faz com o Vieirinha quando, desejoso de saber o que dizem da burra, retém o companheiro depois de quase o haver expulsado; quer ouvir as palavras agradáveis à sua vaidade e ouve a palavra fatal: a burra tinha pertencido à leprosa. Aprendiz de feiticeiro, o Loas manejava o objecto mágico — a palavra — e não soubera travá-lo no momento azado.

3.1.4 VIEIRINHA

Experiente, viajado, aventureiro, mulherengo, o Vieirinha é um grande palrador, por isso mesmo a sua companhia é procurada pelo Loas. Como este, deixa-se levar pelas próprias palavras, que criam uma realidade independente dele, que as profetizava: Vieirinha não o ouviu. As palavras tinham atingido o embalo desejado (p. 140). Por causa de mulheres, impede o Barbaças de comprar a burra com o dinheiro do Loas; por causa de outra mulher, causa a morte da burra comprada pelo Loas com o dinheiro do Barbaças.

3.1.5 ALICE

Não sabemos que idade tem; sabemos que é calada,

mas de cara expressiva: «Raramente abria a boca; mas os seus olhos e o rosto usavam uma linguagem tão expressiva que não precisava de palavras para nada» (p. 51). Feliz e bulhosa, gosta de animais e só se entristece quando a separam da burra; entende-se muito bem com o Barbaças.

Como o pai, é «um rebento da charneca» (p. 303); da mãe herdou o silêncio, de ambos a persistência numa ideia, a fidelidade a um afecto; mesmo sabendo que será castigada, ludibria a vigilância dos pais e vai encontrar-se com a sua querida burra.

3.1.6 MAI DONADO E CORTES

São os dois, com D. Quitério, os representantes da burguesia nessa história de gente miúda. São «os lavradores», orgulhosos deste título, que se lhes adere, recusando-o a um coureleiro, como o Loas (p. 132), mas são diferentes entre si: o Cortes, mais irónico e zombeteiro, o Maldonado, mais violento (p. 132r), mas capaz de alternar a rispidez com certa simpatia «que nele anunciava certa espécie de sentimentalidade» (p. 144), que o outro atalha com a falsa generosidade de dar dinheiro ao Loas, na verdade para ter o papel principal. Enquanto Cortes só aparece na micro-sequência a que chamamos «Ascensão» («Desenvolvimento e Consumação»), é o Maldonado agente importante de toda a micro-sequência «A obtenção do dinheiro», onde se revela vingativo, cruel e prepotente, representando para o Barbaças a inconsciência e a opressão (p. 183).

3.1.7 O SECRETARIO DA CÂMARA

De passagem pela vila, é hóspede do lavrador Cortes e é de passagem — muito rápida — que surge na narrativa, «estranho à casa, estranho ao ambiente» (p. 134). O Narrador informa-nos sobre o seu estado de espírito com quatro participios da área semântica da perturbação e da tristeza: entristecido (p. 132), entontecido (p. 139), melancólico (p. 141), emocionado (p. 145). Mas o que mais importa é saber por que assim se sentiu entristecido (inscientemente): porque ouviu do Cortes que «no Alentejo só resiste o proprietário que mereça este nome. Aos outros, basta uma seca para os liquidar». (p. 132). Essa sensibilidade explicará por que foi o único a compreender o pranto inesperado do Barbaças (p. 141).

Não é actante este personagem, mas destacamo-lo pela sua presença a falar e pela sua significação como elemento intersticial da sociedade provinciana, entre os ricos e poderosos lavradores, e os coureleiros e ganhões: pequeno funcionário, um daqueles empregados da câmara de vida inútil e vazia «fechados/ na penumbra das paredes/ curvados pràs secretárias/ fazendo letra bonita»

3.1.8 A BURRA

Personagem nunca ausente da história, desde que o Loas deixa de sonhar com uma parrelha para se contentar com uma besta (p. 35) até ao último momento, em que o sangue da besta se embebe na terra negra (p. 334), ela realizará a sua própria acção de puxar a charrua, lavrando a terra, mas será também o elemento catalizador indispensável: em sonho ou em reali-

Continua na página seis

NOTAS DE LEITURA

Saiu o n.º 9 do mensário «Crítica», que nos meses de Agosto e Setembro estará em recesso, devendo reaparecer em Outubro. Os críticos do mensário continuam a fazer perguntas. Eis algumas:

Sobre «O Dinossauro Excelentíssimo», de José Cardoso Pires: «Uma obra menor?» (Eduarda Dionísio):

Sobre os repertórios das companhias teatrais: «Mas por que se faz este teatro e não se propõem os clássicos? Que dificuldades levantaria uma comédia de Plauto (nem sequer muitos actores, à volta de cinco) ou Terêncio? Que dificuldades levantaria Ben Johnson, Farquhar, Wycherley, Regnard, Goldoni, Calderon? Porque nos esquecemos tanto deles e nos lembramos sempre dos mesmos (quantos «Tartufos» em Portugal nos últimos dez anos? Quantos «Inspeciores Gerais»? Quantos «Ursos», «Pedidos de Casamento», «Malefícios do Tabaco»? Porque nos esquecemos? Porque desistimos de os encenar (de os chamar ao nosso tempo)? Porque nos esquecemos de que no palco a encenação põe um texto a falar? Porque nos esquecemos de procurar nos textos aquilo que nos interessa? Ou apenas porque nunca ouvimos falar disso e não conhece-

mos? Ou porque não queremos? Mas: Quem escolhe os repertórios das companhias? E se os critérios não são coisas para se perguntar por eles (quem sabe disso?) o mesmo não direi das razões. Porque se esquecem os clássicos? Porque não vemos Feydeau nas nossas tábuas? Nem Marlowe? Nem Ariosto? Nem Sá de Miranda? Nem Aristófanes? Nem Webster? Nem Ford? Nem Marivaux? Nem Gil Vicente? Nem Cruz e Silva? Nem Beaumarchais? Nem Ibsen? Nem Gorky? Nem... Se é bem verdade que cada momento histórico se define também pela tradição que a si próprio chama, pelo corte que realiza no seu passado, qual a tradição que nos vai nomear? E que teatro é este de portas fechadas ao enorme e admirável prazer da História? (Jorge Silva Melo).

Sobre «Os Clandestinos», de Fernando Namora, Manuel Gusmão, depois de acusar o autor de «oportunismo literário e ideológico», pergunta: «E a falta de pudor? E a falta de respeito pelo leitor?».

Sobre «A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança», de António José da Silva, encenado por Joaquim Benite no Grupo de Teatro do Campolide Atléti-

co Clube, pergunta o mesmo Silva Melo:

«Mas: ... não será um espectáculo que pensa o «povo» como os actores portugueses o apresentam: de mão na anca, chinela no pé e bilha a encher?»

Não será um espectáculo que recorre a truques dos mais baratos do mais vulgar dos teatros profissionais em vez de, como seria justo, procurar uma linguagem própria e um caminho só seu?

— será um espectáculo claro ou apenas confuso e alegre pela quantidade de coisas?

ou seja: será na verdade um espectáculo popular? ou só um espectáculo convencionalmente popular? um espectáculo popular com uma «bem burguesa» ideia de povo?»

Sobre a «A 10.ª Turista», de Armindo Mendes de Carvalho, pergunta G.S.:

«A hipótese que levantarei será a de ser «A 10.ª Turista» um poema satírico em forma de diálogos e não uma peça de teatro. Será? É mesmo como sátira, terá muita graça?»

Afirmção do mensário: os jornais diários não andam satisfatórios, por várias razões que se apontam, entre as quais uma que vem em último lugar: a mudança «flou» dos limites do possível. Faz-nos lembrar a



história daquele almirante que se justificava em 82 itens por não ter disparado os canhões do seu cruzador ao ser envolvido pela esquadra inimiga. Último item: tinha-se-lhe acabado a pólvora num combate anterior.

Enfim: os jornais diários não satisfazem «Crítica». Mas a «Crítica», satisfaz a quem?

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Pantera Cor de Rosa», Rua dr. Oliveira Salazar, 44-B ALMADA



AGFA-GEVAERT



Sorteio Agfacolor

O SEU FILME.

AGFACOLOR CT 18

...DAS CÔRES NATURAIS

Torne ainda mais agradáveis as suas férias!

Sorteio Agfacolor

No fim de cada um dos meses de Junho, Julho e Agosto será realizado um sorteio de 50 barcos pneumáticos com o valor unitário de Esc. 850\$00.
 Habilita-se. Compre películas AGFACOLOR CNS, CT 18, AGFACHROME, CT 13 S ou CK 17 SUPER 8.
 Concorra até ao dia 20 de cada um dos meses referidos.
 Consulte o seu fornecedor habitual.

CRIME, "SUSPENSE" E "BEST-SELLERS"

Continuação da página um

de saúde, parece ser um agente de polícia raciocinando sobre os estranhos assassinios perpetrados à sua volta. Afinal, apercebemo-nos de que se enganou, e também que o verdadeiro detective é o psiquiatra que dirige a instituição.

O americano John Dickson Carr, que viveu numerosos anos em Inglaterra e foi nitidamente influenciado pela lealdade própria dos seus colegas britânicos, introduziu, por seu turno, uma inovação original no seu livro *"The Reader is Warned"* (O leitor fica avisado). Nele o autor faz figurar, no fim da página, notas respeitantes aos indícios descobertos pelo seu herói, o dr. Gideon Fell. O leitor, porém, deve possuir um espírito singularmente vivo para determinar o valor destas chaves.

Gideon Fell é um ser gigantesco que se apoia em duas bengalas para segurar a sua imponente massa física. Como a maior parte dos detectives que descendem directamente do Dupin de Pie, conta com o seu sentido lógico mais do que com as suas proezas físicas para trazer os malfeitores perante a justiça. Na mesma ordem de ideias, Jacques Futrelle inventava, no começo dos anos 1900, uma personagem denominada «a Máquina de pensar». Tratava-se de um professor acerbo e irascível chamado Augustus Van Dusen que, dotado de um espantoso poder de concentração, achava no espaço de algumas horas a solução de casos que desconcertavam a polícia havia semanas. Os casos interessantes eram assinalados ao grande homem por um repórter chamado Hutchinson Hatch, que se encarregava igualmente de todas as investigações necessárias.

O pouco sociável Nero Wolfe poderia ser o filho da «Máquina de pensar» (foi igualmente comparado com Sherlock Holmes). Vedeta de uma das séries policiais mais populares alguma vez escritas, anima 44 romances de Rex Stout, que o descreve deste modo: «130 quilos de intransigência, misógino confirmado, áspero e intratável encerrado (salvo raríssimas excepções) na sua vetusta casa nova-iorquina de pedra castanha, com um milhar de orquídeas preciosas na sua estufa construída sobre o telhado,

um milhar de livros no seu gabinete, um mestre extraordinário na sua cozinha e tendo como único assistente e confidente Archie Goodwin».

Este pode fazer remontar a sua filiação ao Dr. Watson, colaborador e admirador sem reservas de Sherlock Holmes, passando por Hutchinson Hatch. Relata as aventuras de Wolfe de uma maneira leve e espiritual, e percorre Nova Iorque de lés a lés a fim de verificar as deduções do seu gigantesco mestre. Porém, em contraste com a «Máquina de pensar», que se interessa pelos enigmas por orgulho e para não tornar a ser distraído do seu trabalho pelos problemas que Hutchinson Hatch e a polícia lhe apresentam, Wolfe fá-lo mediante remuneração financeira — e os seus serviços, embora valham sempre o dinheiro que custam, não estão ao alcance de todas as bolsas.

Rex Stout escreve desde 1912. Em 1928, tinha já ganho meio milhão de dólares, mas só se tornou célebre depois de ter criado Nero Wolfe, em 1934. Tem a sua teoria para explicar a popularidade dos romances policiais: «*Mais do que qualquer outro género literário*», diz ele, «*alimentam o mito favorito do homem, o do Homo sapiens, do animal racional. Ora, em minha opinião, uma das funções mais importantes do cérebro é encontrar razões para as decisões tomadas sob a influência da emoção*».

Nero Wolfe, «a Máquina de pensar», Auguste Dupin, nenhum deles é o tipo de homem que se gostaria de convidar para alegrar uma reunião de fim-de-semana. Correspondem à concepção do detective — pouco recomendável, mas eficiente — que esteve na moda durante algum tempo. Eis como Octavus Ray Cohen, em cujas obras o humor se misturava com a violência, descrevia uma destas pouco sedutoras personagens, que tinha como método deixar falar o suspeito, porque, afirmava ele, «*é sempre possível que um fio de verdade se destaque de um tecido de mentiras*»:

... «*Jim Hanvey era exageradamente volumoso, informe, e os seus trajes de confeccão cara pendiam de maneira grotesca*



Edgar Poe

do seu corpo desairoso. Um pescoço de uma altura ridícula e de uma largura espantosa suportava a sua enorme cabeça — face avermelhada, cabelos raros e mal penteados, faceiras, orelhas pendentes e papada. Os seus lábios eram espessos e moles, e os seus olhos... totalmente desprovidos de expressão. Eram grandes globos ternos de olhar adormecido, olhos de cego». (Hanvey, remunerado por homens de negócios e companhias de seguros, dá-se sobretudo com criminosos; tal como verdadeira polícia, procede lealmente para com eles e dirige-se de bom grado a denunciá-los a fim de obter informações).

Os detectives dos romances policiais podem classificar-se em quatro categorias: o polícia, o investigador particular, o amador de talento e o protagonista involuntário. Este último grupo compreende aqueles que trabalham e vivem numa atmosfera habitualmente estranha ao crime, mas que, como resultado de um aborrecido conjunto de circunstâncias, vêm pesar sobre eles suspeitas muito graves ou são levados a proteger um suspeito que lhes merece uma atenção especial.

O amador de talento — esteta e diletante fascinado pelo crime — conheceu um êxito duradouro, mas o seu prestígio começa a ocultar-se. No decurso dos anos 20, foi incarnado pelo Philo Vance de S.S. Van Dine, dotado, segundo o seu criador, «*de um faro prodigioso para os aspectos escondidos das pretensas banalidades da vida*». Especialistas em pequenos objectos da China, em argenteiras de luxo, em poesia fim de século e em campanhas complicadas, Vance dirige as investigações em 12 romances de Van Dine (o qual, sob o seu verdadeiro nome de Willard Huntington Wright, era uma autoridade em matéria de arte e um crítico respeitado). A não ser isso, os livros onde aparece são todos construídos pelo mesmo modelo: vários suspeitos são sucessivamente eliminados pelo seu próprio assassinio, até ao momento em que as investigações se circunscrevem a um punhado de «possíveis», entre os quais se encontra geralmente o assassino.

Actualmente, Van Dine é praticamente ilegível. Segundo tudo leva a crer, a sua falta de humor contribuiu em larga medida para esfumar a voga do amador distinto. O seu estilo sobrevive contudo, nomeadamente nos romances de Harry Keleman, cujo herói é um rabino, chefe espiritual de uma pequena congregação judaica numa cidade da Nova Inglaterra. Na verdade a ideia de transformar um ministro do culto em detective nada tem de original, antes pelo contrário: o inglês Gilbert Keith Chesterton escrevera antes uma brilhante série de obras consagradas a um padre católico cheio de intuição, o padre Brown. Porém, os romances de Keleman destacam-se por um estilo agradável, assuntos astuciosos e uma maneira inteligente de utilizar o âmbito do drama policial para dar uma explicação séria da religião judaica.

O rabino, David Small, é isento de vaidade, não arma em super-homem e consagra-se essencialmente à sua vocação. Como o padre Brown, tem um amigo que é chefe da polícia e o consulta acerca dos assuntos criminais em curso. A diferença está em que, para encontrar a chave do mistério, ele utiliza a lógica do Talmude em lugar de apelar para o seu conhecimento das motivações e do comportamento humanos. Além disso, considerações secundárias vêm enxertar-se na intriga principal — exemplo: o rabino não perderá a confiança da sua congregação? — e assumem uma importância tão grande como o tema fundamental.

Os homens da lei fazem igualmente excelentes detectives. O mais conhecido, e de longe, é Perry Mason, devido ao espírito fértil de Erie Stanley Gardner. Deste escritor prolífico que morreu em 1969, não sabemos muito. Não escrevia os seus romances, mas ditava-os, dispondo de uma equipa de colaboradores comparável, parece, à de Alexandre Dumas. Publicou mais de 100 volumes, a maior parte dos quais tendo como figura central o advogado de defesa Perry Mason; os outros, escritos sob os pseudónimos de Douglas Selby e de A. A. Fair, contam respectivamente as aventuras de um procurador-geral e de uma equipa de detectives particulares.

As façanhas de Perry Mason foram adaptadas para a televisão americana, onde fizeram as delícias de um público que se conta por milhões. Raymond Burr, o actor que desempenhava o papel de Mason e que os telespectadores puderam ver num folhetim policial, ouvia dizer frequentemente: «O senhor é exactamente como Stanley Gardner descreve o personagem nos seus livros.» «O que era es. ranho, pois jamais nas dezenas de livros que lhe consagrou, o autor esboçou o menor retrato físico do advogado: valia mais, pensava ele, deixar que cada um o imaginasse à sua vontade. Seja como for, na maioria dos casos,



Georges Simenon, o criador de «Maigret»

a solução verifica-se no decurso das deposições de testemunhas que, nos Estados Unidos, precedem o processo propriamente dito e cuja atmosfera é menos tensa do que a de uma audiência clássica. Empurrado para as suas derradeiras defesas pelas sábias deduções de Mason, o assassino sente-se esmagado e resolve confessar.

No decurso dos anos 30, o romance policial começou a ter como herói já não o amador ou o investigador involuntário, mas o profissional — polícia ou detective particular. Esta tendência teve sobretudo a sua origem na obra de Dashiell Hammett cujo famoso «Falcão Maltês» seria considerado por Rex Stout o «romance policial mais próximo da perfeição alguma vez escrito».

O próprio Hammett fora um destes investigadores particulares cuja vida rude e sem glória ele conhecia. Todavia, por muito duros que possam parecer, os seus heróis são aureolados de romantismo e parecem-se com os de Ernest Hemingway, que tinha da moral uma ideia muito precisa: «E, aquilo que nos dá a impressão de estarmos bem na nossa pele». Em «O Falcão Maltês», Sam Spade persegue o assassino do seu associado porque, «neste ofício, quando o nosso sócio é morto, é preciso fazer qualquer coisa». Até ao fim, ele será inflexível. Quando se apercebe de que a assassina é precisamente a mulher que ama, não hesita e entrega-a à justiça. Todavia, garante-lhe que, se for condenada a vinte anos de prisão, esperará por ela, se for condenada à forca, nunca a esquecerá. Hammett introduziu igualmente no mundo do livro policial uma espiritual equipa conjugal, Nick e Nora Charles, que enfrentam uma situação difícil em «The Thin Man» (O homem magro).

Este romancista, que possuía uma vasta cultura, foi imitado por vários escritores de talento, entre os quais Raymond Chandler. Este último resumiu a filosofia do seu detective particular Philip Marlow em quatro palavras, que constituem o título de uma das suas obras, «Murder is My Business» (O crime é a minha ocupação). Num ensaio, expôs as novas regras do jogo e explicou por que razão Marlowe era verdadeiramente, para ele, um herói:

O homem que circula nestas ruas sórdidas não deve ser nem sórdido, nem tarado, nem sensível ao medo... Precisa de ter uma personalidade consumada e sair do vulgar, continuando ao mesmo tempo a ser perfeitamente natural. Deve comportar-se como homem de carácter, simultaneamente por instinto e por necessidade inelutável, mas sem pensar e, sobretudo, sem falar disso... A sua vida particular não me interessa de modo algum, mas ele não é nem um eunuco, nem um sátiro. Suponho que poderia seduzir uma duquesa, mas estou certo de que respeitaria a virtude de uma donzela. Se tem princípios num dado domínio, tem-nos em todos. É relativamente pobre, senão não seria detective, e trata-se de um homem vulgar, senão não poderia misturar-se com as pessoas vulgares. Penetra a natureza profunda

dos seres, qualidade indispensável no seu ofício. Não lesa ninguém, mas não suporta qualquer insolência e toda e qualquer falta na matéria provoca da sua parte uma fria e justa vingança... A sua linguagem é a da sua época — humor brutal, sentido extremamente vivo do ridículo, repugnância pela hipocrisia e desprezo pela mesquinhez. Naturalmente, é predisposto para a aventura, e a sua espantosa perspicácia é inata, pois faz parte do mundo em que ele evolui. Se houvesse muitos homens como ele, a vida seria segura sem ser doce e valeria a pena ser vivida».

Este credo de Chandler é adoptado pelos melhores elementos da escola dita «dura» em virtude do carácter teimoso dos detectives particulares que aí exercitam o seu faro. Entre os autores mais admirados actualmente figura Ross MacDonald, cujo herói, Lew Archer, especializado na procura das pessoas desaparecidas, passa o seu tempo a descobrir cadáveres ao longo da costa ocidental dos Estados Unidos, os romances desta série destacam-se por bons diálogos e um sentido agudo do cenário — o qual se situa regra geral na região de Los Angeles.

Ross MacDonald é o pseudónimo de Kenneth Millar, professor universitário que desposou uma mulher de letras, ela própria autora de romances policiais de sucesso, Margaret Millar. Afirma que estas histórias lhe proporcionam um panorama favorável à exposição de temas pessoais ligados ao seu passado e às suas emoções.

Todavia, no começo dos anos cinquenta, Mickey Spillane fez voar em estilhas a auréola romântica do homem decidido e irrepreensível. O seu detective, Mike Hammer, é uma espécie de sádico cujas ideias se exprimem perfeitamente num livro significativamente intitulado, «I, the Jury» (Eu, o júri). Nele Hammer é simultaneamente procurador, juiz, júri e executor. Quando se apercebe de que a mulher que ama é culpada de assassinio, não a entrega à Polícia: dá-lhe um tiro no ventre. «Como pudesste fazer isso?», pergunta ela. «Fácilmente», responde ele. Este justiceiro não resolve os problemas pensando neles durante muito tempo. A sua especialidade consiste em arrancar, sem dó, a verdade não só aos culpados mas também aos inocentes. É um amoral que age sem reflectir, um perseguidor de mulheres cujo código passional é mais ou menos o do homem de Néanderthal.

Durante vários anos, Spillane bateu os records de venda dos escritores de língua inglesa. Depois, bruscamente, cansado deste êxito desmedido, deixou de escrever e entrou para uma ordem religiosa. No fim dos anos sessenta, abandonou-a para escrever dois livros. Porém, não teve outro remédio senão reconhecer que os tempos tinham mudado.

John Putnam Thatcher, protagonista de dez romances policiais de que se venderam mais de 70 000 exemplares, contrasta singularmente com Hammer, o violento. Vice-presidente e chefe do serviço dos depósitos do «terceiro banco comercial de todo o mundo», preocupa-se mais em esclarecer casos de importantes assassinios e roubo do que em desmascarar e fazer deter os defraudadores que puseram cheques falsos em circulação.

A personagem de Thatcher foi criada por duas mulheres da alta sociedade, as quais adoptaram o pseudónimo comum de Emma Lathen. Uma delas é economista e a outra, jurista, ocupa-se das sociedades de investimento. Encontraram-se em Harvard nos anos cinquenta, quando frequentavam respectivamente os cursos da Escola de Administração Pública e da Escola de Direito. Decidiram de improviso que o seu detective seria banqueiro, pois «não existe sector da vida americana onde um banqueiro não penetre». As intrigas que elas imaginam giram sobretudo em redor de temas da actualidade: a revolução grega de 1967, a venda de trigo americano à União Soviética, as perturbações causadas pela questão dos direitos civis. Por outras palavras, interessam-se por assuntos muito mais vastos do que a maioria dos autores de romances policiais de evasão, e os seus livros abrem a porta a perspectivas sociais exteriores à pergunta clássica: «Quem é o culpado?»

Quanto aos romances que ilustram o processo policial oficial, o seu objectivo é apresentar o crime e a descoberta dos culpados da maneira mais verosímil e «cingir-se» o mais possível à realidade. Nos belos dias do amador de talento, a Polícia era geralmente representada por imbecis e desastrados, finalmente confundido pelo investigador de deduções infalíveis. Nas séries em que o detective particular é rei, os defensores da ordem aparecem mais ou menos corrompidos ou procuram impedir a descoberta da verdade. Assiste-se aí frequentemente aos esforços feitos pelos «particulares» para demonstrar à Polícia, disposta a detê-los, que não foram eles que cometeram o crime. A sua acção é assim reforçada por um móbil muito mais poderoso do que a simples necessidade de justificarem os seus honorários.

O verdadeiro romance «policial» — aquele em que a máquina policial ocupa um lugar essencial — apresenta evidentemente as coisas sob um prisma diferente. Conheceu os seus primeiros êxitos em França, onde Gaboriau o introduziu. Há já vários anos que o belga George Simenon é o melhor nesse género. Na América, Ed McBain e Del Shannon imaginaram, neste espírito, histórias realistas que mostram, sem romantismo nem exageração fantástica, o funcionamento dos serviços policiais. Sobre o mesmo tema, Chester Himes escreveu variações cheias de humor pondo em cena polícias negros de Harlém.

Quanto a Ellery Queen, ocupa uma posição intermédia entre os amadores e os profissionais. Exprime-se na primeira pessoa, sem que a identidade dos verdadeiros autores, Frederic Dannay

Continua na pág. seis

NOÉMIA DELGADO



OLIVIER NORMAN

Escrevia folhetins para os jornais e as mulheres, sobretudo, adoravam-no, devorando aquelas duas colunas à quinta-feira.

«Ao fim de cada semana com a ajuda da irmã (a viúva Mrs. Smith) lia a extensa correspondência que lhe era enviada.»

Umas pediam mais histórias românticas do galã Tedd. Outras, lamentavam a bela Esther que se havia suicidado no lago coberto de nenúfares. Outras...

«Um belo dia, Oliver recebeu a mais linda carta da sua vida.» Esta queria vê-lo a ele, em pessoa. Era professora primária nos arredores. Escrevia ela «...pessoa de imaginação tão brilhante, que raros momentos de felicidade não poderá proporcionar à fiel companheira, testemunha silenciosa da grande criação do homem?...»

Foi um dia de trabalho quase perdido. Tinha marcado encontro com a professora, nesse fim de tarde. Passou o dia em grande nervosismo, distraído, o que os colegas de trabalho muito estranharam «como assim! o impossível?» Ao almoço quase não falou com ninguém.

Caso excepcional, nesse dia pediu ao patrão para sair meia-hora mais cedo. Funcionário tão zeloso, bem o merecia.

Chegada a hora, ele saiu apressadamente do escritório. Dirigiu-se às pequenas ruas onde sabia encontrar os alfarrabistas. Rebuscou entre os livros velhos, indecisos. E decidiu-se por «NICY CARTER-O cadáver falsificado». Meteu-o debaixo do braço, e partiu. Chegou à esquina da rua onde parava a florista do costume. Comprou um cravo vermelho que pôs na lapela do fato cinzento. Olhou timidamente para o vidro da montra, observando a sua figura. Compôs a gravata. E dirigiu-se para o jardim.

Lá estava ela, de cravo vermelho na mão, conforme o combinado. Vestia, sóbria e de escuro. A carteira no colo, as mãos delicadamente cruzadas. Olhava para longe, parecia sonhar. «Entre os trinta e os quarenta...»

Ela teve um sobressalto. Ele entregava-lhe o livro, um pouco desajeitado. «É um dos meus melhores livros... com pseudónimo, é claro.» As palavras custavam-lhe a sair. Ela sorria. Já cheia de ternura.

O jardim de Alcântara parecia suspenso nessa tarde de primavera.

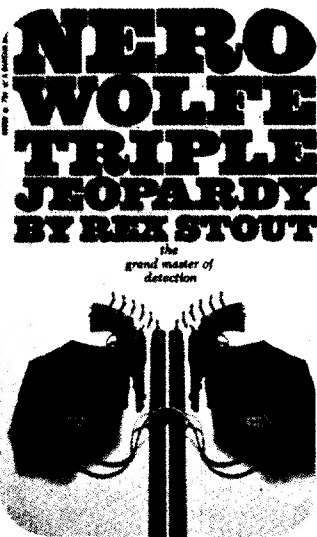
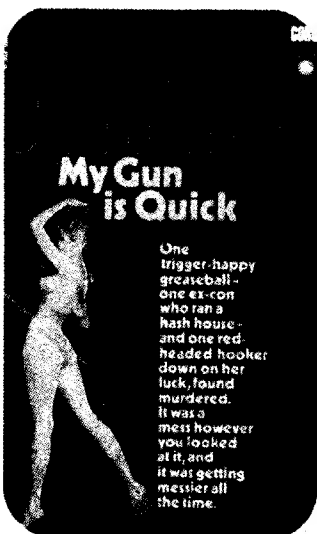
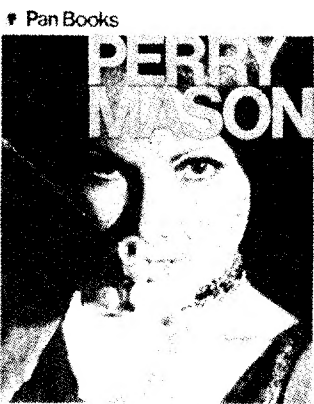
Oliver Norman, pseudónimo de Acácio Garcia, o colaborador do jornal, já pouco lia as cartas que as admiradoras lhe enviavam. Não tinha tempo. Todas as semanas tinha de «esfolar» aquelas duas colunas, que ia receber ao fim do mês. Dava jeito. E assim as cartas iam parar (por vezes intactas) ao cesto dos papéis, que por sua vez era colocado à porta da rua, para despejo.

O sr. Silva trabalhava no notário, no 1.º andar. Todos os dias passava por ali, e via aquele montão de papéis. Também ele, seguia as aventuras que Oliver escrevia. E um dia pegou numa carta, caída ali no chão. E leu. E passou a recolher discretamente todas as cartas que encontrava. Respondia a algumas, e guardava-as na gaveta, que fechava à chave.

Mas um dia não resistiu, e enviou mesmo a resposta à professora. «Pecado de amor, não é pecado...» dizia ele para consigo, tentando sossegar a consciência.

Nunca o jardim esteve tão bonito como nessa tarde, repararam o sr. Silva e a dona Fernanda, já de mãos timidamente embrulhadas.

«Meses mais tarde, houve grande consternação no notário. O sr. Silva tinha-se suicidado. Nunca se soube porquê.»



um carro é um carro! **SIDIAL** é uma garantia!



há horas de sorte...

Calcule! decidimos oferecer aos nossos clientes, a partir de 1 de Fevereiro de 1972, a possibilidade tentadora de por sorteio, no fim do ano, virem a receber em barras de ouro, o valor total do carro comprado. Tente-se! a nossa oferta pode ser sua. Há horas de sorte...

CONCESSIONÁRIO **CHRYSLER DE PORTUGAL**

O TRIGO E O JOIO

Continuação da página três

dade, é quem precipita acções e reacções, permanecendo intacta, igual a si. E ainda terá um sentido oculto para os dois personagens centrais da estória: para o Barbaças, a burra «ia ligá-lo a um mundo que ele levava tempo a descobrir» (p. 211); para o Loas, ele «era a seara, a própria terra na sua infatigável procriação» (p. 270). Talvez por isso tivesse preferido uma burra a um burro: «as burras são mais macias» (p. 63).

3.1.10 A TERRA

Duas regiões de Portugal constituem o espaço da história que se poderia estudar num item à parte: o Norte e o Alentejo.

Acontece porém, que, se ambos são o espaço real ou imaginado em que se movem os personagens, são eles também personagens, pois que actuam, atraem ou repelem, consubstanciam o sonho. Identificam-se à gente.

Sem realidade material na história, o Norte está na memória e no desejo de Joana (uma vez apenas ele se pro-

jecta na realidade da floresta onde ela se refugia, de volta do virtuoso); ela terá «o Norte húmido e verde até ao fim, presente nos sentidos» (p.39); flores e legumes, vinhas, pinheiros são a sua paisagem. O vento que sopra do Norte «é magro e puro» (p.301), é «o vento másculo que desentorpece os sentidos; ela o busca, como busca «as árvores que purificam o ar dos pulmões» (p.302). No contacto com elas, Joana sente a «magia do bosque» (p.303), integra-se na paisagem, e, tomada de misticismo, sente que «os deuses se iam identificando com as árvores, com as folhas, com o próprio rumor do vento».

Mas a grande presença espacial da narrativa é o Alentejo; a charneça; a planície interminável; nela; o trigo.

Além de assinalar-se pela extensão: «o Alentejo, a largueza abençoada» (p.134), «um mar de searas» (p.50); pela indolência, calor, moleza, gordura e cheiro intenso, a terra e o trigo têm, como a mulher, cabelos, cílios, ventre. Desta assimilação terra/mulher numa só per-

cepção do Narrador e dos personagens, passa-se naturalmente ao campo da sensualidade, da voluptuosidade e do erotismo, da quase lascívia, da homologia: **Alentejo/mulher: «a atmosfera quente repleta, quase lascívia, tinha um odor de mulher. Tinha o odor do trigo. As narinas do Loas freiam de sensualidade»**; (p.165); o Loas, amando a terra, desejando-a como se desejasse fecundar um corpo de mulher, era no entanto impotente para traduzir tudo isso em acção: (p.36) porque, para ele, «o homem podia colaborar nessa fecundidade, mas nunca devassá-la» (p.168). Para o Barbaças, também, «da charneça nua partia um convite capcioso» (p.222) com qualquer coisa de mágico, que o próprio Barbaças sente como um sortilégio (p.36) ou um feitiço (p.285) e o Loas como uma magia (p.166) de que ele participa.

4. CONCLUSÃO

Retomando e resumindo: desde o título, o livro apresenta-se como a expressão de uma tensão dialéctica que vai organizando funções e personagens em dicotomias sincrónicas e diacrónicas, que já apontamos, todas elas estruturadas em relação aos elementos básicos: trigo/joio.

O título, remetendo ao texto bíblico, desencadeia uma série de relações paradigmáticas, e sintagmáticas, estas não só no processo originado a partir daquelas, mas no encadeamento de situações que, indicadas pela presença da parábola evangélica, passam a ser também conotativas; além das que apontamos, poderíamos acrescentar o caminhar da burra ao encontro do sacrifício (de que já falámos sob outro ângulo) e o derramamento do sangue inocente.

E Joana quem sacrifica; é ela que, sem poder esperar o tempo da ceifa, cortando o joio, corta com ele o trigo: ela, que dissera ao Barbaças que lhe punha nas mãos o sangue de todos (sangue que o Barbaças derramou na feira mas pôde reaver, transformando-o na burra). Era, pois, a princípio, o sangue da pequena família (Loas, Joana, Alice), será também o do Barbaças e já então o da burra. O sacrifício é pressentido pela natureza que amanece: «E, de súbito, rompeu uma aurora vermelha, incendiando a neblina» (p.330) e entendido em toda a plenitude pelo Loas: «Também o céu vinha assistir à carnificina. Mas não era apenas a morte da burra. Ele, a courela e os sonhos ardentes seriam misturados nessa brutal agonia» (p.331).

O sangue que correu do olho estilhado da burra «foi alastrando, abrindo nervuras na terra negra. Já não era sangue da besta. Era a courela que gemia um suor

de agonia, um suor de sangue. E nem um vento áspero, esse vento emigrado das montanhas do Norte, faltou ali para lhe enrugar a superfície viscosa e coagulada» (p.334).

Que significou o sacrifício? A fusão total dos quatro moradores da courela com a burra e a terra alentejana, através desse sangue comum que o vento do Norte vem arrepiar, não identificado com ele mas com ele solidário. Um mistério de transubstanciação que Joana indicara e de que fora a sacerdotiza, malgrado seu.

E que resultado do sangue derramado? No fim da narrativa, retorna-se a uma situação que se vai tornando periódica: o Loas, que tivera uma parreira e a perdera, teve uma burra e a perdeu; a um período de busca e a outro de posse, seguiu-se o momento da perda, não uma mas duas vezes, o que indica a continuidade cíclica do processo. E o livro não se fecha com uma solução: fica em aberto, diante da impossibilidade de realizar-se o sonho do Loas dentro da sociedade em que busca inserir-se e que o repele, e o seu sonho não era tão ambicioso queria lavrar a terra e receber-lhe a resposta generosa. Nem isso lhe é concedido: o joio (a lei da sociedade) é na verdade mais forte que o trigo.

Esta a mensagem neo-realista da obra, tanto mais válida quanto menos agressiva: em nenhum momento o narrador insiste sobre o aspecto miserável das coisas e das gentes; pouco sabemos da casa, dos móveis, das roupas que vestem; sabemos que têm o suficiente para comer. Ao Barbaças e à Alice, basta-lhes a burra; Joana quer plantar flores e legumes, um pouco do seu Norte; só o Loas quer mais, quer «acrescentar grandes coisas ao mundo», fazendo de suas mãos, sair uma seara de trigo (p.45). Esse mais que ele deseja não se materializa em uma melhoria de vida para si ou para os seus; é, isso sim, uma realização do seu destino de alentejano, para quem o trigo é um fado a cumprir. E algo que foge à estreiteza do individual ou mesmo do familiar: do desejo de emulação ou de competição. O Loas não quer ser como os lavradores Maldonado ou Cortes, não quer ter o que eles têm. Atraído pela «magia da planície», pelo «feitiço da seara», o seu sonho de fecundá-la não vai além dessa posse, misto de erotismo e religiosidade. Sonhador, idealista, o Loas, apesar de mais inteligente e letrado que o Barbaças, em nenhum momento se dá conta, como este, de que «há forças inamovíveis, e teias de inconsciência e de opressão que se devem romper».

Vítima inocente e insciente de uma fatalidade social, o Loas, a perseguir o seu sonho — uma utopia! — sintetiza a denúncia de um status em que o joio sufoca o trigo, e continuará a sufocá-lo.

DIFICULDADES “ESPECÍFICAS” DO MUNDO DO LIVRO

A exiguidade do mercado, livreiro, a concorrência do livro estrangeiro, o pendor paternalista, o receio tradicional e os prejuízos financeiros resultantes de certas intransigências são referidos no relatório anual da editora Arcádia, publicado no Diário do Governo. «A nossa actividade exerce-se num meio caracterizado por algumas dificuldades específicas», afirma-se no relatório. «Queremos, referir a exiguidade do mercado potencial, a concorrência do livro estrangeiro e o pendor paternalista, bem como o tradicional receio acerca do que damos a ler ou deixamos ler ao nosso vizinho. Apesar de se reconhecer uma certa abertura dos espíritos e uma menor intransigência na definição e na aplicação dos padrões do que a nossa sociedade pode não tolerar, do que é ou não permissível — ainda assim fomos surpreendidos, e prejudicados financeiramente por apreensão de um clássico famoso e discutido em todo o mundo livre, que editámos na con-

vicção de que poderia ser oportuno e útil ao público português. Pensou-se que poderia ser um meio, moderado e temperado pelo tempo, de favorecer — na massa abundante das publicações eróticas e pornográficas — uma diferenciação entre os produtos menos nobres de uma indústria de bens de consumo que explora curiosidades pouco lisonjeiras da dignidade individual e certas obras de uma literatura com tradição firmada em muitos países que nos servem de modelo. Simultaneamente, fomos também surpreendidos pelo levantamento da interdição que pesava há muitos anos sobre dez títulos das nossas colecções onde se incluem livros de importância científica e conteúdos ideológicos muito diversos. Talvez não haja qualquer contradição e, assim, a Arcádia continuará a sua audaciosa orientação de pluralismo ideológico e de acompanhamento das manifestações do espírito que consideramos mais relevantes e actuais!».

CRIME, “SUSPENSE” E “BEST-SELLERS”

Continuação da página anterior

e o falecido Manfred L. Bee, dois primos que fizeram desta série de narrativas uma verdadeira indústria, seja mencionada. Ellery Queen é um investigador muito cortês que ajuda a título pessoal seu pai, o inspector Richard Queen, da polícia de Nova Iorque. As suas aventuras respeitam as regras do jogo. Um pormenor original contudo: o autor pára por vezes no momento mais palpitante para perguntar ao leitor se conseguiu resolver o mistério graças aos indícios de que dispunha.

Haveria ainda muito a dizer sobre o romance policial. Para dizer a verdade, o assunto é inesgotável. Assim, limitar-nos-emos a destacar alguns escritores como Frederic Brown e Isaac Asimov, que associaram a detecção policial à ciência-ficção, ou Lillian de La Torre, que recorreu ao passado para maquiñar intrigas cujos fios encarregava Samuel Johnson, ensaísta londrino do século XVIII, de desenredar.

E certo que nunca faltaram críticas segundo as quais este género nada tinha que ver com a literatura e que, em todo o caso, ninguém deveria renovar um domínio tão repisado. O intrépido exército dos leitores nem por isso se mostra menos firme no seu posto, sempre pronto a seguir as pistas mais difíceis e a entregar impiedosamente os assassinos à justiça.

FÉRIAS DO PESSOAL AUTOMÓVEIS CITROEN S.A.R.L.

ENCERRAM DE 7 A 27 DE AGOSTO

Durante o período de encerramento permanecerá uma equipa de Serviços Rápidos na Oficina da Avenida Defensores de Chaves n.º 12 em Lisboa. A venda de Peças Soltas e Carros Novos está igualmente assegurada.

Outros pontos de Assistência Citroen em Lisboa que não encerram naquele período:

LUBRICAR — Av. Guerra Junqueiro, 7
TECNAUTO — R. Abílio Lopes do Rego, 2
SOVENDO — Av. Infante Santo, 15
SCAL — Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 74-C

GARAGEM AUTO-TEJO — R. de Xabregas, 1

atelier de pintura gravura e desenho

PINTURA INTEGRAL LINO 1968 1972

aberto das 15 às 24 horas até 5 de Agosto
Rua Ricardo Espírito Santo, 11 — LISBOA

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS
A
PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555



«BOLTON»

PORTAS BASCULANTES PARA GARAGEM

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

«BEST-SELLERS» DA SEMANA

- 1) «O LIVRO DO MISTERIOSO DESCONHECIDO», R. CHAR-ROUX
- 2) «INFERNO DE MULHERES», C. BERNADAC
- 3) «TEXTOS DE INTERVENÇÃO», ALMADA
- 4) «AS TRÊS FILHAS DA SRA. LIANG», P. BUCK
- 5) «MOEDAS», CARLOS ANTÓNIO SESTRO
- 6) «A PSICOLOGIA», JEAN PIAGET
- 7) «HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA»
- 8) «OS CLANDESTINOS», F. NAMORA
- 9) «A OUTRA ALEMANHA», JANIS JOPLIN
- 10) «OS SETE MINUTOS», IRVING WALLACE

Pesquisa realizada nas principais livrarias de Lisboa e Porto

IMPORTAÇÃO, COLECCÃO, PROSPECÇÃO, SATISFAÇÃO

Sonia Delaunay, Vieira da Silva, Arpad Szénes, Poliakoff, Jean Miotte, amanhã Kolos — Vary e outros mais já anunciados, além dos jovens que a Galeria S. Francisco programa com maior ou menor acerto mas com louvável mérito geral eis mercado artístico português animado por menos internacionais que podem e devem caucioná-lo.

O mercado é um tanto a vida artística de que ele é parte integrante em proporção variável, conforme o grau cultural do local onde a dita vida se processe, definida por parâmetros não-comerciais, de museus, ensino, edição, crítica jornalística, instituições culturais diversamente especializadas.

Sonia, Vieira e Szénes foram apresentados a dois níveis, na Fundação Gulbenkian e em galerias comerciais, isto é: para ver e para vender, o segundo nível tirando do primeiro uma garantia de qualidade. Bom cálculo mercantil, sem dúvida, tão cauteloso quanto acertado, numa espécie de desinência cultural de consumo. Mas outros artistas foram lançados no mercado sem encosto de prestígio apenas apoiados na fama do próprio nome, maior ou menor, conforme a informação do público, entre o qual dois ou três colecionadores privilegiados já tinham ou podiam ter obras suas. E venderam-se na mesma.

É notável a transformação do mercado, como já temos visto e não é demais insistir nos seus vectores — mais ou menos nobres, de gosto e cultura, como de colo-

cação de capitais, ante a inflação larvar. Parece-me certo que, feitas as contas, um (bom) desenho de Almada que pode subir, em vinte anos, do simples ao centuplo tem vantagens nítidas sobre uma acção da Companhia X que (no melhor e mais raro dos casos) apenas sextuplicou, dizem-me, o valor inicial. 10 000 por cento é melhor do que 500 por cento, toda a gente o sabe; e se não for 10 000 pode ser 50 ou mesmo 100 num ano só, o que também não é mau, se atendermos a dividendos de 5 por cento e a depreciações monetárias anuais de 15 por cento!

É pois de comprar. Mesmo de «Comprar, meus senhores!»... E de compôr a colecção como se compõe uma carteira de títulos, com nacionais e estrangeiros. Que seja possível comprar estes aqui mesmo, sem passar nos mercados suíços ou outros, é certamente cómodo e não muito desvantajoso. No fundo, a pintura é uma das poucas coisas que, importada, não aumenta de preço, ou muito pouco, dada a internacionalização necessária das cotações. Há mesmo situações em que, para drenar o excedente dum mercado saturado, se praticam preços especiais para exportação — quando não para conquistar novos mercados. Assim se poderá passar com a admissão de artistas estrangeiros e a oferta de nacionais — se de artistas e suas obras se pode falar como de simples fabricantes e seus produtos...

...É claro que se pode e, até, deve, se em certos planos nos colocarmos. No pla-

Folhetim-artístico de José-Augusto França

no de quem viva à custa disso — intermediários diversos, produtores e consumidores interessados muito mais do que interessados; e no plano dos sociólogos da arte (ou dos «objectos de civilização», mais latamente), estes interessados e não interesseiros, se bem que (confessemos-lo...) um tanto divertidos com o que de fantasista (e até fantástico) se passa, em ingenuidades e sofreguidões muito portuguesas de um mercado em explosão...

No primeiro destes planos encontrar-se-ão porém (e ainda bem) «marchands» capazes de assumir papéis motores no quadro da produção — como acontece em outros meios e centros. Um René Drouin nacional, uma Jeanne Bucher ou um Pierre Loeb portugueses poderão talvez existir. Esperemos que sim — porque é tal existência que define a situação cultural do mercado e a valorização deste no seio da vida artística.

Não sei quantas vezes escrevi esta palavra «mercado» no presente folhetim — e também não vou contá-las. Na vida artística nacional não se fala, de resto, noutra coisa; e nela tenho falado também — para chamar a atenção sobre os seus

perigos, armadilha de incautos que constitui um mercado inorganizado, aleatório na especulação dos preços, sem cotas firmadas e comprovadas, definido (?) numa oferta-procura sem pés nem cabeça ou «à la tête du client»...

... Ora é nisso que a importação pode ter um papel valioso, de elemento catalítico e disciplinador indispensável. Mas é nisso também que a melhor informação do comprador pode agir, defendendo-se de assaltos à sua inexperiência. Uma melhor informação cultural — que leva anos a adquirir, muito vendo, algo reflectindo e afinando gostos e programas. Não se improvisam colecionadores, como não se improvisam «marchands», como não se improvisam artistas (como não se improvisam críticos, digamo-lo também...).

Preferir valores seguros é, sem dúvida, um seguro caminho — mas reparando bem que um valor assim não é apenas garantido por uma

assinatura prestigiosa. Todos os pintores fazem coisas sem interesse e colecionar «assinaturas» é como colecionar selos ou caixas de fósforos — mas não é o mesmo que colecionar obras de arte. Muito cuidado, pois, na qualidade intrínseca dos quadros — ver, ler, escolher. Cuidado também com as auto-repetições meramente comerciais que imitam épocas mais felizes ou pretendem apenas dar sobrevivência aos autores — o que é, com certeza, respeitável, dum ponto de vista humano, mas muito menos dum ponto de vista estético, ou seja histórico. Que não pode deixar de se traduzir em baixa de qualidade — como é inevitável, com inevitável desvalia futura.

Um parêntesis: Mormente em Portugal tal fenómeno se verifica, com uma explicação cultural básica. É que, não havendo uma vida artística secularmente estruturada nem uma criação historicamente contínua, os artistas realizam-se quase sempre *contra* e essa situação agudamente individualista, difícil é aguentá-la muito tempo.

Acontece então que Fulano, Cicrano e Beltrano tiveram um período bom — período às vezes bem limitado, em meia dúzia de anos. Depois, deixaram falecer a sua própria estrutura (nem

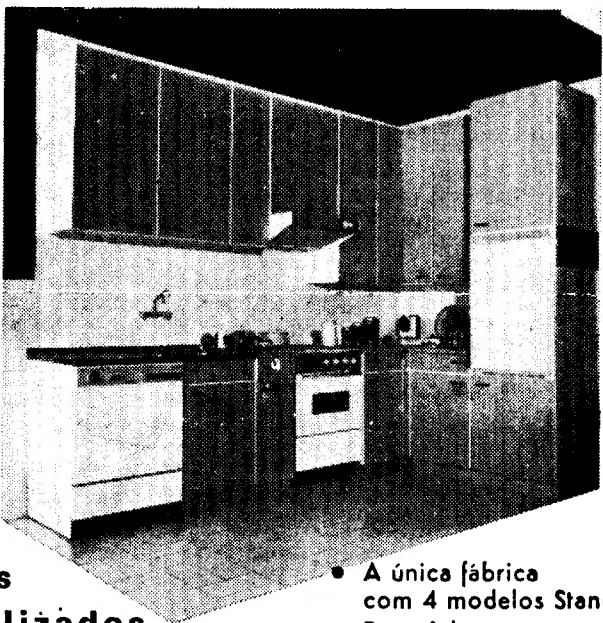
sempre, afinal, bem definida) e foram na onda — facilmente, fatalmente... Um quadro de Fulano de 1925 é mesmo um «quadro de Fulano»; não um quadro do mesmo Fulano de 1965 — que apenas traduz alguma apagada (se não vil) tristeza. Moral deste parêntesis: quem não saiba de história de arte, ou não seja capaz de lá chegar por leitura crítica — o melhor é não colecionar obras de arte. Moral dedicada aos incipientes colecionadores — colocadores de capitais — especuladores portugueses...

... Mas não há só os «valores seguros» — o que em calão de Bolsa se chama «colocação de capitais de pai de família» — com maior ou menor intenção especulativa: há também os valores novos, que é preciso (saber) prospectar, descobrir — com coragem, tacto, gosto, muita generosidade. E mesmo que se insista, neste plano, em pensar proveitos, chama-se a isso, não já «colocação» (passiva) mas «investimento» (activo), como distinguiria um economista que não sou, decerto eu.

Porque o gosto de descobrir e de escolher económico não será, mas com certeza é digno de quem acredita na arte e de quem dela precisa para satisfação pessoal; não para se ganhar dinheiro mas para se ganhar a si próprio...

COMOLEX

A COZINHA QUE A SUA CASA MERECE



Móveis Normalizados

- A única fábrica com 4 modelos Standard Especial — portas em casquinha Palace — Luxo — Normal —
- Totalmente revestidos
- laváveis interior e exteriormente
- adaptáveis ao espaço disponível

Consulte-nos!

A nossa qualidade e os nossos preços permitirão tornar realidade o seu sonho

COMOLEX móveis, lda.

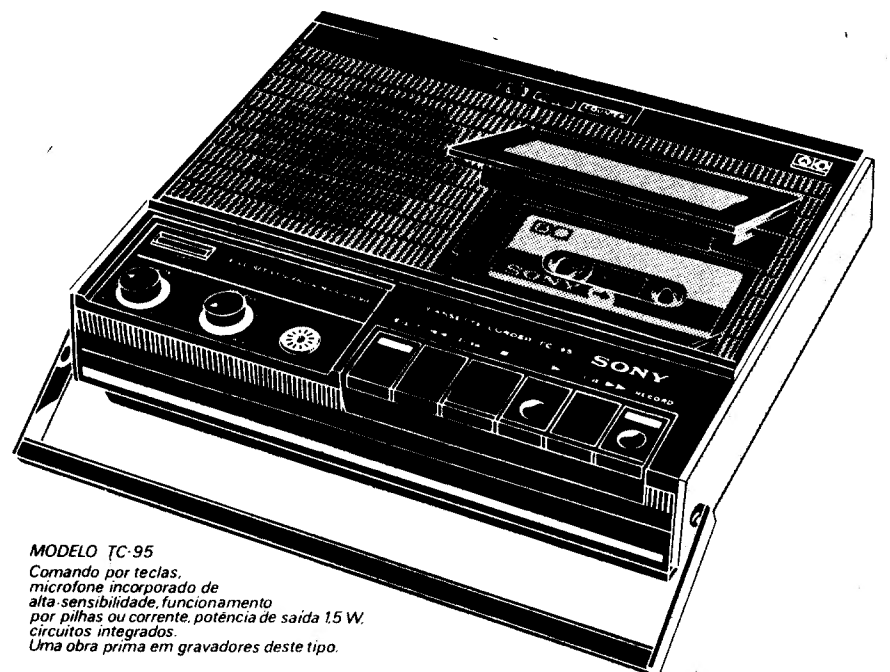
Exposição e Venda Av. Berna, 24-A — Lisboa Telef. 77 61 47
Fábrica Av. N. Sr. do Castelo, 37 (Telef. 6 21 51) — Coruche

Para onde quer que vá ouça boa música, tenha sempre presente a companhia agradável da sua música preferida!...

Alegre a vida com música, leve consigo um dos 8 MODELOS de gravadores de cassettes da SONY. Sim, tem nada mais nada menos do que 8 MODELOS à escolha e ainda os modelos combinados

Rádio/gravador. É formidável, mas lembre-se que estamos a falar da...

SONY



MODELO TC-95
Comando por teclas.
microfone incorporado de alta sensibilidade, funcionamento por pilhas ou corrente, potência de saída 15 W.
circuitos integrados.
Uma obra prima em gravadores deste tipo.

Veja-os no revendedor SONY mais próximo e lembre-se que os produtos SONY dispõem de total assistência técnica.

MEMORIAL

A MORTE/AS ARANHAS/ÉSQUILO/EXÍLIOS

— **Professor, como vamos?**
— **Mal. Este enfizema acaba por matar-me.**

Ele ia passando na esquina da Ipiranga com São Luis, as costas vergadas, solitário como de costume. Nos últimos anos só ia de Araraquara a São Paulo para ver o filho ou apurar novidades na casa de Sarmiento Pimentel. Tornara-se homem de poucas falas, desiludido e céptico.

— **Este ano estaremos todos em Portugal** — consolava-o Sarmiento Pimentel.

Se as saudades o roiam ou não, quem poderia dizê-lo? A verdade é que não pretendia voltar. Tinha recordações terríveis que, supunha-se, pensava passar ao papel, se as aulas lhe deixassem tempo e a saúde abalada o permitisse.

Era muito respeitado pelos seus alunos em Araraquara, apesar da segura no trato e da comunicabilidade quase nula. Definava como tronco de árvore da catanga, os olhos diminuíam por trás das lentes, o rosto afilava-se, as mãos tremiam-lhe naquela aflição de não poder fumar.

Não fomos propriamente amigos, mas companheiros de uma esperança que se gorou. Tudo somado, devemos ter trocado, em meia dúzia de encontros, outras tantas palavras.

Sarmiento Pimentel servia vinho do Porto e salgadinhos feitos em casa.

— **Este ano voltamos, este ano voltamos** — repetia, sempre optimista nos seus quase oitenta anos.

Para Adolfo Casais Monteiro não houve regresso.

II

Experiência teatral: vejo os actores em volta de uma mesa, nos displicentes ensaios de leitura. Nenhum debate prévio, nenhuma procura de uma linha inteligente e adequada ao meio cultural e ao tempo político. Alguns têm uma relativamente longa convivência de palco, mas continuam a ler mal, trocam palavras, gaguejam, suprimem passagens. Não me admira que não entendam os textos que lhes entregam, de Tchecov a Ana Diosdado. Certo: os encenadores ajudam pouco. São, de modo geral, profissionais desactualizados e sem imaginação. Mas também os actores parecem cada vez mais desprovidos de poder criador: dependem estritamente das instruções que recebem e nada acrescentam à pobreza destas. **Actores por adição**, chama-lhes Jacinto Ramos. E os críticos ajudam a construir algumas reputações falsíssimas, apontando actorzinhos indisciplinados e rudimentares como intérpretes de nível shakespeariano. Nesta crise que vem de longe todos se queixam e todos têm culpas. Só que todos preferem o papel de juizes, o mais brilhante e o que mais facilmente ajuda a sacudir a água do capote. Teatro, entre nós, é uma

indústria que sobrevive penosamente à custa de subsídios e da popularidade de três ou quatro actores. O resto é aquela indigência que arruina até mesmo as alegres comédias dramáticas importadas de Madrid para tapar buracos no Verão.

III

Tomo nota de um nome: Afonso Cautela. Nunca o vi, sei vagamente que escreve umas prosinhas de cotio dizem-me ser useiro e vezeiro em hostilizar terceiros para manter certa notoriedade que a sua insignificância de crítico lhe não garante. Pela segunda vez, recebo recortes em que este frenético cultivador dos resíduos do «Kitsch» se me refere em termos insolentes, comparando-me a um tal senhor Melo do mensário «Crítica», que também não conheço e que ele classifica de «salchicheiro». Anteriormente responsabilizara-me por manobras de silenciamento em relação ao filme «Pedro Só», dando curso leviano a conversas de café. Eu poderia usar as posturas em vigor, como faz o próprio Cautela, para obrigá-lo a explicar-se claramente e a despenhar-se da sua teia de aranhão venenoso. Mas acho que seria gastar cera com ruim defunto. O mais que vale dizer é que, em matéria de «kitsch», prefiro o Umberto Eco. Ele pode ser entendido por toda a gente, «até por universitários», como diria o aracnídeo.

IV

Ésquito em Leiria. Na noite ventosa, os persas gemem: «**Ai de nós, ai de nós**». Somos umas vinte pessoas no castelo. Miguel Franco, alma penada destes festivais de arte, queixa-se do desinteresse dos leirienses. Mesmo na escassa vintena de espectadores, a maioria veio de longe. À minha frente ondula ao vento a cabeleira bravia do Bernardo Santareno. Na primeira fila, encolhido e atento, Mário Braga. No ar esvoaçam algumas frases de Miguel Franco: «**riachos e olivedos**», «**hortas e pequenas adegas**», «**fraguedos amáveis**», «**aguarela lânguida, desfalecida**», «**as ruelas e praças de outros tempos, as pedras medievais, os perfis e ângulos guerreiros a abrirem-se à vida**», «**grácil arbusto**», a recordação do «**enleio nupcial**» de um par real diante das malícias do Mestre Gil naquele mesmo castelo. «**Ai de nós, ai de nós**», gemem os persas, num coro débil e desafinado. Lá em baixo, Leiria, dorme, depois de um «**día ardente**» passado ao Sol nas praias e nos pinheiraís. Que interessa a Leiria esta fatal derrota de Xerxes diante da maravilhosa Atenas? Que interessa a Leiria o espírito de Dario vagando nas ameias do castelo como uma rísel mágica de revista? Que interessa a Leiria esta paupérrima récita esco-



Foto de LUÍS PONTES

lar, esta contradança de amadores chacinando o grande teatro grego com a mesma incompetência com que as hostes de Xerxes marcharam para o extermínio?

Noite alta, regresso a Lisboa ouvindo no rádio a música de Theodorakis, reflexo de tragédias gregas mais recentes.

V

— **Português das vacanças! Português das vacanças!**

Baleal, sete da tarde. A difícil viagem de retorno por uma via estreita, com carros estacionados nas duas margens: o que sobra para uma faixa de trânsito mal dá para uma viatura.

— **Português das vacanças! Português das vacanças!**

Tudo começou por uma questão de prioridade: o homem do carro com matrícula alemã saltou feito uma fera e foi pedir explicações a uma jovem que tentara entrar primeiro na via estreita.

— **Já se esqueceu do código ou está a querer armar sarilhos?** perguntou o homem, de dedo em ris-te e veias estourando na fronte.

A jovem respondeu no mesmo tom:

— **E você? Tirou a carteira na Alemanha?**

Seguiu-se uma troca de insultos. As companheiras da jovem riam. A esposa do emigrante também saltou do carro para brandir o dedo e proferir ameaças.

— **E vem a gente matar saudades p'ra isto!**, lamuriou-se o homem para o povo que logo se juntou.

Armando Blanco